

Edila Vianna da Silva
Ivo da Costa do Rosário
Maria Anna de Souza Gerke
Nilza Barrozo Dias

Volume | 2

Português III





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português III

Volume 2

Edila Vianna da Silva

Ivo da Costa do Rosário

Maria Anna de Souza Gerke

Nilza Barrozo Dias



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Edila Vianna da Silva

Ivo da Costa do Rosário

Maria Anna de Souza Gerk

Nilza Barrozo Dias

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Flávia Busnardo

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne

José Meyohas

Maria Clara Pontes

Mariana Pereira de Souza

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

Juliana Fernandes

Ronaldo d'Aguiar Silva

CAPA

Fernando Romeiro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P853

Português III. v. 2 / Edila Vianna da Silva...[et al]. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

168 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-935-1

1. Português. I. Rosário, Ivo da Costa do. II. Gerk, Maria Anna de Souza. III. Dias, Nilza Barrozo. Título.

CDD: 460

2014.2

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia

Alexandre Vieira

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE

Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 10 – Orações subordinadas substantivas: fixação de conteúdos _____	7
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 11 – Subordinação: orações adjetivas _____	21
<i>Maria Anna de Souza Gerke</i>	
Aula 12 – Orações adjetivas: abordagem funcionalista. Funções dos relativos _____	33
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 13 – Emprego de conectores. Funções semânticas e discursivas. Efeitos de expressividade _____	49
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
Aula 14 – Ordenação de orações – padrões de colocação. Efeitos expressivos da colocação _____	63
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	
Aula 15 – Termos oracionais e classes de palavras: funções sintáticas, semânticas e discursivas das classes (parte I) _____	89
<i>Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 16 – Termos oracionais e classes de palavras: funções sintáticas, semânticas e discursivas das classes (parte II) _____	107
<i>Edila Vianna da Silva / Nilza Barrozo Dias</i>	
Aula 17 – Ordenação de termos: aspectos sintáticos e semânticos _____	131
<i>Edila Vianna da Silva</i>	
Aula 18 – Fixação de conteúdos _____	149
<i>Edila Vianna da Silva / Nilza Barrozo Dias</i>	
Referências _____	161

Orações subordinadas substantivas: fixação de conteúdos

Nilza Barrozo Dias

AULA 10

Metas da aula

Apresentar, numa abordagem funcionalista, a subordinada substantiva como um constituinte da oração principal, e a oração principal como propícia a expressar determinados valores semânticos.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os tipos de orações substantivas;
2. reconhecer alguns dos valores semântico-pragmáticos expressos pela oração principal.

INTRODUÇÃO

Vamos nos deter, no exemplo (1), na proibição expressa na mensagem de uma empresa.

(1) É proibido fumar.

Oração principal	É proibido
Oração subordinada – função de sujeito	[fumar]

O exemplo nos mostra que, sintaticamente, temos duas orações, porque temos dois verbos. A primeira oração – é proibido – é a oração principal, que é constituída de um verbo + um predicativo. Mas onde estará o sujeito? Ele se encontra na oração seguinte: fumar. Pode-se, então, observar que temos inversão de posição do sujeito, como pode ser analisado a seguir. Se fôssemos colocar na ordem direta, teríamos “Isso é proibido”.

Predicado	É proibido
Função de sujeito	[isso]

Geralmente, na nossa língua, o sujeito vem antes do verbo, e o objeto, depois do verbo – SVO, como no exemplo (2) a seguir.

(2)

O chefe	colocou	o aviso	na entrada do escritório.
Sujeito	Verbo	Objeto direto	

Mas, quando o sujeito é representado por uma oração, temos a preponderância de ordem invertida, com o sujeito vindo depois, ou seja: oração principal + sujeito oracional. Uma outra característica muito peculiar de algumas orações principais que selecionam um argumento oracional é a sobreposição de marcação de *atitude do falante*. Assim, no exemplo (1), temos o “é proibido”, que representa um valor semântico de **MODALIZADOR DEÔNTICO**.

Apresentaremos a aula em duas partes: na primeira, teremos os tipos de orações subordinadas e o modo como se articulam no texto falado; na segunda, o enquadramento das orações pelos tipos de verbos/nomes na oração principal e algumas das funções semântico-pragmáticas expressas por orações principais.

MODALIZADOR DEÔNTICO

Faz parte da modalidade que diz respeito às noções de obrigatório, permitido e proibido.

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS EM DADOS DE FALA

As orações subordinadas substantivas são as orações subordinadas por excelência, porque funcionam como constituintes de uma oração dita principal. Ou seja, as orações subordinadas substantivas funcionam como sujeito, objeto direto, objeto indireto e agente da passiva de um verbo que esteja na oração principal, ou como complemento de nome que faça parte da oração principal. Temos ainda as funções de predicativo e aposto: as sentenças predicativas ocupam a função do próprio predicator ou selecionador de argumento; já a oração apositiva apresenta um detalhamento de um nome que esteja na oração principal.

Podemos visualizar, com base na proposta da tradição gramatical, as funções sintáticas exercidas pelas subordinadas em relação à oração principal no **Quadro 10.1**.

Quadro 10.1: Oração principal e a projeção de argumentos

Subordinadas substantivas	Funções
	Sujeito
	Objeto direto
	Objeto indireto
	Agente da passiva
	Complemento nominal
	Aposto
	Predicativo

É bom destacar que as orações subordinadas substantivas podem ser chamadas de encaixadas completivas por completarem algum verbo ou nome da oração principal.

A oração agente da passiva pode ser considerada por alguns estudiosos como do grupo das hipotáticas adverbiais, e as orações que funcionam como aposto podem também ser vistas dentro do grupo das paratáticas ou coordenadas. Nós consideramos os dois tipos na análise das subordinadas substantivas ou completivas.

Vejamos, no exemplo a seguir, dois tipos de orações subordinadas substantivas que se articulam para construir a coesão textual.

(3) você não diga que Olinda desapareceu... não pelo contrário você não desconhece [uma pesquisa agora da ONU determinou o seguinte] [que Olinda é o maior conjunto barroco existente no mundo atualmente] (Projeto Nurc Recife).

Neste exemplo, podemos encontrar a oração principal com o constituinte sujeito expresso:

não pelo contrário	você	não	desconhece
	Suj.		Verbo
Oração principal			

Se ficassemos só com o sujeito expresso mais o verbo, teríamos um grande problema de compreensão, já que a sentença ficaria com sentido incompleto. Alguém nos perguntaria: “mas não desconhece o quê?” Assim, o restante da informação é importante para a compreensão da sentença. Esse restante oracional representa, sintaticamente, o objeto direto oracional do verbo “desconhecer”.

não pelo contrário	você	não	desconhece	[uma pesquisa agora da ONU determinou o seguinte]
	Sujeito		Verbo	Objeto direto oracional
Oração principal				[Oração subordinada – função de objeto direto]

CATAFÓRICA

A palavra catafórica remete a uma função linguística que diz respeito a algo que será dito no texto, posteriormente. Segundo Mateus; Xavier, 1992, em “Desde que Maria o deixou, o João nunca mais foi o mesmo”, o significado do pronome “o” da primeira oração é determinado pelo “o João” da segunda oração”.

Neste caso, podemos observar que a oração principal é constituída de sujeito e verbo, sendo o objeto direto a oração seguinte. Mas, na construção da coesão textual, o falante precisou acrescentar mais informação. Sintaticamente, a sentença apresentada está completa, contudo, a palavra “seguinte” possui função **CATAFÓRICA** por natureza, ou seja, ela indica que o falante precisa colocar mais alguma informação para que o seu ouvinte compreenda, de fato, a mensagem.

Assim, no exemplo a seguir, temos a oração – “que Olinda é o maior conjunto barroco existente no mundo atualmente” – que detalha o nome – “o seguinte” – que está na oração que funciona como oração principal. Assim, a referida oração funciona como aposto oracional de “o seguinte”. Podemos observar, nos exemplos citados, que uma mesma oração – “uma pesquisa agora da ONU determinou o seguinte” – pode exercer duas funções sintáticas: objeto direto da oração anterior e oração principal da oração seguinte.

uma pesquisa agora da ONU	determinou	o seguinte
Sujeito		Objeto direto
Oração principal		

[que Olinda é o maior conjunto barroco existente no mundo atualmente]
Oração subordinada – função de aposto

Vamos nos deter agora em mais um exemplo. No exemplo a seguir, temos uma oração subordinada que completa a valência do nome “medo”. Ou seja, se você tem medo, deve ter medo de alguma coisa. No caso em questão, o complemento da informação se faz sob a forma oracional.

(4)... eu agora teria medo [de... de deixar minhas filhas ir num rio] (Projeto Nurc DID Porto Alegre).

Eu	agora	teria	medo de..	[de deixar minhas filhas ir num rio]
Sujeito		Verbo	Nome	[Complemento nominal oracional]
Oração principal				[Oração subordinada – função de complemento nominal]



Atende ao Objetivo 1

1. Dê a função sintática das orações subordinadas entre colchetes.
- a) O endocrinologista proibiu teminatamente [que eu tenha mais filhos] (Projeto Nurc.D2 SP).
-
- b) É difícil saber [se teria sido consequência de tradição oral] ... [se eles teriam absorvido essa cultura no no no nos ... nos embates de cantoria] ... ou [se eles teriam lido alguma coisa] (Projeto Nurc.D2 Recife).
-
- c) Engraçado é que quando a gente viaja... a gente observa [que as frutas de outros estados são totalmente diferentes] (Projeto Nurc DID RJ).
-

RESPOSTA COMENTADA

1. a) A oração entre colchetes funciona como objeto direto do verbo "proibiu", que é o predicador da oração principal – "O endocrinologista proibiu teminatamente".

b) Temos a oração principal – "saber" – que seleciona o sujeito não expresso de valor indefinido – "alguém" – e três objetos diretos oracionais coordenados entre si, a saber:

- se teria sido consequência de tradição oral;
- se eles teriam absorvido essa cultura nos embates de cantoria;
- se eles teriam lido alguma coisa.

As três orações subordinadas são iniciadas pela conjunção integrante "se", estão coordenadas entre si, sendo que as duas últimas são ainda ligadas pela conjunção coordenativa "ou".

c) O exemplo possui a oração principal – "a gente observa" – cujo verbo seleciona o sujeito "a gente" e o objeto direto oracional "que as frutas de outros estados são totalmente diferentes".

PROPRIEDADES LEXICAIS E SEMÂNTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

A matriz ou oração principal pode se realizar com (a) predicados verbais e (b) predicados adjetivais/nominais.

A oração principal de uma subordinada substantiva pode ter outras denominações. Ela pode ser denominada oração matriz (GONÇALVES et al., 2008), sentença matriz (CASTILHO, 2010) e oração predicadora (DIAS; MOURA, 2011).

No grupo A, exemplificaremos com os verbos impessoais, os transitivos diretos e indiretos, e, no grupo B, ilustraremos com substantivos e adjetivos que exigem complementação. As matrizes mais comuns são com verbos transitivos (CASTILHO, 2010 e GONÇALVES et al., 2008).

Vamos iniciar mostrando algumas matrizes com verbos impessoais e com verbos transitivos.

GRUPO A:

- *Verbo impessoal*: a ação descrita na oração subordinada não é atribuída a nenhum sujeito ou pessoa gramatical, como no exemplo a seguir.

(5) *Começa* [que quase nem comparecem] (Projeto Nurc.D2 SP).

- Os verbos transitivos podem indicar os seguintes valores semânticos: elocução (dizer, declarar, informar etc.), volitivos (querer, desejar), causativos (deixar, fazer, mandar) perceptivos (ver, ouvir) e de cognição (saber e aprender), de modalidade (deôntica, epistêmica), entre outros valores semânticos.

Algumas ocorrências para ilustração com verbo transitivo.

Elocução: o **ATO DE FALA** é descrito na subordinada.

(6) Ele *disse* [que não sabia nada].

Volitivo: a informação contida na subordinada é objeto de vontade ou desejo do sujeito da sentença.

ATO DE FALA

Produção de uma manifestação linguística (ou enunciado) num determinado contexto discursivo, para realizar uma ação: informar, ordenar, etc.

(7) Ele *quer* [que ela vá embora].

Causativo: temos a atitude de um sujeito que compele, autoriza ou impede um outro sujeito de realizar a ação expressa na subordinada.

(8) Ele *deixou* [ele ficar em casa].

Perceptivo: expressa percepção direta de um evento do mundo real.

(9) Ele *viu* (viu de fato) [que a menina tinha chegado].

Cognitivo: expressa conhecimento do sujeito da oração principal acerca de eventos do mundo real.

(10) Ele *viu* (percebeu) [que a menina tinha chegado].

(11) Ele *sabia* [que a menina tinha chegado].

Ainda os predicados adjetivais e nominais, que selecionam orações subjetivas e completivas nominais, podem denotar valores aspectuais (indicam a frequência e a habitualidade do conteúdo expresso na subordinada), modalizadores (indicam valores epistêmicos e deônticos em relação ao conteúdo expresso na subordinada) e avaliativos (expressam uma avaliação subjetiva do falante em relação ao conteúdo expresso na subordinada), entre outros. Vamos observar o Grupo B.

GRUPO B:

Algumas matrizes ou a oração principal podem expressar também uma avaliação do conteúdo expresso na subordinada substantiva (DIAS; MOURA, 2011). Segundo Castilho (2010, p. 361), o conteúdo pode ser asseverado, posto em dúvida ou considerado como ordem. Assim, alguns *verbos ou adjetivos* que ocorrem na oração principal podem apresentar algumas propriedades semânticas *modalizadoras em relação à oração subordinada subjetiva* (NEVES, 2000), a saber:

- *Modalização epistêmica*: o falante expressa sua certeza nos dois primeiros exemplos ou dúvida; no terceiro exemplo, em relação ao conteúdo veiculado na subordinada.

(12) É *claro* [que ela vem hoje].

(13) É *certo* [que ele vem hoje].

(14) É *provável* [que ele venha hoje].

- *Modalização deôntica*: o falante expressa o conteúdo veiculado na subordinada como obrigatório. Veja o exemplo a seguir.

(15) Eu não tenho queixa dos meus alunos nunca precisei assim de ralar um aluno porque eu tenho poucos assim quer dizer que é por um... um de cada vez agora eu nunca lecionei numa classe inteira eu não sei como é que tratam, mas no meu tempo que eu era guria havia muito respeito agora o que eu vejo que as minhas colegas contam, eu fico horrorizada né?... o que que uma faz ou que se levanta ou qualquer coisa o professor já manda para a rua... eles não têm mesmo respeito eu acho que... se não tem é porque eu acho que os professores é que não... que não sabem exigir ou também é proibido [passar qualquer castigo] alguma coisa assim que no tempo da gente tinha né?... a gente recebia o seu castiginho... e agora já não...

- *Os avaliativos*: a avaliação pode ocorrer da direção da coisa nomeada para o falante e na direção do falante para a coisa nomeada (NEVES, 2008, p. 189). As sentenças avaliativas podem ser interpretadas como indicando que alguma pessoa, coisa, situação, ação, algum evento ou estado de coisas são analisados de modo negativo ou de modo positivo (DIAS; MOURA, 2011).



Atende ao Objetivo 2

2. Identifique as funções sintáticas das orações subordinadas entre colchetes e indique as propriedades semântico-discursivas da oração principal grifada.

a) *É preciso* [fórmulas para estimular a poupança] e [incentivar os investimentos no setor privado nacional].

b) *Eu acho* [que toda a escola devia praticar natação] (Projeto Nurc SSA).

c) *E bota a cabeça dele dentro do forno e diz* [que a temperatura média está ótima...] (Projeto Nurc.D2 Recife).

d) *A professora prometeu* [que a reunião seria hoje à tarde].

RESPOSTA COMENTADA

2. a) O exemplo (a) apresenta uma principal – “é preciso” – que seleciona duas orações na função de sujeito, sendo as duas coordenadas entre si. Além disso, podemos observar que a oração principal, grifada, apresenta-se com o verbo ser + adjetivo que expressa a função semântica de modalizador deôntico, ou seja, indica uma obrigação. O falante modaliza a obrigação em relação às duas informações sob a forma de orações subjetivas.

b) O exemplo (b) é representado por uma oração principal – “eu acho” – cujo verbo seleciona o sujeito “eu” e uma oração subordinada na função de objeto direto – “que toda a escola devia praticar natação”. O verbo “achar” é um predicado de modalidade por expressar modalidade epistêmica. A oração principal vem no início da sentença e acumula função semântico-discursiva de opinião do falante, em que o falante imprime o seu grau de certeza e descomprometimento em relação ao conteúdo expresso na oração sob a forma de objeto direto. Ou seja, ele não tem certeza se toda a escola deve praticar natação.

c) Em (c), a oração principal – “e diz” – é constituída do verbo de elocução “dizer” que seleciona um sujeito não expresso (ele) e um objeto direto oracional – “que a temperatura média está ótima”. O verbo

dizer descreve a realização de um ato de fala – “a temperatura média está ótima”. Isto é, a falante reporta o que ela ouviu alguém dizer em uma determinada atividade de fala. O que a falante ouviu dizer é expresso como oração subordinada na função de objeto direto.

d) Em (d), o verbo de elocução “prometer” seleciona um sujeito – “a professora” – e um objeto direto oracional – “que a reunião seria hoje à tarde”. O verbo prometer descreve um ato de fala realizado, ou seja, o que foi dito pela professora – “a reunião seria naquele dia, à tarde” – e, ao mesmo tempo, indica uma força discursiva diferente de dizer, já que o falante, ao reportar o ato de fala da professora, compromete-a com a informação veiculada, mas se descompromete, de algum modo, do que ela reporta. Afinal, quem prometeu foi a professora.

O exemplo a seguir representa uma avaliação marcada pelo julgamento do falante, tendo em vista padrões morais e sociais:

(16) Não nos é *lícito* [guardar segredo sobre relativo assunto].

CONCLUSÃO

Esta aula versa sobre orações subordinadas que funcionam como constituintes oracionais – sujeito, complementos verbais e nominais e agente da passiva; ou como a própria selecionadora de argumento, como é o caso das predicativas; ou ainda como aquela que detalha um nome da oração principal, como é o caso das apositivas. Abordamos ainda algumas características da oração principal: propriedades lexicais e características semântico-discursivas. A oração principal pode se realizar com predicados verbais e (verbo ser) + adjetivos ou substantivos. O grupo A é realizado por verbo impessoal e verbos transitivos, e o grupo B, por verbo *ser* seguido de substantivo ou adjetivo. A oração principal pode apresentar ainda valores semântico-pragmáticos que se sobrepõem à função sintática.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Dê a função sintática das orações subordinadas entre colchetes: sujeito, objeto direto e indireto, agente da passiva, complemento nominal, predicativo.

a) Olha... eu estava me afogando e ele me perguntou [se eu queria sair da água] (Projeto Nurc.DID POA).

b) Você vê [que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas]... (Projeto Nurc.D2 SSA).

c) [Trocar a cor do cabelo] pode ser uma vã tentativa de deixar os cabelos lindos.

d) O importante é [que o professor proponha diferentes atividades que envolvam diferentes processos mentais] (Projeto Nurc.EF, POA).

2. Classifique as orações entre colchetes e indique as propriedades lexicais e os valores semânticos da oração principal destacada.

a) *A mãe disse* [que eu era muito pequeno] (Projeto Nurc.DID POA).

b) *por exemplo... no setor odontológico... sabemos...* [que existe uma demanda... muito grande... atualmente... das pessoas... em relação... aos... respectivos sindicatos....] (Projeto Nurc.DID Recife).

c) Engraçado é que quando a gente viaja... a gente observa [que as frutas de outros estados são totalmente diferentes] (Projeto Nurc.DID RJ).

d) O governo acha [que a solução do, do chamado mundo econômico é a UPC] (Projeto Nurc.D2 RJ).

RESPOSTA COMENTADA

1. a) A oração subordinada entre colchetes exerce a função de objeto direto do verbo “perguntou”, que é o predicador da oração principal – “e ele me perguntou”.

b) A oração subordinada entre colchetes exerce a função de objeto direto do verbo “vê”, que é o predicador da oração principal – “você vê” – e denota valor semântico de perceber.

c) A oração subordinada entre colchetes exerce a função de sujeito de toda a sentença seguinte. Se você utilizasse a palavra “isso” no lugar da oração entre colchetes, teria: “[Isso] pode ser uma vã tentativa de deixar os cabelos lindos”, em que “isso” é o sujeito da oração seguinte.

d) A oração entre colchetes funciona como um predicativo, ocorre na posição pós verbo de ligação “ser” e tem como sujeito “o importante”.

2. a). A oração entre colchetes funciona como objeto direto do verbo dizer, que faz parte da oração principal “A mãe disse”. O verbo dizer faz parte dos verbos de elocução.

b) A oração entre colchetes funciona como objeto direto do verbo “sabemos”, cujo sujeito não expresso é “nós”. A oração principal – “por exemplo... no setor odontológico... sabemos” – apresenta o verbo “sabemos” como um verbo de cognição, ou seja, expressa o conhecimento do sujeito da oração, nós.

c) A oração entre colchetes funciona como objeto direto do verbo “observa”, que está na oração – “a gente observa”. Este verbo indica percepção direta do falante da informação contida na forma de subordinada.

d) A oração entre colchetes funciona como objeto direto do verbo “acha”, que está na oração – o governo acha. Com este verbo, o falante imprime ao seu enunciado um valor de modalidade. No caso do verbo achar, ele indica uma opinião do falante, um descomprometimento em relação à informação contida na oração subordinada, estando, portanto, dentre os epistêmicos.

RESUMO

Esta aula tem como foco as subordinadas que exercem a função de sujeito, objetos direto e indireto, complemento nominal e agente da passiva, além daquelas que funcionam como predicativo e como aposto. Todas estas são denominadas subordinadas substantivas pela tradição gramatical. O funcionalismo destaca, contudo, as peculiaridades das duas últimas: na função predicativa, a oração predicativa seleciona um sujeito e, na função apositiva, a oração apositiva detalha um nome de uma oração anterior, o que leva alguns teóricos a considerar esta última como parte das relações coordenadas. Na primeira parte da aula, mostramos as funções sintáticas que as subordinadas exercem e a qual oração principal elas estão articuladas. Destacamos que, em amostras de fala, uma mesma oração pode funcionar como objeto direto de uma determinada oração principal e ser ela a oração principal de outra subordinada, estabelecendo assim a coesão textual. Na segunda parte da aula, destacamos alguns valores semânticos de verbos e de nomes que ocorrem na oração principal e funcionam como predicadores ou selecionadores. Destacamos apenas alguns valores semânticos, já que as possibilidades são muito vastas.

Subordinação: orações adjetivas

Maria Anna de Souza Gerk

AULA

11

Meta da aula

Apresentar o papel sintático, os instrumentos e as características das orações subordinadas adjetivas.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a função adjetiva das orações;
2. diferenciar o papel restritivo ou explicativo das orações adjetivas;
3. empregar preposições antes de pronomes relativos no registro culto;
4. empregar adequadamente "cujo" e suas variações.

INTRODUÇÃO

Você lembra que as orações podem desempenhar funções sintáticas? E que um sintagma adjetival sob a forma de uma oração é chamado de oração adjetiva? Mas como são essas orações adjetivas? Como atuam junto à oração principal? Essas são questões que pretendemos desenvolver ao longo da aula de hoje. Além disso, pretendemos abordar um ponto que suscita muitas dúvidas em relação à classificação das adjetivas: por que restritivas e por que explicativas? Você vai concluir que essa classificação manifesta diferenças semânticas no uso das adjetivas e verificará que o assunto não é tão difícil.

SUBORDINAÇÃO: ORAÇÕES ADJETIVAS

Conforme já foi estudado, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), duas operações estão em jogo na organização do período: a coordenação e a subordinação.

O estudo das *orações adjetivas* encontra-se no campo da *subordinação*. Um termo subordinado desempenha em outro termo uma função sintática. Tal relação pode ocorrer tanto no período simples, entre termos de uma oração, quanto no período composto, entre orações diferentes, ou entre um termo de uma oração com outra oração, conforme mostram os exemplos a seguir:

PREDICADOR

É o constituinte do predicado que seleciona o sujeito e demais argumentos. O predicador pode ser um verbo ou um nome. Por exemplo, o verbo *ensinar* é um predicador que só aceita sujeito animado e preferentemente pessoa. “O professor ensina sintaxe” (no sentido próprio, uma *pedra* não pode *ensinar*). O verbo *chover* não aceita sujeito: “Choveu torrencialmente em Petrópolis”. Na frase, “João é professor”, o predicador é “professor”, que, por exemplo, não admite como sujeito do verbo *ser* uma palavra como *cachorro*, *areia* etc.

- (1) A professora [sorridente] conquistava a simpatia dos alunos.
- (2) A professora [que sorria] conquistava a simpatia dos alunos.

Em (1), o adjetivo “sorridente” desempenha a função sintática de adjunto adnominal de “a professora”, atribuindo-lhe uma característica, portanto é um termo subordinado a outro termo de uma mesma oração. Em (2), a oração “que sorria” desempenha essa mesma função sintática, a de adjunto adnominal, mas agora subordinada a um termo – especificamente ao sujeito (“a professora”) – de uma outra oração: “A professora conquistava a simpatia de todos”.

Em abordagens mais recentes, também se trata da subordinação como uma relação de dependência entre termos de uma mesma oração ou entre orações. Azeredo (2000, p. 174) afirma que todos os termos articulados com o(s) **PREDICADOR**(es) estabelecem com ele(s) uma relação de subordinação, ou seja, desempenham nele(s) uma função sintática. Para ele, um termo subordinado é constituinte de outro.

AS ORAÇÕES ADJETIVAS: CONCEITOS BÁSICOS

Certos modificadores que compõem os sintagmas nominais (SNs) e que a tradição classifica como “adjuntos adnominais” podem igualmente aparecer em forma de oração. É o que explicitam os exemplos a seguir:

- (3) Os alunos [interessados] apreciavam o trabalho da professora.
- (4) Os alunos [que eram interessados] apreciavam o trabalho da professora.

No exemplo (3), o termo “interessados” funciona como adjunto adnominal de “os alunos” e faz parte do mesmo sintagma nominal deste. No exemplo (4), a oração, “que eram interessados”, desempenha essa função em relação a “os alunos”, sujeito de uma outra oração. Na gramática tradicional (GT), essas orações são conhecidas como adjetivas, ou seja, na GT há uma referência à função que elas têm em comum com a classe dos adjetivos, de modificar o substantivo.

Quadros teóricos mais recentes nomeiam tais orações como “relativas”, pelo fato de serem introduzidas por um pronome relativo.

Esse pronome, que encabeça as orações adjetivas/relativas, além de unir a oração subordinada à principal, estabelece uma relação entre o substantivo a que se refere e a subordinada. É o que mostra o exemplo a seguir:

- (5) O lugar [onde moro] é barulhento.

O pronome relativo “onde” estabelece a ligação entre a informação de morar, trazida pela oração subordinada adjetiva, ao substantivo “lugar” presente na oração principal.

Bechara (2007, p. 486) considera que as orações adjetivas são aquelas iniciadas por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática na oração a que pertence.



Atende ao Objetivo 1

1. Reescreva as frases, substituindo os termos grifados por uma oração adjetiva:

a) A internet propicia a presença simultânea em universos *infinitos*.

b) Este é um caso *insolúvel*.

c) Engarrafamentos *arrasadores* da cidade pioram a cada dia.

d) A obriedade, *constantemente repetida*, encobre questões mais sérias.

2. Transforme as orações adjetivas em adjetivos:

a) Este é o zelador *que reside na escola*.

b) Estas são atitudes *que merecem admiração*.

c) Usou um gás *que provoca a morte*.

d) Assinou um contrato *que não se dissolve*.

RESPOSTA COMENTADA

1. Espera-se que o(a) aluno(a) substitua os termos grifados por orações iniciadas por pronome relativo:

a) A internet propicia a presença simultânea em universos *que não têm fim*.

b) Este é um caso *que não se pode solucionar*.

c) Engarrafamentos *que arrasam a cidade* pioram a cada dia.

d) A obriedade, *que se repete constantemente*, encobre questões mais sérias./A obriedade, *que é repetida constantemente*, encobre questões mais sérias.

2. a) Este é o zelador *residente (na escola)*.

b) Estas são atitudes *admiráveis*.

c) Usou um gás *mortal*.

d) Assinou um contrato *indissolúvel*.

ADJETIVAS RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS

Observe os períodos:

- (6) Os jovens *que estão acostumados com as novas tecnologias* encontram boas oportunidades de trabalho.
- (7) Os jovens, *que estão acostumados com as novas tecnologias*, encontram boas oportunidades de trabalho.

A leitura dos dois períodos, exatamente iguais, exceto pela pontuação, mostrará que (6) só poderá ser realizada caso se esteja restringindo o nome “jovens”; em outras palavras, a oração contribui para a construção do sentido do SN antecedente: “os jovens”.

Em (6), dentre os jovens, só os que estão acostumados com as novas tecnologias encontram boas oportunidades de trabalho. Os demais não encontram. Por outro lado, a leitura de (7) só tem sentido caso o conteúdo da adjetiva se aplique a todos os jovens. Esse segundo tipo de adjetiva, que aparece entre vírgulas – um recurso para representar a diferente curva entoacional que caracteriza sua realização –, é chamado de *explicativa*.

Segundo Duarte (2007, p. 214), esse rótulo de “explicativa” era usado para classificar adjetivos que tinham estreita relação semântica com os nomes que modificavam (“água mole”) em oposição aos que não tinham tal relação (“moça bonita”), rotulados como “restritivos” (nem toda moça é bonita). Para a autora, com o desuso dessa classificação, fica também sem sentido esse rótulo de “explicativas” para as orações adjetivas. Para ela, essas orações são semelhantes ao aposto: aparecem junto de um nome para lhe atribuir uma característica própria sem alterar seu valor referencial, e são realizadas, juntamente com esse nome, com uma prosódia característica. Daí vem a tendência atual de chamá-las “relativas apositivas”.

Quadro 11.1: Quadro comparativo da GT e da tendência atual

GT	Mateus et al.
Adjetivas	Relativas
a) restritivas	a) restritivas
b) explicativas	b) apositivas

Fonte: DUARTE, 2007, p. 215

TRANSPOSITOR ANAFÓRICO

Transpositor é a palavra que faz uma oração (subordinada) articular-se com um termo de outra (subordinante ou principal) e assumir uma função com esse termo. São transpositores as conjunções subordinativas e os pronomes relativos, que “transpõem” uma oração ao status de termo de outra. O pronome relativo tem a função anafórica de retomar o significado de um substantivo e, por isso, é um transpositor anafórico: conectivo subordinante e palavra de substituição (anáfora).

Para Azeredo (1990, p. 96), chamam-se *adjetivas* as orações introduzidas por **TRANSPOSITOR ANAFÓRICO**, as quais modificam um nome ou um pronome e que podem vir integradas no SN, como um adjunto, ou logo após ele, como um aposto.

Veja os exemplos:

- (8) Um carro *que tenha sete lugares* é o ideal para nós.
- (9) Meu pai, *que tem um carro grande*, pode nos levar à festa.
- (10) Alguém, *que tenha um carro grande*, pode nos levar à festa

Ainda para o autor, as orações adjetivas se dizem restritivas, quando, como adjuntos, contribuem para a identificação do ser a que se refere o antecedente, e explicativas (para ele, seria melhor dizer “não restritivas”) quando, ao contrário, são irrelevantes para essa identificação. Isso não significa dizer que elas sejam dispensáveis ao sentido da frase:

Com efeito, se é verdade que uma oração explicativa não contribui para a identificação da pessoa/coisa a que o antecedente se refere, pode, contudo, ser fundamental para justificar algo mais que se declare a respeito desse antecedente (AZEREDO, 1990, p. 97).



Atende ao Objetivo 2

3. Use vírgulas para separar a oração adjetiva quando ela for explicativa.
- a) O rio Amazonas que é o maior em volume d'água do Brasil é fonte de vida para uma infinidade de seres.
 - b) O Pão de Açúcar que fica na cidade do Rio de Janeiro é um belo cartão-postal.
 - c) As pirâmides que ficam no Egito são as mais visitadas.
 - d) As praias das quais você falou ontem ficam em Búzios.
4. De acordo com o seu conhecimento de mundo, identifique a frase pontuada corretamente e explique a sua escolha.
- a) As mulheres, que costumam ser mais prudentes no trânsito, pagam menos seguro de automóvel.
 - b) As mulheres que costumam ser mais prudentes no trânsito pagam menos seguro de automóvel.

5. Explique a ambiguidade presente na frase a seguir:

Existe um fascínio pelo poder que sempre fez parte da natureza humana.

RESPOSTA COMENTADA

3. a) O rio Amazonas, que é o maior em volume d'água do Brasil, é fonte de vida para uma infinidade de seres. (As vírgulas são obrigatórias, porque não há outros rios Amazonas, apenas um, portanto a informação de que ele é o maior em volume d'água só pode ser uma explicação. A característica em questão não o distingue dentre outros rios Amazonas.)

b) O Pão de Açúcar, que fica na cidade do Rio de Janeiro, é um belo cartão-postal. (É uma explicação. Não há outros Pães de Açúcar.)

c) As pirâmides que ficam no Egito são as mais visitadas. (Há pirâmides em outros países, não apenas no Egito, por isso entende-se que a oração adjetiva represente uma restrição.)

d) As praias que ficam em fundo de baía costumam ser poluídas. (A oração específica as praias que são poluídas; nem todas o são.)

4. a) A letra a está pontuada corretamente, uma vez que a oração adjetiva representa uma explicação. O seguro para automóvel de mulher é mais barato do que o de homem. Em nossa realidade, considera-se que as mulheres dirigem com mais prudência, logo a oração entre parênteses tem o sentido de uma explicação, e não de restrição.

5. A oração adjetiva "que sempre fez parte das ambições humanas" pode combinar tanto com "fascínio", quanto com "poder", daí a possibilidade de dupla compreensão da frase.

O USO DAS PREPOSIÇÕES JUNTO AOS PRONOMES RELATIVOS

Sabe-se que existem diferenças entre a língua em uso e aquela ideal prevista pelas gramáticas normativas. Sobre essa diferença, Duarte (2007, p. 213) comenta que, para as gerações mais jovens, o uso das preposições com os pronomes relativos e o uso do próprio pronome relativo “cujo” podem soar estranhos. Para a autora, tais usos são recuperados, até certo ponto, pelo ensino formal e, portanto, são mais comuns na escrita padrão. Ela prossegue afirmando que, no português “falado” no Brasil, quer se trate da variante considerada culta, quer se trate da variante popular, é muito raro encontrar uma estrutura como “Maria não leu o livro *de que* todos estão falando”, salvo em situações de fala planejada, envolvendo indivíduos que dominem essa regra gramatical e que sejam capazes de monitorar o seu discurso.

A respeito do emprego do pronome relativo “cujo”, Azeredo (1990, p. 59) destaca que ele vem imediatamente seguido do nome que determina e com o qual concorda em gênero e número (“o pássaro *cujo* peito é vermelho”; “a cidade *cujas* igrejas são barrocas”), embora nós saibamos que usualmente muitos construam frases do tipo: “Esse é o pássaro que o peito é vermelho”, ou “Esse é o pássaro que o peito dele é vermelho”.

Tais observações nos despertam para a necessidade de exercitarmos formalmente esses usos, a fim de que possamos garantir o domínio das regras.



Atende aos Objetivos 3 e 4

6. Reescreva as frases a seguir de acordo com a escrita da norma culta.

a) As coisas que acredito dizem muito sobre mim.

b) Eu comprei o livro que todos estão falando.

c) Aí estão os instrumentos que necessitamos.

d) É um problema que a solução ainda não foi encontrada.

7. Una as orações em um só período através do emprego adequado de um pronome relativo.

a) Angelina Jolie é uma grande atriz. O marido de Angelina Jolie é Brad Pitt.

b) Esta é a ponte. O rei passou pela ponte.

c) Aqui estão as árvores. As folhas das árvores mudaram de cor.

d) A inveja é um mal. Não há remédio contra a inveja.

8. Empregue o pronome relativo “cujo” e suas variações possíveis (cujo(s), cuja(s)), em conformidade com a situação.

a) Essa é a escola em _____ salas de aula fui muito feliz.

b) A pessoa _____ fé é grande move montanhas.

c) Esta é a correção com _____ resultado não concordo.

d) Estes são os livros _____ leitores precisam ser perspicazes.

RESPOSTA COMENTADA

6. a) *As coisas em que acredito dizem muito sobre mim.*
b) *Eu comprei o livro de que todos estão falando.*
c) *Aí estão os instrumentos de que necessitamos.*
d) *É um problema cuja solução ainda não foi encontrada.*
7. a) *Angelina Jolie, cujo marido é Brad Pitt, é uma grande atriz.*
b) *Esta é a ponte por onde/pela qual o rei passou.*
c) *Aqui estão as árvores cujas folhas mudaram de cor.*
d) *A inveja é um mal contra o qual não há remédio.*
8. a) *Essa é a escola em cujas salas de aula fui muito feliz.*
b) *A pessoa cuja fé é grande move montanhas.*
c) *Esta é a correção com cujo resultado não concordo.*
d) *Estes são os livros cujos leitores precisam ser perspicazes.*

CONCLUSÃO

Como já pudemos observar, funções sintáticas também podem ser desempenhadas por orações.

Quando uma oração subordinada a outra caracteriza um de seus termos por restringir o seu sentido dentro do grupo de que este elemento faz parte, ou, ainda, quando uma oração caracteriza um elemento da oração principal por fornecer-lhe uma explicação, temos o que a gramática tradicional considera uma *oração subordinada adjetiva*, respectivamente, *restritiva ou explicativa*.

Devido ao fato de o pronome relativo desempenhar função sintática dentro da oração que inicia, precisamos observar a necessidade do emprego de uma preposição antes dele, de acordo com o fato de essa função ser preposicionada.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2 e 3

1. Explique a diferença semântica entre as duas orações adjetivas.

Receberei em casa a minha irmã que mora no Mato Grosso do Sul.

Receberei em casa a minha irmã, que mora no Mato Grosso do Sul.

2. Complete com a preposição adequada.

a) Trouxe os documentos...

___ que eles necessitam.

___ que eles se referiram.

b) Este é o resultado...

___ que a diretoria acredita.

___ o qual nós não contávamos.

c) O vigia isolou o caminho...

___ onde costumamos passar.

___ cujo visual gostamos.

RESPOSTA COMENTADA

1. É importante perceber que, na primeira frase, a oração adjetiva, sem a vírgula, restringe, limita o sentido de *irmã*, caracterizando-a. Funciona como adjunto adnominal. Não é qualquer uma das irmãs, mas especificamente aquela que mora no Mato Grosso do Sul. Dentre as irmãs, foi destacada a que mora neste estado brasileiro. Na segunda frase, não há qualquer menção ao fato de haver outras irmãs, mas destaca-se o fato de que há uma irmã que será recebida, seguido da explicação de que ela mora no MS.

2. a) *de; a*

b) *em; com*

c) *por; de*

RESUMO

Quando nos expressamos, na modalidade escrita ou na modalidade oral, utilizamos dois mecanismos fundamentais de organização sintática: a coordenação e a subordinação.

Pelo segundo processo, a subordinação, estabelecemos relação de dependência sintática entre elementos, sejam eles constituintes ou orações. Dizendo de outra forma, construímos estruturas em que um termo se subordina ao outro, contrai com outro uma função.

Tal é o que ocorre com as orações chamadas adjetivas, que, segundo a tradição, relacionam-se com outra, chamada principal, limitando o sentido de um dos elementos desta ou acrescentando-lhe uma explicação.

Orações adjetivas:
abordagem
funcionalista.
Funções dos relativos

Nilza Barrozo Dias

AULA

12

Meta da aula

Apresentar a análise das orações adjetivas numa abordagem funcionalista.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as estratégias de relativização das orações adjetivas;
2. reconhecer as estruturas adjetivas explicativas desgarradas;
3. reconhecer as funções sintáticas dos pronomes relativos.

INTRODUÇÃO

Imagine uma situação de saída do trabalho, todo mundo muito apressado e correndo, então o João grita lá do fundo do corredor para o Ricardo:

(1) João: Ô, Ricardo, este é o cartão *que você precisa?*

Ricardo: É esse sim, traz pra mim, por favor! – responde meio atordado.

A oração em itálico é uma adjetiva, que restringe, semanticamente, o substantivo “o cartão”. Temos, no exemplo, uma estratégia que, embora muito usada na língua falada, não atende à variação padrão culta da modalidade escrita. O João usou uma das estratégias de relativização do português brasileiro, um dos temas de nossa aula de hoje.

AS ESTRATÉGIAS DAS ORAÇÕES ADJETIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Temos, em Lemle (1978), um estudo sobre as estratégias de relativização no português brasileiro que se distanciam, aparentemente, do português europeu. São três as estratégias de relativização no português brasileiro: padrão, copiadora e cortadora. A nossa oração destacada anteriormente se enquadra na estratégia cortadora.

Assim, a sentença adjetiva *padrão* apresenta o uso regular dos pronomes relativos que exibem formas, acompanhadas ou não de preposições, para atender a uma exigência do verbo da oração adjetiva. A oração adjetiva de estratégia padrão apresenta o pronome relativo encabeçando a oração adjetiva, antecedido (ou não) da preposição exigida pelo verbo da oração adjetiva. Vamos observar, a seguir, as etapas, da ordem direta para a não direta, das estruturas adjetivas.

(2) Modifiquei ^{o vestido} [*que comprei ontem*].

(3) Eu corrijo ^{os trabalhos} [*pelos quais sou responsável*].

(4) Tem ^{áreas} [*em que a polícia não entra*].

A oração adjetiva em (2) retoma e restringe o substantivo anterior, “vestido”. Ou seja, de todos os vestidos que ela tem, a modificação se atém a um só. Na oração em itálico, temos o verbo “comprar” que seleciona o sujeito, “eu”, e um objeto direto, “que”, usado para fazer referência ao nome “vestido” da oração anterior. Temos a oração reescrita na ordem direta, até o uso do pronome relativo.

(2a) Modifiquei ^{o vestido} *eu comprei* ^{o vestido} *ontem*.

(2b) Modifiquei ^{o vestido} ^{o vestido} *comprei ontem*.

(2) Modifiquei ^{o vestido} [*que comprei ontem*].

Em (2), encontramos a palavra “vestido” representada pelo pronome relativo “que” que vai para o início da oração, numa ordem de constituintes muito comum para o uso dos pronomes. Então, a norma padrão foi atendida.

O exemplo (3) mostra uma adjetiva que restringe os trabalhos a serem corrigidos. Nós temos, na ordem direta, “eu sou responsável pelos trabalhos”. Ao usar uma oração adjetiva, alteramos a ordem dos constituintes, e “pelos trabalhos” vai para o início da oração adjetiva para atender a uma regra da língua portuguesa. Assim, se a nossa língua não tivesse pronome, teríamos (3a) e/ou (3b). Mas, como temos os pronomes relativos, realizamos (3). As duas alternativas em (3a) e (3b) seriam entendidas pelo falante, mas não são aceitas pela norma padrão da escrita.

(3a) Eu corriji ^{os trabalhos} *eu sou responsável* ^{pelos trabalhos}.

(3b) Eu corriji ^{os trabalhos} ^{pelos trabalhos} *sou responsável*.

(3) Eu corriji ^{os trabalhos} [^{pelos quais} *sou responsável*].

O exemplo (4) mostra uma oração adjetiva que restringe, semanticamente, algumas áreas dentre várias delas. O pronome relativo “que” retoma o substantivo “áreas”. O uso da preposição se deve à regência verbal do verbo “entrar”. Vamos exercitar a ordem dos constituintes para entendermos por que precisamos colocar a preposição no início da oração adjetiva.

(4a) Tem ^{áreas} *a polícia não entra* ^{nas áreas}.

(4b) Tem ^{áreas} ^{nas áreas} *a polícia não entra*.

(4) Tem ^{áreas} [^{em que} *a polícia não entra*].

Então o nosso exemplo (1), anteriormente destacado, precisa da preposição “de” para atender à norma padrão da escrita, que seria:

“Ô, Ricardo, este é o cartão *de que* você precisa?”

Por que colocamos o “de” no início da oração relativa? Porque a preposição é exigência do verbo “precisa” e deve vir antes do pronome relativo, que retoma a informação imediatamente anterior. Se a oração adjetiva fosse alterada para a ordem direta, teríamos:

(1a) Ô, Ricardo, este é ^{o cartão} Você precisa ^{do cartão}?

(1b) Ô, Ricardo, este é ^{o cartão} *do cartão* você precisa?

A estratégia padrão abarca o uso dos pronomes adjetivos reconhecidos pelos estudiosos. São eles: que, quem, qual, quais, cujo(s), cuja(s), onde, quanto(s), quanta(s). O pronome “que” é o mais usado. Ao usar as estratégias copiadora e cortadora, o falante reduz o uso dos pronomes relativos, com a generalização de “que”, o relativo universal. As estratégias copiadora e cortadora são alternativas ao uso padrão do português brasileiro.

A oração adjetiva *copiadora* marca a despronominalização do pronome relativo (CASTILHO, 2010), que perde a sua capacidade anafórica, que será preenchida por um pronome pessoal (preposicionado ou não). O pronome relativo, então, mantém o comportamento de conjunção, ou seja, o que liga orações.

Vamos retomar os exemplos da estratégia padrão e verificarmos como usaríamos na copiadora. Os exemplos (2), (3) e (4) são reescritos como (5), (6) e (7).

(5) Modifiquei ^{o vestido} [*que comprei ele ontem*].

(6) Eu corriji ^{os trabalhos} [*que sou responsável por eles*]

(7) Tem ^{áreas} [*que a polícia não entra nelas*].

Temos, nos exemplos (5) a (7), uma estratégia muito usual na modalidade falada em atividade conversacional informal. Segundo Bagno (2001), é mais usada por falantes menos escolarizados. Para Castilho (2010, p. 366-368), o pronome relativo deixa de exercer a função anafórica, que passa a ser exercida pelo pronome pessoal.

Observamos que, no exemplo (5), o “que” passa à função de conjunção, e o elemento base de referência que o antecede – “o vestido” – é retomado pelo pronome pessoal “ele”. Essa estratégia coloca a oração adjetiva na ordem direta quanto aos constituintes. No exemplo (6), o elemento base de referência “os trabalhos” é retomado pelo pronome “eles”, antecedido da preposição “por”. Segundo o autor, o “que” passa a um mero elemento conectivo, enquanto a oração adjetiva passa a ter a ordem direta. O exemplo (7) apresenta “nelas” (em + as), que retoma anaforicamente “áreas”, com o “que” conectando as duas orações como uma conjunção. A ordem de constituintes da oração adjetiva, então, se mantém na ordem direta.

Antes de passarmos para a última estratégia, vamos verificar como ficaria o uso do pronome relativo “cujo”, o mais representativo da modalidade escrita.

(8) Tem ^{uma mulher} alta lá fora, [*cujo nome eu não sei*].

Podemos observar que o “cujo” é um pronome relativo que estabelece concordância com a palavra que lhe segue, “nome”. Se fosse no plural, teríamos “cujos nomes”. Retomando o nosso exemplo, o “nome” em questão retoma anaforicamente “uma mulher”. Tal seleção de relativo não ocorre na fala diária, mas na escrita formal. Como fazemos, então, no nosso cotidiano, para usarmos “cujo”, como no exemplo (8)? Utilizamos a estratégia não padrão. Teremos, então:

(8a) Tem ^{uma mulher} alta lá fora, [*que eu não sei o nome dela*].

No exemplo (8a), o “dela” (prep. “de” + pronome “ela”) retoma o elemento base de referência, “uma mulher”. Com essa estratégia copiadora, colocamos a oração adjetiva na ordem direta (sujeito – verbo – objeto direto), ao contrário de (8), que apresenta ordem de constituintes não direta.

A oração adjetiva pode se apresentar na estratégia *cortadora*. Tal estratégia é bastante usada na língua falada, quando o contexto auxiliará no significado do texto, já que, na estratégia cortadora, apagamos os pronomes pessoais que realizam a função anafórica. Segundo Castilho (2010), a estratégia cortadora já ocorre no português brasileiro escrito

veicular. O autor cita um exemplo da *Folha de S.Paulo*, de 17 de dezembro de 2008, p. C3): “Não há área em São Paulo [*que a polícia não entre*].”

Tarallo (1983) mostrou que os pronomes relativos estão perdendo suas propriedades pronominais. Castilho (2010) afirma que o autor identificou usos da adjetiva copiadora, alguns indicados a seguir: (a) quando o elemento base de referência é humano, singular e indefinido; (b) quando as orações adjetivas são muito afastadas do elemento base de referência; (c) quando o falante não vem de classes escolarizadas; (d) quando a fala é informal.

Retomando os nossos exemplos já trabalhados e reescritos de (9) a (12), teremos a estratégia cortadora. O elemento cortado é o pronome pessoal, que será representado por \emptyset (significa “categoria vazia”).

- (9) Modifiquei ^{o vestido} [*que comprei* \emptyset ontem].
 (10) ?Eu corriji ^{os trabalhos} [*que sou responsável* \emptyset].
 (11) Tem ^{áreas} [*que a polícia não entra* \emptyset].
 (12) Tem ^{uma mulher} alta lá fora, [*que eu não sei* ^{o nome} \emptyset].

Podemos notar que os exemplos (9), (11) e (12) estão adequados às características da estratégia cortadora. Contudo, o exemplo (10) recebeu um ponto de interrogação, porque nós poderemos fazer uma outra análise. O “que”, de fato, é a redução de “porque”: *Eu corriji o trabalho, porque sou responsável*. Assim, embora tenhamos três estratégias como possibilidade de uso nas nossas interações, isto não quer dizer que as três sejam adequadas a todas as ocorrências de orações adjetivas. Para Tarallo (1983), a estratégia cortadora está estreitamente ligada às altas taxas de apagamento de pronome na função oblíqua.

Castilho (2010) postula, a partir do trabalho de Mary Kato & Tarallo (1988), que há uma estreita relação entre a tipologia das estratégias e as alterações dos pronomes CLÍTICOS no português do Brasil, já que ambos compartilham a propriedade da foricidade, ou seja, o uso da anáfora.

Temos, então, os seguintes tipos de falantes e de usos:

a) Falante que usa clíticos na anáfora utilizará a estratégia padrão na adjetiva:

Eu descasquei as laranjas e Pedro **as** comeu.

Eu descasquei as laranjas [*que Pedro comeu*].

b) Falante que substitui o clítico pelo pronome "ele" na função acusativa utilizará a estratégia copiadora.

Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu **elas**.

Eu descasquei as laranjas [*que Pedro comeu elas*].

c) Falante que faz anáfora através da elipse selecionará a estratégia cortadora, que ficará semelhante ao exemplo em (a).

Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu \emptyset .

Eu descasquei as laranjas [*que Pedro comeu \emptyset*].

CLÍTICOS

São os pronomes pessoais átonos: *me, te, se, o(s), lhe(s)*, que expressam argumentos verbais e podem ser colocados depois do verbo no português brasileiro (CASTILHO, 2010, p. 483), podendo-se acrescentar os pronomes *nos e vos*. Você poderá ter acesso ao quadro tradicional dos pronomes em <http://www.infoescola.com/portugues/pronomes-pessoais>.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Identifique as estratégias de relativização encontradas nas orações adjetivas destacadas.

a) Tem uma mulher alta lá fora [*que eu não sei o nome dela*]... É verde não dá flores (Projeto Nurc. DID Recife).

b) A casa [*que eu moro nela*] é muito antiga no bairro...

c) A solução [*que a sua empresa precisa*] para aquele mês mais apertado do ano.

d) Albert Einstein, [*cuja teoria da relatividade completou 100 anos em 2005*], dizia imaginar-se como Leonardo da Vinci..

2. Reescreva os exemplos (a) a (d), utilizando a estratégia padrão:

a) Tem uma mulher alta lá fora [*que eu não sei o nome dela*]... é verde não dá flores (Projeto Nurc. DID Recife).

b) A casa [*que eu moro nela*] é muito antiga no bairro...

c) A solução [*que a sua empresa precisa*] para aquele mês mais apertado do ano.

d) Albert Einstein, [*cuja teoria da relatividade completou 100 anos em 2005*], dizia imaginar-se como Leonardo da Vinci.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) A oração adjetiva em *itálico* realiza-se na estratégia copiadora. O elemento linguístico – “ela” – retoma anaforicamente “uma mulher”, que funciona como elemento base de referência ou antecedente.

b) A oração adjetiva em *itálico* está na estratégia copiadora. O pronome pessoal – ela – retoma anaforicamente o antecedente “a casa”, como um pronome cópia. O verbo “morar” rege a preposição “em” que acompanha o pronome “ela”, formando “nela”.

c) A oração adjetiva em *itálico* apresenta-se na estratégia cortadora. O pronome pessoal anafórico – “ela” – foi apagado depois do verbo “precisa”. Além disso, a preposição “de” regida pelo verbo “precisar” também foi apagada.

d) A oração destacada representa uma relativa explicativa na estratégia padrão. Temos uma oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo “cuja”, que concorda com o nome “teoria” e retoma o nome Albert Einstein, já que a teoria é dele.

2. a) Tem uma mulher alta lá fora [*cujo nome eu não sei*]...

b) A casa [*em que/onde eu moro*] é muito antiga no bairro...

c) A solução [*de que a sua empresa precisa*] para aquele mês mais apertado.

d) Já está na estratégia padrão.

AS RELATIVAS EXPLICATIVAS “DESGARRADAS”

Decat (2011), ao analisar relações adjetivas explicativas no português em uso, postula que algumas dessas orações adjetivas ocorrem sintaticamente, de forma independente, soltas, livres, sintaticamente isoladas, do mesmo modo que um enunciado independente, ou de uma “unidade de informação” independente. A autora considera que o “desgarramento” é uma estratégia de focalização que, conforme aponta Braga (1999), expressa “a saliência ou importância do que dizemos a respeito das coisas”. Assim, para Decat (2011), a oração adjetiva explicativa “desgarrada” é considerada “como um dos recursos ou mecanismos sintáticos para dar relevo, ênfase ao que é dito”. Seleccionamos dois formatos de oração adjetiva “desgarrada”, propostos pela autora.

A “unidade de informação” pode se realizar na escrita como oração, frase ou período. Utilizaremos a denominação “sentença” para a referida unidade, com base em Castilho (2010), que considera que tudo que ocorre numa sentença simples também ocorre numa sentença complexa (ou período).

As orações sublinhadas nos exemplos (13) e (14) constituem as orações adjetivas explicativas “desgarradas”, segundo a proposta de Decat (2011). Nós utilizamos tal estrutura quando queremos materializar a nossa necessidade de focalizar determinada informação que pode apresentar-se de diferentes maneiras como resultado das intenções e dos objetivos de produção do texto. Os formatos de orações adjetivas explicativas “desgarradas” são [. QUE] e [. O QUE].

FORMATO [. QUE]

- (13) Não se justifica o uso de remédios para emagrecer nesses casos. Há ^{soluções} mais simples, eficazes, seguras e duradouras. [*Que funcionam*] (Revista *Época*, 18/07/2012).

FORMATO [. O QUE]

- (14) O que muitos temiam e outros ansiavam aconteceu: ^{dezembro} chegou. [*O que significa: o ano começou a acabar*] (SANT'ANNA, Affonso. “De repente, dezembro”. In: *Estado de Minas*, 28/11/2004, apud DECAT, 2011).

Na oração (13), encontramos uma oração adjetiva explicativa “desgarrada” com o formato [. QUE]. Ou seja, o pronome relativo “que” ocorre depois de um ponto final, quando o mais usual seria depois de uma vírgula. Ao usar o referido formato, o autor utiliza a estratégia pragmática de focalização, salientando a importância do que é dito entre colchetes. Se o autor utilizasse o formato usual com vírgula – *Há soluções mais simples, eficazes, seguras e duradouras, [que funcionam]* –, teríamos uma adjetiva explicativa sem destaque para a informação selecionada entre colchetes. Sintaticamente, o pronome relativo “que” retoma anaforicamente o antecedente “soluções”.

Na oração (14), temos uma oração adjetiva explicativa “desgarrada” com o formato [. O QUE]. Ou seja, temos uma oração adjetiva explicativa que retoma anaforicamente o antecedente oracional – *dezembro chegou* – e não apenas um núcleo nominal, conforme o exemplo anterior. Ao usar o formato desgarrado, o autor quis enfatizar a informação como muito relevante, com sobreposição de uma avaliação por parte dele.

OS PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos possuem duas funções básicas: (i) enquanto conjunção, ligam a oração adjetiva à oração principal, e (ii) enquanto pronome, recebem funções de sujeito, complementos e de adjunto do verbo da oração encabeçada por ele.

Temos então:

- (15) A menina [*que me deu o doce*] vem logo ali.

O “que” funciona como sujeito de “deu” e retoma anaforicamente o antecedente “a menina”. O verbo *dar* seleciona um sujeito, um objeto direto (o doce) e um objeto indireto (me).

(16) O doce [*que a menina me deu*] era de chocolate.

O “que” retoma, anaforicamente, o antecedente “o doce” e funciona como objeto direto do verbo “deu”. Já “a menina” funciona como sujeito do verbo e o “me” como objeto indireto. Na ordem direta, teríamos “A menina deu o doce (= que) pra mim (= me)”. Quando usamos o pronome relativo, este encabeça a oração adjetiva e a ordem dos elementos fica alterada.

(17) O livro [*de que eu preciso*] está na Biblioteca Central.

A ordem direta da oração adjetiva seria “eu preciso do livro”. Ao considerarmos o uso da oração adjetiva, alteramos a ordem dos elementos na oração, com o pronome relativo “que” encabeçando a oração adjetiva. Temos: “do livro eu preciso” e “de que eu preciso”. O pronome relativo “que” precisa recuperar o significado, via processo anafórico, do antecedente imediatamente anterior: “o livro”.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

3. Explique as orações destacadas a seguir quanto à função pragmática.
a) Para essas pessoas – para si – existe um banco especial: o Banco 7. [*Onde tudo é tratado pelo telefone ou pela internet. Onde a moderna tecnologia existe para servir as suas necessidades*] (*Visão*, n. 343, 13 de outubro de 1999; português europeu). In: DECAT (2009).

b) Para completar este segmento e antes de voltar aos dois filmes citados, vou me permitir a fazer algumas considerações a respeito daquilo que aprendi na minha passagem pela crítica de cinema. [*Cujo espectador é, normalmente, otimista, forrando-se não apenas do chamado happy end*] (SIQUEIRA, Cyro. “Tiradentes, a imagem de um país”. In: *Estado de Minas*, 28/04/01, Caderno Cultura, p. 10, apud. DECAT (2009).

4. Dê a função sintática dos pronomes relativos das orações destacadas.

a) Tomei banho, fiz a barba e coloquei ^{a roupa} [^{de que} *mais gostava*].

b) Mais ou menos ^{na época} [^{em que} *cheguei de Minas*] a minha irmã se casou.

c) Pega um pedaço do ^{bolo} [^{que} *eu fiz*].

d) Este é o ^{menino} [^{que} *venceu o concurso de redação*].

RESPOSTA COMENTADA

3. a) A oração destacada é uma oração adjetiva explicativa “desgarrada”, encabeçada pelo pronome “onde” que retoma anaforicamente “BANCO 7”. O autor optou por utilizar uma desgarrada por ela colocar em evidência a informação encabeçada pelo pronome relativo “onde”, com o objetivo de reforçar a argumentação. A oração adjetiva é uma “sentença” que funciona, semanticamente, como explicativa e, pragmaticamente, como uma focalizadora de informação.

b) A oração destacada é uma oração adjetiva explicativa desgarrada, encabeçada pelo pronome “cujo”, que estabelece concordância com a palavra “espectador” e que retoma anaforicamente “cinema” ou “crítica de cinema”. O autor optou por utilizar uma “desgarrada” por ela colocar em evidência a informação encabeçada pelo pronome relativo “cujo” com o objetivo de reforçar a argumentação. A oração adjetiva é uma “sentença” que funciona, semanticamente, como adjetiva explicativa e, pragmaticamente, como uma focalizadora de informação.

4. a) A função sintática do pronome relativo é de objeto indireto. Se você colocar na ordem direta, temos: “(eu) gostava mais daquela roupa”. Como o pronome relativo faz referência à palavra “roupa”, que é núcleo do objeto indireto na ordem direta da oração, então, temos um pronome relativo funcionando como objeto indireto.

b) A função sintática do pronome relativo é de adjunto adverbial. Se você colocar na ordem direta, temos: “cheguei de Minas na época”. Como o pronome relativo faz referência à palavra “época”, que é núcleo do adjunto adverbial na ordem direta da oração, então, temos um pronome relativo funcionando como adjunto adverbial.

c) A função sintática do pronome relativo é de objeto direto. Se você colocar na ordem direta, temos: “eu fiz o bolo”. Como o pronome relativo faz referência à palavra “bolo”, que é núcleo do objeto dire-

to na ordem direta da oração, então, temos um pronome relativo funcionando como objeto direto.

d) A função sintática do pronome relativo é de sujeito. Se você colocar na ordem direta, temos: “o menino venceu o concurso de redação”. Como o pronome relativo faz referência à palavra “menino”, que é núcleo do sujeito da oração na ordem direta, então, temos um pronome relativo funcionando como sujeito.

CONCLUSÃO

As orações adjetivas podem apresentar três estratégias que caracterizam o português brasileiro: a *padrão*, a *copiadora* e a *cortadora*. A oração adjetiva *padrão* apresenta o uso dos pronomes relativos variados, já a *copiadora* e a *cortadora* são encabeçadas pelo pronome relativo “que”. A estratégia *padrão* instancia uma oração adjetiva encabeçada por pronome relativo que pode ser antecedido de preposição, se assim o exigir a regência do verbo da oração. A estratégia *copiadora* possui um pronome pessoal que retoma anaforicamente o antecedente da oração principal. O “que”, segundo Castilho (2011), mantém a sua função de conjunção. A adjetiva de estratégia *cortadora* mostra-se sem o pronome pessoal cópia do antecedente (ou elemento base de referência), expresso na oração principal, bem como não apresenta preposição regida pelo verbo, quando a tem.

A oração adjetiva explicativa pode funcionar como “desgarrada”. O desgarramento existe quando a oração adjetiva ocorre após um ponto final e não após uma vírgula. A escolha da oração adjetiva “desgarrada” reflete uma escolha do locutor pela informação focalizada, em destaque, na comunicação. Seleccionamos para este trabalho apenas quatro formatos de orações adjetivas “desgarradas”, embora reconheçamos a riqueza de exemplos nos textos já analisados (DECAT, 2011).

Por fim, seleccionamos algumas orações para que sejam indetificadas as funções sintáticas dos pronomes relativos, que deverão ser aquelas seleccionadas pelo verbo da oração adjetiva encabeçada pelo referido pronome. Este pode funcionar sintaticamente como sujeito, complementos e adjuntos.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Observe a frase a seguir. Se trocássemos a estratégia de relativização, a conversa se manteria informal?

Sabe aqueles dias que você não está a fim de conversar, amiga?

2. Explique o uso da adjetiva explicativa “desgarrada” no exemplo a seguir.

Olhar, ouvir, conhecer e reagir; algo bem diferente da hipocrisia dos que têm voz, influência, poder e posições importantes [...]. [*Que se divertem com nosso assombro ao ouvir que estamos chegando à perfeição em setores nos quais enxergamos ruína e decadência*] (LUFT, Lya. “Quebrar o silêncio” – Ponto de Vista. In: *Veja*, 03/05/06, apud DECAT 2011).

3. Identifique a função sintática do pronome relativo.

a) Encontrei o menino [*que tirou nota 10*].

b) Fiz uma viagem [*que foi muito interessante*].

c) As suas anotações a respeito são rápidas, mas bastam para o leitor perceber que sugere uma solução de cunho democrático-popular, [*que lhe parece possível*] e [*que está ligada a certos traços*], dos quais destaco dois: (1) o fim da tradição colonial luso-brasileira e (2) o advento das massas populares.

RESPOSTA COMENTADA

1. A oração adjetiva restritiva no exemplo dado – “que você não está a fim de conversar” – está na estratégia cortadora, por não haver pronome pessoal cópia. Além disso, ao utilizar esta estratégia, o falante apagou também a preposição que deveria anteceder o pronome relativo para atender à estratégia padrão. Teríamos, então, na estratégia padrão: “em que você não está a fim de conversar”, em que o pronome relativo retoma anaforicamente “aqueles dias” e a preposição “em” vai anteceder-lo por introduzir um adjunto adverbial de tempo.

2. a) A adjetiva explicativa em *itálico* funciona como uma unidade de informação, ou melhor, uma sentença que é utilizada pelo falante para colocar em evidência a informação, tornando-a discursivamente mais saliente para poder atender às suas necessidades discursivas. Segundo Decat (2011), a sentença adjetiva está “desgarrada”. Geralmente, seria colocada uma vírgula encabeçando a adjetiva explicativa, mas o usuário decidiu pelo ponto para chamar a atenção da informação, para focalizá-la.

3. a) O pronome relativo faz referência à unidade base “o menino”, que é objeto direto da oração principal, mas, ao ser retomado na forma de pronome relativo, este funcionará como sujeito da oração adjetiva. Então, temos um pronome relativo funcionando como sujeito.

b) Se você substituir o pronome relativo pelo elemento base de referência, a viagem, temos: a viagem foi muito interessante. Assim, “a viagem” funciona como objeto direto da oração principal, mas o pronome relativo que a retoma funciona como sujeito da oração adjetiva. Então, temos um pronome relativo funcionando como sujeito.

c) A função sintática do pronome relativo é de sujeito nas duas primeiras orações adjetivas restritivas, coordenadas entre si. Os dois primeiros pronomes relativos fazem referência anafórica ao antecedente – “solução de cunho democrático-popular”. Se você colocar a oração adjetiva na ordem direta, temos: “solução de cunho democrático-popular lhe parece possível” e “solução de cunho democrático-popular” está ligada a certos traços, em que o elemento em *itálico* funciona como sujeito, logo o pronome relativo que passa a ocupar a mesma função também funcionará como sujeito da oração.

RESUMO

Apresentamos, nesta aula, as orações adjetivas do português brasileiro. As orações adjetivas, historicamente, são encabeçadas por pronomes relativos. Desses pronomes, o “cujo” está em desuso, podendo ocorrer na modalidade escrita padrão. Temos três estratégias adjetivas utilizadas pelo falante de português brasileiro: padrão, copiadora e cortadora. As estratégias copiadora e cortadora são mais comumente utilizadas na fala, embora possamos encontrar a oração adjetiva cortadora em determinados gêneros da escrita. Abordamos ainda as orações adjetivas explicativas que ocorrem como uma “unidade de informação”, ou sentença, depois de um ponto, e são utilizadas para explicar e focalizar informação. São as adjetivas explicativas “desgarradas”. Ainda trabalhamos com a função sintática do pronome relativo, que é determinada pelo verbo ou nome da oração adjetiva.

Emprego de conectores. Funções semânticas e discursivas. Efeitos de expressividade

Edila Vianna da Silva

AULA 13

Metas da aula

Discutir os papéis sintáticos e semântico-discursivos das palavras de conexão entre orações e partes da oração e evidenciar o seu uso como recurso expressivo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer a diferença entre conectivos e conectores;
2. identificar alguns tipos de conectores da frase portuguesa;
3. reconhecer os valores sintáticos e semântico-discursivos expressos por esses conectores.

INTRODUÇÃO

Vamos ler com atenção a frase a seguir:

- (1) Embora o Brasil seja um país de grandes recursos naturais, tenho certeza de que resolveremos o problema da fome.

O enunciado está sem nexo; não foi suficiente para transmitir uma mensagem lógica. E por quê? Sabemos que com o conectivo *embora* ligam-se orações que mantêm uma relação de sentido de restrição, de oposição entre si. Ora, no exemplo, não existe essa noção: justamente pelo fato de o Brasil ser rico é que há possibilidade de solução do problema da fome. A relação não é de *concessão*, mas de *causa e efeito*. Observamos, então, que o enunciado está incoerente pela escolha inadequada do conector: *embora* estabelece uma relação entre as partes do enunciado em análise que contraria nosso conhecimento de mundo. Considerando, então, as observações feitas, vamos reorganizar o período de modo a garantir uma relação lógica entre suas partes:

- (2) Tenho certeza de que resolveremos o problema da fome *porque* o Brasil é um país de grandes recursos naturais.

Com o emprego do conectivo *porque*, manifesta-se agora a relação correta, que é de causa e consequência (se o Brasil é um país de grandes recursos naturais → o problema da fome será resolvido).

O comentário deste exemplo leva-nos à conclusão de que a coesão e a coerência de um texto dependem, em grande parte, da relação entre as partes que o formam e que as palavras responsáveis por essa relação são os conectores. O conhecimento dos valores sintáticos, semânticos e discursivos das palavras de conexão é, portanto, essencial para a compreensão/elaboração de um texto. Discutiremos, a partir de agora, alguns desses valores.

CONECTORES E CONECTIVOS

Para começar nossa reflexão, é necessário que precisemos a nomenclatura empregada na aula. Vocês devem ter observado, nesta rápida introdução ao assunto em debate, que utilizamos os termos *conectores* e *conectivos*. Será que são sinônimos? Ou remetem a sentidos diversos? Vamos ver como a eles se referem algumas obras indicadas em nossa bibliografia.

Bechara (2001, p. 319), no capítulo 9 de sua gramática, dedicado ao estudo da *conjunção*, afirma que “a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado” – as conjunções, “que se repartem em coordenadas e subordinadas”. Uma vez que as coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático, ele as considera um *conector*. Já a conjunção subordinada é considerada um *transpositor*, justamente por sua função de *transpor* uma oração ao nível de uma palavra (cf. Aulas 1, 2, 10), papel que Bechara atribui também ao pronome relativo e à preposição.

Na maioria dos estudos gramaticais tradicionais, no entanto, emprega-se o termo *conectivo* – e não *conector* – para os elementos que ligam orações, sejam elas sintaticamente independentes (as coordenadas), sejam sintaticamente dependentes (as subordinadas). Nesse caso, os conectivos são as conjunções, as preposições e os pronomes relativos, que têm, assim, uma função na sintaxe oracional.



Os *conectivos*, são, portanto, deste ponto de vista, palavras que estabelecem associações entre orações, dentro dos períodos.

O termo *conector* começou a ser usado a partir do século XX, quando

se identificam certos elementos linguísticos que não se ajustam às classes existentes e, pela primeira vez, se analisam as características desses elementos que apresentam usos discursivos, empregos enfatizadores, valores expressivos etc.” (ALMEIDA; MARINHO, 2012, p. 172).

Empregaremos o termo *conector*, com esse sentido, como um articulador do discurso.



Conector, assim, é uma palavra ou expressão utilizada para especificar as relações entre vários segmentos linguísticos de um texto, sequencializando as ideias e estabelecendo ligação entre elas.

PRAGMÁTICA

É o ramo da linguística que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação. Na linguística moderna, o termo aplica-se ao estudo da linguagem do ponto de vista dos usuários, especialmente das escolhas que fazem, as restrições no uso da linguagem na interação social e os efeitos que causa o uso da linguagem sobre os outros participantes da comunicação.

Outras denominações, tais como *marcador textual*, *operador discursivo*, *conector discursivo*, são empregadas em trabalhos de orientações teóricas variadas, especialmente, na **PRAGMÁTICA**.

Observemos o seguinte fragmento de texto:

- (3) A presidente Dilma sancionou ontem lei que desonera a folha de pagamento de mais 42 setores da economia. Ela, *no entanto*, vetou a extensão da medida para 30 outros segmentos, entre eles o de fabricação de armas.

A locução *no entanto* liga as duas partes do enunciado (e não duas orações), constituídas por períodos diferentes. Faz o texto avançar, estabelecendo entre os dois segmentos uma noção de restrição. Percebemos que os dois enunciados se opõem (a medida de desoneração para 42 setores x a manutenção dos impostos para 30 setores) e que a orientação argumentativa predominante é a do enunciado introduzido pelo conector adversativo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Responda à questão:
Considerando-se as definições dadas no decorrer da aula, você classificaria a palavra sublinhada na frase a seguir como *conectivo* ou *conector*?
Ainda que a ciência e a técnica tenham presenteado os seres humanos com abrigos confortáveis, pés velozes como o raio, olhos de longo alcance e asas para voar, os homens não conseguiram resolver até agora o problema da injustiça.

RESPOSTA COMENTADA

1. A locução ainda que liga a oração “a ciência e a técnica tenham presenteado os seres humanos com abrigos confortáveis, pés velozes como o raio, olhos de longo alcance e asas para voar” à oração “os homens não conseguiram resolver até agora o problema da injustiça” e estabelece entre ambas uma relação de dependência sintática, de modo que a oração que a locução inicia funciona como um termo da segunda. Desse ponto de vista estritamente sintático, a locução conjuntiva em comentário é um conectivo.

Além desse papel, estabelece uma relação de contradição entre as partes do enunciado e funciona como um forte recurso de argumentação, pois admite um dado contrário (a ciência e a tecnologia dotaram os seres humanos de grandes vantagens) e posteriormente nega seu valor argumentativo (há uma desvantagem maior, na visão do emissor). Se os homens conseguiram criar tantos recursos poderosos para viver melhor, era de se esperar que tivessem criado meios para garantir um pouco mais de justiça, mas... isso não aconteceu. Verificamos, então, que a locução desempenha uma função discursiva, de modo que, também, é um conector.

EMPREGO DOS CONECTORES E SEUS VALORES EXPRESSIVOS

Antes de começarmos a comentar os valores sintáticos, semânticos e discursivos dos articuladores discursivos, devemos reiterar que o emprego adequado desses termos permite uma maior coesão textual e compreensão facilitada da globalidade do texto.

Os conectores pertencem a diversas classes de palavras – conjunções (ou locuções conjuncionais) coordenativas e subordinativas, advérbios (ou locuções adverbiais), preposições (ou locuções prepositivas), palavras denotativas, expressões adjetivas ou até orações completas, como nos exemplos:

(4) [Todos querem um auxílio do governo]; [*até* Maria quer uma casa nova].

A palavra denotativa *até* é um *conector*, uma vez que liga e estabelece relação lógica entre as duas orações e argumenta que o sujeito da segunda, *Maria*, inclui-se no universo daqueles que esperam auxílio do Estado.

(5) [O texto [*que* elaborei] tratava das relações lógicas entre os enunciados].

O pronome relativo *que* retoma o seu antecedente desenvolvendo o texto sem repetições desnecessárias, além de subordinar a oração que encabeça ao substantivo *texto*, da OP.

De acordo com Roulet (1999), os conectores podem manifestar as seguintes relações:

a) ARGUMENTAÇÃO: porque, pois, visto que, uma vez que, devido a, se, então, portanto, de modo que, assim etc. Introduzem um argumento que reforça uma opinião do emissor.

(6) A partir de outubro, os usuários de planos de saúde serão mais bem atendidos, *uma vez que* a ANS criou ouvidorias para receberem suas queixas.

O conector *uma vez que* introduz um segmento (*a ANS criou ouvidorias para receberem suas queixas*) que funciona como argumento para comprovação da afirmação da primeira parte do enunciado (*A partir de outubro, os usuários de planos de saúde serão mais bem atendidos*).

b) CONTRA-ARGUMENTAÇÃO: mas, porém, entretanto, no entanto, embora, apesar de, mesmo que, ainda que, somente etc. Os operadores articulam sequencialmente enunciados cujos conteúdos se opõem.

(7) A legalização do serviço doméstico está enfrentando algumas dificuldades, *apesar de* a maioria da população considerar benéfica a nova lei.

O conector *apesar de* liga enunciados que se contrapõem: se a maioria da população considera a legalização benéfica, a lei não deveria encontrar obstáculos à sua implementação. No caso, prevalece a orientação argumentativa do segmento não introduzido pelo operador (as dificuldades enfrentadas pela legalização do serviço doméstico).

c) REFORMULAÇÃO: ou seja, ou melhor, enfim, finalmente, em suma etc. Os operadores articulam enunciados em que um dos quais ratifica o outro. Também indicam relação de equivalência entre duas formulações ou uma relação de recapitulação da formulação anterior.

- (8) É preciso mudar muita coisa para chegarmos ao ideal da vida doméstica "sustentável". Precisamos de alternativas viáveis para as babás e para os cuidadores de idosos; precisamos de produtos e de serviços mais práticos; precisamos, *em suma* de uma educação que dê boa qualificação a todos... (Adap. de RÓNAI, Cora, "Patroas e empregadas". In: *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 10, 4 abr. 2013).

O articulador *em suma* recapitula, resume os argumentos oferecidos para comprovação do ponto de vista do emissor de que: é preciso mudar muita coisa para chegarmos ao ideal da vida doméstica "sustentável".

d) TOPICALIZAÇÃO: quanto a, no que se refere a, com relação a etc. Esses operadores encabeçam elementos que se quer realçar, tratando-os como **TÓPICOS**.

- (9) São muitas as exposições importantes desse final de semana.
No que se refere a performances, nada parece mais original do que *The collector*, em São Paulo.

O operador grifado (*No que se refere a*) realça, entre as obras indicadas para uma visita no final de semana, a performance *The collector*.

e) SUCESSÃO: em seguida, depois etc. Os articuladores indicam relações consecutivas entre os acontecimentos de uma narrativa.

TÓPICO

É o tema da frase, cujo restante é o comentário. Assim, topicalizar é uma operação linguística que consiste em fazer de um constituinte da frase um tópico. Na frase "Ninguém comeu os doces de abóbora!", podemos topicalizar o objeto direto (*os doces de abóbora*), para indicar o ponto de partida da mensagem e, com isso, enfatizá-lo: *Os doces de abóbora, ninguém comeu!*

(10) A Comlurb fará uma campanha educativa para melhorar a limpeza nas ruas. *Em seguida*, a prefeitura do Rio começará a multar os infratores.

f) DISJUNÇÃO: ou, ou... ou, já... já, quer... quer. Os articuladores ligam enunciados com conteúdos alternativos ou que se excluem.

(11) “mas é preciso ... que eu utilize os sinais de trânsito na hora certa, *ou* que eu tenha a habilidade de passar mais rápido pelo guardinha porque senão, eu (es) tou multada na primeira esquina” (DID POA 278 apud PEZATI, 2009: 17).

De acordo com o enunciador, há duas alternativas para evitar a multa: fazer o que as normas de trânsito determinam (parar no sinal vermelho, por exemplo) ou tentar esquivar-se do guarda. Devemos observar que ambas podem acontecer; uma possibilidade não elimina a outra.

No exemplo a seguir, temos argumentação disjuntiva exclusiva:

(12) “... prefiro ficar assim aqui assistindo televisão *ou* dormindo...” (DID SP 234 apud PEZATTI, 2009: 23).

No enunciado, as alternativas são excludentes: não é possível dormir e assistir a programas de televisão simultaneamente.

Para o autor, os conectores não só marcam as relações lógicas, como também oferecem indicações quanto à hierarquia dos constituintes por eles articulados, isto é, se são os principais ou os subordinados, *argumentativamente* falando. Não se trata de orações principais e subordinadas, mas de argumentos principais ou subordinados. Dessa forma:

I. os conectores que expressam uma relação argumentativa do tipo *causal*, *explicativa* ou de *justificativa* introduzem sempre um constituinte subordinado;

II. aqueles que expressam uma relação argumentativa do tipo *conclusiva* ou *consecutiva* introduzem um constituinte principal;

III. os conectores contra-argumentativos do tipo *mas* introduzem

um constituinte principal e os do tipo *embora*, um constituinte subordinado;

IV. os conectores reformulativos introduzem sempre constituintes principais;

V. os de topicalização anunciam constituintes subordinados. (ALMEIDA; MARINHO, 2012, p. 199).

Observemos os exemplos:

(13) Os órgãos da prefeitura carioca não fazem campanhas de conscientização ambiental *porque* não contam com verbas específicas.

(14) A população concorda com as medidas do governo, *logo* a campanha será bem-sucedida.

(15) O futuro candidato a prefeito buscou o apoio de vários líderes políticos, *mas* não conseguiu o de importantes figuras do governo.

(16) *Embora* tivesse buscado o apoio de vários líderes políticos, o futuro candidato a prefeito não conseguiu o de importantes figuras do governo.

(17) Se ela assevera que não fez tal afirmação, eu garanto que, *pelo menos*, ela a insinuou.

(18) A nova Lei de Limpeza Urbana apresenta muitos pontos positivos. *Quanto a* levar o contraventor para a delegacia, as opiniões divergem.

Em 13, temos uma relação argumentativa do tipo *causal*: o argumento principal está contido na primeira parte do enunciado (o emissor afirma que: *Os órgãos da prefeitura carioca não fazem campanhas de conscientização ambiental*), enquanto o conector *porque* introduz o constituinte subordinado do ponto de vista da argumentação (o emissor apresenta a causa do fato afirmado).

No exemplo 14, o operador *logo* encabeça o constituinte argu-

mentativo principal, a afirmação de que *a campanha será bem-sucedida*, afirmação esta justificada pelo fato de *a população concordar com as medidas do governo*.

Nos exemplos 15 e 16, manifestam-se relações de contra-argumentação, mas em 15, a orientação argumentativa predominante é a do enunciado introduzido pelo operador (*mas não conseguiu o de importantes figuras do governo*), enquanto em 16, o argumento que o conector encabeça (*embora tivesse buscado o apoio de vários líderes políticos*) é o subordinado.

Em 17, o enunciador está reformulando uma observação que teria feito anteriormente: o que ele julgava ser uma afirmação de outrem agora admite ser uma insinuação.

Em 18, o conector *quanto a* topicaliza uma das formas de execução da Lei de Limpeza Urbana (levar o infrator para a delegacia), ponto considerado negativo pelo emissor, mas que não invalida o fato de avaliar a lei positivamente, o que se conclui de seu argumento principal: *A nova Lei de Limpeza Urbana apresenta muitos pontos positivos*.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Comente os valores semânticos e discursivos no emprego dos operadores discursivos (conectores) sublinhados nas frases:

- Devemos praticar a dança, pois dançar é um esporte e auxilia a manutenção da saúde. *Além disso*, a dança é reconhecida como o movimento em sua mais bela forma.
- Tome banho agora, *ou* vai dormir com calor. Você não lembra que vai faltar água hoje?
- Tome banho agora, *pois* vai faltar água.
- Jogou muito bem, *mas* não conseguiu ser campeão.
- Ainda que* tivesse jogado bem, não conseguiu ser campeão.
- A fotógrafa era uma verdadeira encantadora de bebês. *Tanto que* conseguiu um sorriso de minha sobrinha.
- O arroz integral tem mais vitaminas e sais minerais do que o arroz branco e é também de mais fácil digestão. Vamos, *portanto*, integrá-lo à nossa alimentação.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

3. O fragmento de texto a seguir tornou-se ilógico pelo uso equivocado dos conectores sublinhados. Empregue os operadores adequados, faça as demais alterações sintáticas e restabeleça a coerência do texto.

A alteração mais comum entre os imóveis que compõem a paisagem carioca é o fechamento das varandas com janelas e blindex. *Já que* (a) valorizam o empreendimento, muitas vezes as varandas são mal aproveitadas pelos moradores. Construtoras exploram bastante esse espaço em seus projetos, *embora* (b) sejam áreas que podem ser construídas além do total permitido pelo código de obras. Na prática, *portanto* (c), muitos condôminos veem as varandas como espaços mortos, explica a arquiteta Valéria Marques.

Até que (d) fechar as sacadas garante um espaço a mais ao imóvel, além de assegurar maior privacidade e menos ruído vindo da rua, com a adoção de materiais com isolamento acústico (Adap. de RAMALHO, Marina. "Fachadas desfiguradas". In: *Jornal do Brasil*, Caderno Imóveis, RJ, 11 set. 2005, p. 1).

RESPOSTA COMENTADA

3. *"A alteração mais comum entre os imóveis que compõem a paisagem carioca é o fechamento das varandas com janelas e blindex. Embora, ainda que (a) valorizem o empreendimento, muitas vezes as varandas são mal aproveitadas pelos moradores. Construtoras exploram bastante esse espaço em seus projetos, uma vez que, porque (b) são áreas que podem ser construídas além do total permitido pelo código de obras. Na prática, no entanto, entretanto (c), muitos condôminos veem as varandas como espaços mortos, explica a arquiteta Valéria Marques.*

Assim, dessa forma (d), fechar as sacadas garante um espaço a mais ao imóvel, além de assegurar maior privacidade e menos ruído vindo da rua, com a adoção de materiais com isolamento acústico.

CONCLUSÃO

Com base nas reflexões propostas nesta aula, constatamos que os conectivos, como são chamados pela gramática tradicional, integram a grande classe dos conectores, termo mais abrangente, que se refere não só aos papéis sintáticos das palavras de conexão, mas também às suas funções semântico-discursivas. Os conectores foram, assim, abordados como elementos em torno dos quais o discurso se articula e como guias para a interpretação dos textos, uma vez que constituem elementos que facilitam a compreensão dos enunciados em que aparecem.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia a frase e julgue se as afirmativas sobre ela são falsas ou verdadeiras. Justifique as suas respostas.

Com todos esses aspectos negativos, o reinado de Afonso IV trouxe vários benefícios para o povo português.

- a) A palavra *com* é uma preposição e, portanto, um conectivo.
- b) O mesmo termo pode ser substituído, sem alteração de sentido, por *apesar de*.

RESPOSTA COMENTADA

- a) VERDADEIRA. A palavra *com* é um conector subordinativo, pois instaura uma relação de dependência, de subordinação entre o verbo trazer (forma verbal trouxe) e o sintagma nominal todos esses aspectos negativos, de modo que o SN passa a exercer a função de seu adjunto adverbial de concessão. É também um conector por apresentar um argumento (muitos aspectos negativos) que poderia impedir a realização do fato enunciado no restante da oração (o reinado trouxe benefícios para o povo português), mas, posteriormente, tem seu valor argumentativo negado.
- b) VERDADEIRA. A locução *apesar de* equivale, nas duas funções assinaladas na resposta ao item anterior, à preposição *com*.

RESUMO

Procuramos oferecer, nesta aula, uma visão abrangente, embora não exaustiva do elenco de conectores com que contamos para a construção de textos em português. Discutimos os significados dos termos *conector* e *conectivo* à luz da gramática tradicional e de estudos da linguística textual. Demonstramos que tais classes de expressões linguísticas são recursos coesivos que especificam as relações entre vários segmentos de um texto, estabelecendo conexão lógica entre eles, de modo a propiciar a progressão textual. Analisamos alguns desses operadores a partir das espécies de relações semântico-discursivas que estabelecem.

Ordenação de orações – padrões de colocação. Efeitos expressivos da colocação

Ivo da Costa do Rosário

AULA

14

Meta da aula

Discutir os efeitos expressivos decorrentes da ordenação de orações.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o tratamento tradicional dado à ordenação de orações no âmbito do período composto;
2. comparar o tratamento tradicional com o das abordagens mais atuais, no que diz respeito à ordenação das orações.

INTRODUÇÃO

Você já deve ter ouvido, em diversas situações do cotidiano, que “a ordem dos fatores não altera o produto”. De fato, esse é um princípio válido na matemática. Afinal, se multiplicamos 2 por 3, temos 6. Da mesma forma, se alteramos a ordem, multiplicando-se 3 por 2, encontramos igualmente o resultado 6.

Muitas pessoas acabam estendendo essa propriedade da matemática para o campo linguístico. Assim, segundo esse ponto de vista, seria irrelevante a ordem das orações dentro do período. Vejamos os exemplos a seguir:

(1) O marido chegou quando a esposa saiu.

(2) Quando a esposa saiu, o marido chegou.

De acordo com o princípio de que “a ordem dos fatores não altera o produto”, tanto a frase (1) quanto a frase (2) seriam equivalentes. Por outro lado, convidamos você a um desafio: utilizando sua intuição de falante e leitor da língua portuguesa, você concorda com o fato de que os exemplos (1) e (2) são realmente iguais em termos de sentido? Será que a ordem da oração adverbial temporal (*quando a esposa saiu*) pode, de fato, ser livremente posta à direita ou à esquerda da oração principal sem qualquer alteração de sentido? Existe algum efeito expressivo na ordem das orações? É sobre isso que falaremos nesta aula.

ABORDAGEM TRADICIONAL

Não é muito comum as gramáticas normativas discutirem a questão da ordem das orações no período. Normalmente, ao discutir a ordem dos elementos sintáticos, os gramáticos atêm-se apenas ao nível da oração, e não do período composto. Por exemplo, Bechara (1999, p. 583), ao tratar desse assunto, afirma que o padrão sintático é a ordem direta. Quando há uso da ordem inversa, segundo o autor, comumente se alcança efeito estilístico, especialmente de ênfase. Assim, a posição natural de uma oração adverbial, por exemplo, seria à direita da principal, visto que esse tipo de oração equivale a um advérbio.

Em geral, quando é abordado, esse assunto é tratado no apêndice dos manuais ou dentro das chamadas figuras de sintaxe ou de construção.

Cunha e Cintra (2001, p. 619) apresentam as figuras de sintaxe de forma bastante curiosa. Vejamos:

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O emprego de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares.

Com essas palavras, os gramáticos apresentados consideram as chamadas figuras de sintaxe como processos expressivos que se caracterizam mais pelo desvio ao padrão. Isso significa que, sob a ótica dos autores, esses usos expressivos não são modelares, ou seja, não seguem o padrão normal de construção do período em língua portuguesa.

Entre as figuras de sintaxe que fazem referência a alterações na ordem do período, destacamos quatro: a *anástrofe*, o *hipérbato*, o *anacoluto* e a *sínquise*. Vejamos cada uma delas.

Anástrofe

Segundo Cunha e Cintra (2001, p. 627), a anástrofe “é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (preposição + substantivo) ao determinado”. Vejamos um exemplo fornecido pelos autores:

(3) Vingai a pátria ou valentes / *Da pátria tombai no chão!*

A ordem “natural” desses versos seria: “Vingai a pátria ou valentes / Tombai no chão da pátria”.

Aparentemente, pela definição e pelo exemplo fornecidos, Cunha e Cintra (2001) não associam a anástrofe ao campo das relações entre orações, ou seja, essa figura de sintaxe não operaria no nível do período composto.

Rocha Lima (1999, p. 512) caracteriza a anástrofe também de forma semelhante a Cunha e Cintra (2001); por outro lado, o primeiro afirma que essa figura de construção seria uma modalidade do hipérbato. Bechara (1999, p. 582) apresenta um conceito um pouco mais amplo para anástrofe, alocando esse fenômeno em uma seção que ele chama *sintaxe de colocação ou de ordem*. Segundo o gramático, trata-se da “ordem inversa que colide com a norma geral da colocação”.

Hipérbato

Para Cunha e Cintra (2001, p. 627), o hipérbato “é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico”. Assim sendo, primeiramente, os autores reservam esse conceito para a descrição de um fenômeno no nível frásico, ou seja, no nível da oração, e não do período composto. Vejamos um exemplo:

(4) *Essas que ao vento vêm / Belas chuvas de junho!*

Nesse exemplo dado por Cunha e Cintra (2001, p. 627), a ordem natural dos versos seria a seguinte: “Essas belas chuvas de junho que ao vento vêm!” Trata-se, portanto, de um hipérbato, pois houve separação de palavras que pertencem a um mesmo sintagma.

Por outro lado, Cunha e Cintra (2001, grifo nosso), na mesma seção, acrescentam que “em sentido corrente, [...] hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da *ordem das orações no período, com finalidade expressiva*”. Assim, apesar de o autor não exemplificar esse fenômeno, admite que o hipérbato também ocorreria no nível do período composto. Rocha Lima (1999, p. 512) também comunga desse ponto de vista.

Anacoluto

O anacoluto, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 630), “é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível”. Vejamos um exemplo também fornecido pelos autores:

(5) *Umás carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas*, de tão imprestáveis.

Em geral, os gramáticos consideram o anacoluto como uma situação em que não há um “seguimento normal” da frase, ou seja, novamente se retoma a ideia de desvio. Aliás, Bechara (1999, p. 595) é ainda mais enfático: “O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua”. Para Cunha e Cintra (2001, p. 631), o anacoluto é fenômeno

muito comum, especialmente na linguagem falada. Nesse caso, aquele que escreve ou fala se abstrai do começo do enunciado para continuar a se exprimir como se iniciasse uma nova frase.

Sínquise

Por fim, a sínquise é definida como uma “inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 628). Vejamos como os gramáticos ilustram esse fenômeno, seguido de uma possível reescrita do exemplo:

(6) Lícias, pastor – enquanto o sol recebe,
Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
Em sede abrasa, qual de amor por Febe
– Sede também, sede maior, desmaia.

(Alberto de Oliveira)

(6a) Lícias, pastor – enquanto o manso armento recebe o sol e,
mugindo, espraia ao largo –, abrasa em sede, qual de amor
por Febe, sede também, sede maior.

Rocha Lima (1999, p. 513-514) apresenta a mesma definição, o mesmo exemplo e a mesma proposta de reescrita de Cunha e Cintra (2001) quando caracteriza e exemplifica o fenômeno da sínquise.

Bechara (1999, p. 582) diz que, “quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos”, temos um exemplo de hipérbato. Curiosamente, a definição dada por este autor é semelhante à que Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1999) dão ao conceito de sínquise. Para Bechara (1999, p. 583), a sínquise ocorre “quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto”.

Como podemos deduzir, é pouquíssimo provável (diríamos quase impossível) haver exemplos de sínquise na linguagem do dia a dia. Aliás, até mesmo em textos escritos modernos, essas construções são raríssimas ou inexistentes.

A breve análise que fizemos dessas três obras, que são importantes gramáticas da norma culta do português comercializadas no Brasil, revela alguns pontos fundamentais:

- 1º) As alterações na ordem dos termos da oração ou das orações no interior do período são consideradas procedimentos desviantes, fora do padrão esperado.
- 2º) Como são “desviantes”, supõe-se que não seriam os procedimentos mais habituais na língua, ou seja, esses usos não representariam grande frequência de uso.
- 3º) Não há consenso quanto aos “limites” de cada figura de sintaxe (ou de construção). Assim, por exemplo, há diferentes concepções para o hipérbato e para a sínquise. Isso significa também que nem sempre é fácil classificar as inversões de ordem pelos conceitos apresentados pelos autores.
- 4º) Dispensa-se pouca ou nenhuma atenção à ordem das orações no período. Em geral, as observações são mais destinadas à reflexão acerca da ordem dos termos na oração.

Esse é o ponto de vista tradicional para a descrição da inversão dos termos da oração ou para a ordem das orações no período. Você ficou à vontade com essas definições e com a apresentação do tema pelos gramáticos? Será que os usos da ordem indireta são realmente desviantes? A partir da próxima seção, faremos um estudo desse mesmo assunto sob a ótica de outra perspectiva teórica. Vamos prosseguir? Antes, aí vai um exercício para treino.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia um pequeno trecho de uma notícia publicada pelo jornal *O Dia Online*, em 19 de março de 2013:

Aquecimento da economia estimula publicidade

São muitas opções de carreira no mercado e às vezes é difícil escolher qual seguir. *Para ajudar o estudante nessa difícil tarefa*, o Dia Online [...] tem apresentado entrevistas com coordenadores de cursos, para tirar dúvidas e mostrar as atuações e vantagens de cada profissão, bem como o cenário atual do mercado e as aptidões necessárias.

A área de publicidade & propaganda é muito sensível ao desempenho da economia do Brasil. *Se a economia vai bem e o poder aquisitivo da população também*, o mercado de trabalho estará em ebulição e diversas contratações deverão ser feitas.

Fonte: <http://odia.ig.com.br/portal/educacao/aquecimento-da-economia-estimula-publicidade-1.557579>

a) Os trechos sublinhados indicam que o período está na ordem direta ou inversa? Por quê?

b) Segundo Cunha e Cintra (2001), os segmentos destacados podem ser considerados casos de hipérbato? Justifique sua resposta.

c) Os segmentos destacados, de certa forma, podem ser enquadrados como exemplos de sínquise? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

1. a) Os trechos sublinhados indicam que o período está na ordem inversa. No primeiro trecho, a oração adverbial final está anteposta e apresenta, por esse motivo, uma informação mais tópica ou central. Já no segundo exemplo, temos uma oração adverbial condicional que, de forma semelhante ao primeiro caso, também introduz uma informação mais central ou tópica.

b) Em um primeiro momento, diríamos que tais exemplos não se enquadram no conceito de hipérbato, tal como é compreendido por Cunha e Cintra (2001, p. 627). Afinal, para eles, o hipérbato “é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico”. Por outro lado, os autores também admitem que

em sentido corrente [...] hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

Assim sendo, os casos apresentados poderiam, sim, ser classificados como hipérbatos, visto que indicam uma inversão na ordem das orações do período com finalidade expressiva. Vale lembrar que Rocha Lima (1999, p. 512) também comunga desse ponto de vista.

c) Não. De acordo com os autores analisados, a sínquise é uma figura de sintaxe (ou de construção) que implica uma “violenta” alteração na ordem dos constituintes ou orações. Não é o caso apresentado, visto que a anteposição das adverbiais não aponta para essa radicalidade.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

2. Releia as quatro conclusões da seção anterior. Com base nessa leitura, responda: por que o tratamento tradicional dispensa pouco interesse ou valor à posição das orações?

RESPOSTA COMENTADA

2. É possível que a tradição gramatical praticamente ignore o estudo da posição das orações, porque essa abordagem necessariamente esbarra em questões semânticas e pragmáticas, que são normalmente pouco focalizadas ou até mesmo ignoradas por alguns gramáticos, que preferem descrições de caráter estritamente sintático. A posição não canônica das orações, ou seja, a ordem inversa, é vista como algo desviante, fora do padrão, não habitual. Essa perspectiva não ensejaria, portanto, um estudo aprofundado.

ABORDAGEM FUNCIONALISTA

A linguística, desde o seu nascimento, no bojo dos estudos saussureanos, vem lançando luzes sobre diversos aspectos das gramáticas de todas as línguas do mundo. Com o português, não poderia ser diferente.

No interior das ciências, é comum haver diferentes perspectivas teóricas. Assim, por exemplo, no interior da psicologia, detectamos a psicologia jungiana, a psicologia da gestalt, a psicologia social, entre outras linhas. Na linguística também ocorre algo semelhante. Somente para citarmos algumas linhas de pesquisa mais representativas no Brasil, temos o estruturalismo, o gerativismo, a análise do discurso, a sociolinguística, o funcionalismo, entre outras.

Essas grandes linhas teóricas também apresentam subdivisões. Para fundamentar esta aula, utilizaremos o funcionalismo de vertente norte-americana, atualmente chamado pelos pesquisadores brasileiros de *linguística funcional centrada no uso*. Essa vertente foi escolhida, pois lida com a língua em uso, e não com virtualidades ou criações artificiais.

Segundo os estudos da linguística funcional centrada no uso, a ordem das orações não pode ser considerada gratuita e nem desviante, como indicam os gramáticos normativos. Ao contrário, a ordem das orações revela importantes aspectos organizacionais do discurso.

Baseada em Thompson & Mann (1987), Decat (2001, p. 120) reitera que “a maneira como as cláusulas se articulam seria [...] um reflexo da organização discursiva geral, pois entre elas estariam as mesmas relações presentes no discurso como um todo”. Nesse aspecto, o estudo da ordem é um ponto fundamental no campo da articulação de orações.

Para ilustrar o que vimos afirmando nesta aula, vamos analisar um tipo específico de oração. Trata-se das *concessivas*. Assim como diversas outras, as concessivas podem estar em três posições distintas: antepostas, pospostas ou intercaladas. Diversos autores, de fato, reconhecem a mobilidade das orações e, por consequência, das concessivas, tanto em língua materna quanto em língua estrangeira (cf. LLORACH, 1999, p. 373; NEVES, 2000, p. 862; GARCÍA, 2004, p. 3.815).

As concessivas serão analisadas, como já apontamos, sob o viés teórico da linguística funcional centrada no uso. Isso implica o uso de *corpus*, ou seja, uma amostra de textos reais (falados ou escritos) que efetivamente circula na sociedade.

Outra inovação tem a ver com o conceito de construção. De maneira simplificada, concebemos *construção* como um termo genérico para nos referirmos tanto às concessivas oracionais quanto às não oracionais. Agora você deve estar se perguntando: existem concessivas não oracionais? Sim, elas existem, mas a gramática normativa dispensa pouco ou nenhum tempo à sua descrição. Nesta aula, essas construções não oracionais serão chamadas de concessivas nominalizadas.

No que se refere à posição das adverbiais de forma geral, assim assevera a *Enciclopédia internacional de ciências sociais e comportamentais* (19---, p. 166):

Existe uma tendência a orações adverbiais antepostas (ou iniciais) usarem, elaborarem e focalizarem um conteúdo contrário à informação dada no discurso precedente (não necessariamente imediato). Elas servem como espécie de guia ou marcadoras de cenário para o leitor ou ouvinte (a) preenchendo o que foi dito ou escrito anteriormente, e (b) preparando o fundo para o que seguirá na sentença complexa, e frequentemente até para uma porção maior do texto. Por outro lado, orações adverbiais pospostas (ou

finais) tipicamente veiculam uma função muito mais local, i.e., seu escopo é restrito à sua oração imediatamente anterior. Elas não se referem a partes anteriores do discurso nem prenunciam ou preparam o que está a seguir.

No tocante à língua falada, ainda segundo a *Enciclopédia internacional de ciências sociais e comportamentais* (19-- , p. 167), as orações adverbiais servem a funções interacionais distintas na conversação face a face. Dessa forma, orações *antepostas* frequentemente são encontradas no início de unidades discursivas relativamente amplas. Orações *pospostas*, por sua vez, parecem servir a propósitos conversacionais especiais, principalmente por estarem separadas dos núcleos por uma maior quebra entoacional. Tendem a ocorrer preferencialmente em conversas informais, quando os interlocutores negociam o consentimento com algum assunto.

Tendo em vista o modo de organização do discurso, Decat (2001, p. 144) analisou a posição das concessivas (assim como de outras proposições hipotáticas) e chegou à seguinte conclusão: na narrativa oral e na dissertação escrita, a anteposição é mais frequente; por outro lado, na narrativa escrita e na dissertação oral, a posposição é mais frequente.

Percebemos, assim, segundo Decat (2001), que tanto a sequência tipológica (textos narrativos, dissertativos, descritivos, injuntivos etc.) quanto a modalidade de uso da língua (falada ou escrita) interferem diretamente sobre a posição das orações. Dessa forma, não é aconselhável fazer grandes generalizações quanto ao significado da posição das orações, a não ser que se tenha em mente a sequência tipológica em que as orações ocorrem.

Vários autores alinhados com a linguística funcional centrada no uso já pesquisaram a questão da ordem das orações. Neves (2002, p. 573), por exemplo, em pesquisa de *corpus* de língua falada, em que analisou 55 orações concessivas, encontrou os seguintes conectivos, acompanhados de frequência de uso:

Tabela 14.1: Relação entre conectivo e posição da sentença concessiva, segundo Neves (2002)

Conectivo	Anteposição		Posposição		Intercalação		Total
<i>mesmo que</i>	X	5	-	-	X	1	6 – 10,92%
<i>ainda que</i>	-	-	X	3	-	-	3 – 5,45%
<i>embora</i>	X	3	X	19	X	4	26 – 47,27%
<i>apesar que</i>	-	-	X	2	-	-	2 – 3,64%
<i>apesar de que</i>	-	-	X	3	-	-	3 – 5,45%
<i>se bem que</i>	X	1	X	11	-	-	12 – 21,82%
<i>por mais que</i>	X	2	X	1	-	-	3 – 5,45%
Total por posição	11		39		5		55 – 100%

A Tabela 14.1 revela a grande mobilidade do conector *embora*, visto que é o único que ocupa três posições distintas (anteposição, posposição e intercalação), e revela também que a posposição da sentença concessiva constitui a ordem não marcada, ou seja, a mais frequente, tendo em vista que os conectivos concessivos são utilizados 39 vezes nessa posição.

Rosário (2012) também analisou as concessivas. Vejamos como essas orações se comportaram em discursos políticos contemporâneos, fortemente marcados pela argumentação. A Tabela 14.2 cruza a posição da concessiva com a forma de conexão dessas construções (desenvolvida, reduzida ou nominalizada).

Tabela 14.2: Posição das concessivas *versus* forma de conexão, segundo Rosário (2012)

Conectivos	Anteposição			Posposição			Intercalação			Total
	Desenvolvidas	Reduzidas	Nominalizadas	Desenvolvidas	Reduzidas	Nominalizadas	Desenvolvidas	Reduzidas	Nominalizadas	
<i>mesmo</i>	-	41	39	-	20	11	-	13	22	146 - 30,22%
<i>mesmo assim</i>	-	-	16	-	-	-	-	-	3	19 - 39,33%
<i>mesmo quando</i>	2	-	-	5	-	-	-	-	-	7 - 1,44%
<i>mesmo se</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1 - 0,02%
<i>até mesmo</i>	-	-	-	-	1	2	-	-	1	4 - 0,08%
<i>nem mesmo</i>	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2 - 0,04%
<i>apesar de</i>	-	38	23	-	14	9	-	9	8	101 - 20,91%
<i>embora</i>	21	-	4	28	-	-	12	3	1	69 - 14,28%
<i>mesmo que</i>	14	-	1	14	2	2	3	-	3	39 - 8,07%
<i>ainda que</i>	10	1	5	6	-	5	-	-	4	31 - 6,41%
<i>quando</i>	1	-	-	26	-	-	1	-	-	28 - 5,79%
<i>em que pese</i>	-	-	11	-	1	4	-	1	-	17 - 3,51%
<i>não obstante</i>	-	-	8	-	-	3	-	-	1	12 - 2,48%
<i>e</i>	-	-	-	3	-	-	3	-	-	6 - 1,24%
<i>se bem que</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1 - 0,02%
Subtotal	49	80	107	83	39	37	19	26	43	483 - 100%
Total	236 - 48,86%			159 - 32,91%			88 - 18,21%			

A tabela anterior permite uma série de inferências concernentes à posição das concessivas. Em primeiro lugar, é notável o comportamento bastante diversificado dos conectivos concessivos em termos posicionais. Afinal, cada conectivo apresenta um comportamento particular em termos de frequência de uso. Isso significa, *grosso modo*, que qualquer generalização, como já afirmamos, pode ser perigosa.

Em linhas gerais, podemos verificar que há um número muito maior de concessivas antepostas (236 ocorrências – 48,86%) que pospostas (159 ocorrências – 32,91%) e intercaladas (88 ocorrências – 18,21%).

Por outro lado, não podemos ignorar algumas especificidades. Por exemplo, apesar de a anteposição ser a estratégia mais recorrente entre as concessivas, há alguns conectivos que são utilizados usualmente ou exclusivamente na forma posposta (*quando* – 26 ocorrências; *nem mesmo* – 2 ocorrências).

Mesmo dentro do âmbito da anteposição, há importantes especificidades. Há conectivos que normalmente são utilizados em construções concessivas desenvolvidas (*embora* – 21 ocorrências; *ainda que* – 10 ocorrências). Outros conectivos, por sua vez, são normalmente utilizados em construções reduzidas ou nominalizadas (*mesmo* – 80 ocorrências; *apesar de* – 61 ocorrências). Isso significa que alguns conectivos ocorrem em alguns contextos mais específicos e, portanto, não são intercambiáveis.

Se considerássemos apenas as construções desenvolvidas, como é de praxe nas abordagens tradicionais, diríamos que a estratégia mais prototípica não é a anteposição, mas a posposição, visto que detectamos 83 concessivas pospostas desenvolvidas, que é um número bem superior que a de antepostas desenvolvidas (49 ocorrências) ou de intercaladas desenvolvidas (19 ocorrências).

A pesquisa de Neves (2002) apontou resultados diferentes dos de Rosário (2012), visto que, na pesquisa da primeira, houve uma incidência muito maior de concessivas pospostas (em torno de 70%). Esse dado pode ser explicado pela própria modalidade de língua analisada por Neves (2002), ou seja, a língua falada. De fato, essa modalidade é mais afeita à informalidade discursiva, que, por sua vez, propicia o surgimento de mais construções pospostas.

Quanto à pesquisa de Rosário (2012), as concessivas revelaram uma importante versatilidade em termos posicionais e morfossintáticos, visto que há possibilidade de diversas combinações. Por outro lado, podemos destacar, quanto à posição das concessivas, alguns padrões mais recorrentes, que são as antepostas nominalizadas (107 ocorrências) e as pospostas desenvolvidas (83 ocorrências), que juntas somam quase 40% de todas as ocorrências do *corpus*.

Alguns conectivos apresentam-se mais versáteis, tendo em vista sua ocorrência em diferentes posições, como acontece com *mesmo* (7 diferentes posições), e *mesmo*, *apesar de*, *embora*, *ainda que* (6 diferentes posições).

Concentrando-nos nos conectivos presentes nas construções concessivas desenvolvidas e reduzidas, passemos, agora, a alguns exemplos do *corpus* de Rosário (2012). Esclarecemos que a data explicitada após o segmento transcrito do *corpus* representa o dia em que o discurso político foi proferido:

Concessiva anteposta desenvolvida

(7) [*Embora* saibamos de todas as dificuldades para a mobilização dos servidores públicos], não apenas o número de presentes foi muito expressivo como também a manifestação contou com participantes de todas as áreas do serviço público – Saúde, Educação, Segurança Pública, Previdência – e universidades – 13/08/2009.

Concessiva anteposta reduzida (de infinitivo)

(8) O sr. deputado Paulo Melo não está aí. O parecer pela Comissão de Constituição e Justiça, tendo em vista ser uma questão emergencial, e [*apesar de* apresentar a possibilidade de aumento de despesa para o Poder Legislativo], é pela constitucionalidade – 1º/09/2009.

Concessiva anteposta reduzida (de gerúndio)

(9) De qualquer maneira, meus cumprimentos. Acho que esse esforço merece toda a solidariedade, todo o apoio, porque a Zona Oeste teve um crescimento espontâneo. [*Mesmo* a cidade dispondo de Plano Diretor], isso não foi sendo muito observado – 29/06/2009.

Concessiva anteposta reduzida (de participípio)

(10) Então, o que eu quero, em primeiro lugar, é sugerir a V. Exa., porque aí há uma denúncia além de grave, investigar o Executivo nem pensar; não há possibilidade na Casa de se investigar qualquer ato que venha do Poder Executivo, mesmo que seja a maior imoralidade, através de Comissão Parlamentar de Inquérito, porque a Comissão, [*mesmo* requerida e subscrita por 24 ou mais], não é instalada – 17/02/2009.

Concessiva anteposta nominalizada

- (11) [*Apesar dos seus inúmeros compromissos*], ele sempre consegue arranjar um tempo para dar atenção para nós, o que acho muito importante – 13/08/2009.

Encontramos algumas propriedades em comum, no que tange à anteposição das concessivas. De uma forma geral, essas concessivas preparam o ouvinte/leitor para a informação que a sucede. Funcionam, dessa forma, como uma espécie de guia ou fio condutor pelo qual a argumentação será empregada. Nos termos de Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), funcionam como fundo para a informação mais central que virá em seguida.

A anteposição espelha com maior clareza o caráter de argumento “mais fraco” presente no segmento concessivo, que prepara o ambiente discursivo para a inclusão de um argumento “mais forte”. A concessiva anteposta normalmente denota uma informação velha ou dada.

Rocha Lima (1999, p. 277) afirma que a oração concessiva pode colocar-se antes ou depois da principal, e acrescenta que

a anteposição parece que lhe dá maior relevo, e permite o uso, na oração principal, de uma palavra ou expressão que realce o contraste de ideias, tal como: *ainda assim*, *mesmo assim*, *contudo*, *entretanto*, *sempre*, *todavia* e outras.

Essa estratégia foi identificada no *corpus* de Rosário (2012). Vejamos:

- (12) Portanto, que pelo menos aqueles que pretendem contribuir para jogar o governo Sérgio Cabral neste lamaçal, que o façam sabendo que [*mesmo* ainda não existindo as OSs], [*mesmo* assim] a imoralidade já campeia dentro da Secretaria de Estado de Cultura e dentro da Funarj (Palmas) – 24/06/2009.

A necessidade de reforço impõe-se muito provavelmente como um mecanismo auxiliar para que a memória do interlocutor/ouvinte mantenha latente a noção de concessividade expressa no conectivo anteriormente citado. No exemplo (12), o segmento concessivo é logo retomado pela expressão concessiva *mesmo assim*.

Quando as orações são antepostas, segundo Neves (2000, p. 878), o esquema comunicativo é o seguinte: primeiro se refuta uma possível ou previsível objeção do interlocutor; depois se faz uma asseveração. As orações concessivas antepostas carregam informação mais conhecida do interlocutor, ocupando uma posição mais tópica.

Também as pospostas podem ser desenvolvidas, reduzidas ou nominalizadas, e foram encontradas em cinco padrões diferentes. Vejamos um exemplo de cada construção:

Concessiva posposta desenvolvida

- (13) Sr. presidente, deixei para falar no final, já com as galerias praticamente vazias, porque poderiam dizer que eu estaria jogando para a arquibancada, [*embora* não precisasse disso], por causa da audiência que tenho – 08/09/2009.

Concessiva posposta reduzida (de infinitivo)

- (14) O SR. GERALDO MOREIRA – Obrigado, deputado Luiz Paulo, o assunto de V. Exa. é tão pertinente e, às vezes, a gente fica atentado a pedir a questão de ordem, [*apesar* muitas vezes prejudicar o rumo do raciocínio de V. Exa., que é o dono da palavra nesse momento]. Mas me perdoe a ousadia – 03/09/2009.

Concessiva posposta reduzida (de gerúndio)

- (15) Quero parabenizar o governador Sérgio Cabral por estar combatendo esta questão, [*mesmo* não podendo emitir minha opinião sobre a privatização do Aeroporto Tom Jobim, que no cenário em que está seria até a melhor solução] – 05/03/2009.

Concessiva posposta reduzida (de participio)

- (16) Gradativamente você vê a pouca possibilidade de qualquer denúncia sobre as Barcas, [*mesmo que* fundamentada em dados concretos]. Nós denunciemos e vamos falar aqui de novo, que o aumento de 2,47 reais para 2,80 no trecho de Niterói é ilegal, é irregular, é abusivo – 15/09/2009.

Concessiva posposta nominalizada

- (17) O sr. Marcelo Freixo (Pela ordem) – Na verdade a empolgação é boa, [*mesmo que* tardia] – 1º/09/2009.

Segundo Neves (2000, p. 878), a ordem das construções concessivas obedece a propósitos comunicativos diversos. Como já vimos anteriormente, essa é a posição mais comum das concessivas analisadas pela autora, que é bastante regular no seguinte esquema: primeiro se expressa a informação mais importante ou relevante; depois se expressa a objeção, que é utilizada, de certo modo, na defesa do ponto de vista expresso.

De uma forma geral, as concessivas pospostas ativam um mecanismo de *focalização* de elementos da principal. Via de regra, um elemento é eleito como mais importante ou saliente e é retomado ou focalizado na concessiva posposta. Mais uma vez, verificamos o caráter não tópico dessas construções, que completam o argumento antes proferido, concluindo-o de fato.

A oração concessiva posposta muitas vezes funciona como uma espécie de observação *a posteriori*, adendo ou pós-reflexão, conforme proposto por Neves (2000). São marcadas por uma menor carga informativa.

Por fim, as construções intercaladas, que representam o menor grupo entre as concessivas sob nossa análise, também permitem cinco formas de conexão diferentes. Vejamos:

Concessiva intercalada desenvolvida

(18) Procuraram dizer que os substituídos, [*mesmo que* estivessem indo para outros postos de trabalho,] estavam sendo substituídos em função de uma alegada ineficiência – 12/05/2009.

Concessiva intercalada reduzida de infinitivo

(19) Santa Cruz, [*apesar de* ser a região que congrega o maior número de empresas de porte grande], é também a região com menores indicadores de desenvolvimento humano – 29/06/2009.

Concessiva intercalada reduzida de gerúndio

(20) No mês passado, fui procurado pelo presidente da Associação Comercial e Industrial de Jacarepaguá que externou a sua preocupação em função das notificações que todo o comércio praticamente está recebendo da Secretaria da Receita. Obviamente, tais comerciantes, [*mesmo* querendo], não tinham condições de manter os seus compromissos em dia, em especial as vendas realizadas no cartão de débito ou crédito – 28/05/2009.

Concessiva intercalada reduzida de participio

(21) Segundo, tenho a certeza de que o governador – [*mesmo* autorizado por esta Casa] – iniciará por dois ou três equipamentos que talvez hoje nem estejam funcionando, e nós vamos, então, verificar a eficácia ou não das organizações sociais – 17/06/2009.

Concessiva intercalada nominalizada

(22) O resultado do Caged de fevereiro, [*ainda que* muito tímido], é um resultado que aponta para essa perspectiva – 19/03/2009.

Ao se falar em intercalação, para sermos mais precisos, é necessário, em primeiro lugar, estipular em que parte da oração ou de qualquer outro segmento está o elemento intercalado. Nos exemplos (18) a (22), a construção concessiva está sempre entre o sujeito e os outros elementos do segmento nuclear. Por outro lado, esta não é a única posição possível.

O uso de construções intercaladas nos diversos textos, como verificamos, produz uma quebra no fluxo discursivo, com vistas a uma maior topicidade, desempenhando a função pragmática de foco, justamente por apresentarem informação mais saliente em posição de destaque. Isso contribui para uma carga ainda maior de argumentatividade.

Salgado (2007, p. 80) também analisou essas construções que, por sinal, foram as mais prototípicas em sua pesquisa, dentro do âmbito das reduzidas. Para a autora, a intercalação da expressão com valor concessivo, muitas vezes até com sinais de pontuação específicos para esse fim, como os parênteses e o travessão, mostra o “caráter de informação adicional, esclarecimento que essa expressão com valor concessivo exerce sobre a principal”.

Para finalizar essa seção, é importante abordarmos outro tópico bastante relevante, ou seja, se haveria a possibilidade de alterarmos a ordem das orações concessivas sem prejuízo de sentido. Para responder a essa questão, García (2004, p. 3817) utiliza o conceito de *simetria*, que pode ser definido como a possibilidade de alterar a ordem dos membros de uma construção sem que isso aponte perda de aceitabilidade ou mudança de sentido/interpretação. Vejamos o seguinte exemplo, no âmbito da coordenação aditiva, traduzida diretamente da obra do autor:

(23) O homem se matou e escreveu uma carta de despedida.

Nesse exemplo, a alteração da ordem obviamente não é possível porque a causa deve preceder o efeito, e não o inverso. A inversão da ordem das orações desse exemplo nos conduziria a um evidente caso de *assimetria*, condicionado por fatores extralinguísticos.

Izutsu (2008, p. 664) também abordou essa questão e comprovou teórica e empiricamente que a ordem *embora p, q* nem sempre pode ser equivalente a *q, embora p*. Assim, corroboramos a posição de Decat (2001) e defendemos que a ordem está sujeita a questões pragmáticas.

Na verdade, segundo nossa análise, em certo sentido, pode ser possível uma alteração na ordem das concessivas, visto que geralmente essa alteração gera sequências perfeitamente gramaticais em língua portuguesa. Por outro lado, tais transformações, apesar de possíveis sintaticamente, alteram, mesmo que minimamente, a força expressiva dos enunciados. Afinal, alguma razão de ordem cognitiva, funcional e/ou discursiva faz com que o falante opte por uma construção, e não por outra, no momento da produção linguística.

Entre os vários fatores observados, podemos perceber as características do gênero discursivo em que essas construções ocorrem e fatores de ordem pragmática como o “peso” das concessivas. Quando antepostas, geralmente possuem função tópica; quando intercaladas ou pospostas assumem mais a função de adendo. A alteração na ordem faria com que essa força argumentativa fosse muito atenuada e até mesmo anulada. Vejamos novamente o exemplo a seguir:

- (13) Sr. presidente, deixei para falar no final, já com as galerias praticamente vazias, porque poderiam dizer que eu estaria jogando para a arquibancada, [*embora não precisasse disso*], por causa da audiência que tenho – 08/09/2009.

Na ocorrência (13), a concessiva, que está posposta, expressa bem o que afirmamos anteriormente. O segmento concessivo *embora não precisasse disso* encontra-se posposto justamente por funcionar apenas como um adendo. A baixa carga de informatividade do segmento em destaque não contribui para a sua anteposição, que seria uma posição tópica, de destaque.

Vejamos mais dois exemplos do *corpus* de Rosário (2012):

- (24) Se a cooperativa não estivesse recebendo seus pagamentos, se os médicos estivessem com seus salários atrasados, [*mesmo assim*], isso não exime a responsabilidade de aqueles médicos estarem nos seus dias em plantões estabelecidos – 24/03/2009.

(25) A cozinha é enorme, poderia até ser uma cozinha-escola. Mas não está devidamente preparada, porque tem infiltrações, não tem sistema adequado de exaustão, tem até esgoto dentro da própria cozinha, o que não é permitido. [*Mesmo* assim,] eu vi com muitos bons olhos a questão da segurança alimentar naquele hospital – 02/04/2009.

Tanto em um caso quanto no outro, observamos que a posição da concessiva está em um lugar estratégico. Estão antepostas, mas fazem referência a todo o contexto precedente, que é retomado anaforicamente pela expressão *mesmo assim*.

Com relação a (24), o deslocamento do segmento concessivo produziria alteração significativa na carga semântica do trecho em análise. Afinal, a partícula *assim* retomaria outra porção do texto, bem diferente da original. Vejamos como ficaria:

(24a) Se a cooperativa não estivesse recebendo seus pagamentos, se os médicos estivessem com seus salários atrasados, isso não exime a responsabilidade de aqueles médicos estarem nos seus dias em plantões estabelecidos [*mesmo* assim] – 24/03/2009.

A alteração na ordem do segmento concessivo produziu um discurso bastante truncado e com teor semântico-pragmático bem distinto do original. O mesmo se processa com relação a (25), que ficaria assim:

(25a) A cozinha é enorme, poderia até ser uma cozinha-escola. Mas não está devidamente preparada, porque tem infiltrações, não tem sistema adequado de exaustão, tem até esgoto dentro da própria cozinha, o que não é permitido. Eu vi com muitos bons olhos a questão da segurança alimentar naquele hospital [*mesmo* assim] – 02/04/2009.

Neste caso, a alteração é ainda mais profunda, visto que o *mesmo assim* já não é capaz de recuperar o sentido original, que se estabelece em relação à descrição da cozinha visitada pela deputada.

Decat (2001, p. 141) apresenta outros estudos concernentes à posição das orações. Para a autora, as orações adverbiais causais, por exemplo, são predominantemente pospostas, pois a “causa de um evento vem normalmente expressa após a menção desse evento”. Também as orações temporais e condicionais tendem à anteposição. Por outro lado, as orações que veiculam a ideia de motivo, modo, propósito, normalmente são pospostas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Leia alguns exemplos de concessivas do corpus de Rosário (2012):

(8) O Sr. deputado Paulo Melo não está aí. O parecer pela Comissão de Constituição e Justiça, tendo em vista ser uma questão emergencial, e [apesar de apresentar a possibilidade de aumento de despesa para o Poder Legislativo], é pela constitucionalidade – 1º/09/2009.

(26) Então, ele terá de parar um dos alto-fornos. [Ainda que quisesse mantê-los], não tem onde estocar em função de já ter quatro meses de produção estocada, quer dizer, há uma impossibilidade real – 17/03/2009.

(27) Há comprovações científicas de que essas pastilhas de iodeto de potássio reduzem muito as possibilidades de desenvolvimento de câncer na população eventualmente atingida por um acidente, o que é ínfimo, é 0,01 %. Mas [mesmo nesse caso] os planos de emergência têm que ser muito bem feitos, sem qualquer possibilidade de equívoco de margem mínima de erro – 22/04/2009.

(28) Afinal de contas, o baile funk não podia acontecer porque tinha uma burocracia tão grande que criava dificuldade; e quando se fazia no morro alegava-se que o baile funk era a onda das drogas, [quando, na realidade, isso não existe] – 1º/09/2009.

a) Você deve ter observado que os exemplos (8), (27) e (28) apresentam concessivas antepostas. Com base no que discutimos nesta aula e na sua análise, responda: que efeito estilístico-pragmático essas concessivas veiculam?

b) Entre todos os exemplos apresentados nesse exercício, há um caso de concessiva que, entre outros aspectos, caracteriza-se mais por recuperar informações já dadas. Qual é o exemplo de que estamos tratando?

c) O exemplo (28) apresenta a *quando* na função de conectivo concessivo. Leia esse exemplo e responda: essa oração concessiva poderia ter sua ordem alterada sem prejuízo de sentido? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Nos exemplos (8), (27) e (28), as concessivas antepostas preparam o ouvinte/leitor para a informação que as sucede. Funcionam, dessa forma, como uma espécie de guia ou fio condutor pelo qual a argumentação será empregada. Servem como fundo para a informação mais central que virá em seguida.

b) Trata-se do exemplo (27). Nesse exemplo, a concessiva “mesmo nesse caso” recupera uma grande quantidade de informação precedente (“Há comprovações científicas de que essas pastilhas de iodeto de potássio reduzem muito as possibilidades de desenvolvimento de câncer na população eventualmente atingida por um acidente, o que é ínfimo, é 0,01%”). O fato de essa concessiva ser nominalizada, ou seja, não conter verbo, possibilita um maior esvaziamento semântico e, em consequência, possibilita recuperar maior quantidade de informações, de forma anafórica.

c) No exemplo (28), temos dois pontos de vista acerca do baile funk: os defensores desses eventos como uma “onda de drogas” e os que defendem justamente o contrário. O segmento concessivo introduzido pela conjunção *quando* exprime um conteúdo semântico que contrasta com o conhecimento de mundo geral, ou melhor, com o senso comum de que o funk é sempre a expressão da violência. Esse contraste de ideias, nessa situação, perfaz a expressão da concessividade, que se emparelha também com o seu sentido original de temporalidade. Pelo menos nesse caso, não é possível alterar a ordem das orações, pois teríamos uma sentença agramatical: “Quando, na realidade, isso não existe, e quando se fazia no morro alegava-se que o baile funk era a onda das drogas”.

ATIVIDADE FINAL

Atende ao Objetivo 2

Vamos reler um exemplo de concessiva já explorado anteriormente. Veja:

(19) Santa Cruz, [apesar de ser a região que congrega o maior número de empresas de porte grande], é também a região com menores indicadores de desenvolvimento humano – 29/06/2009.

Com relação à posição da concessiva, responda: como poderíamos analisar essa ocorrência à luz da abordagem tradicional? Como poderia também ser analisado o mesmo exemplo à luz da linguística funcional centrada no uso?

RESPOSTA COMENTADA

À luz da abordagem tradicional, seria possível afirmar que a oração concessiva, no exemplo, designa um hipérbato, visto que ilustra uma inversão da ordem normal das orações no período, com finalidade expressiva. Seria um uso desviante do uso mais comum, que preceitua a posposição como o mais canônico na oração adverbial. Por outro lado, à luz da linguística funcional centrada no uso, estamos diante de uma oração intercalada. Esse uso produz uma quebra no fluxo discursivo, com vistas a uma maior topicidade, desempenhando a função pragmática de foco, justamente por apresentar informação mais saliente em posição de destaque. Isso contribui para uma carga ainda maior de argumentatividade.

Ao longo desta aula, vimos duas diferentes perspectivas de análise para a ordenação das orações. A primeira abordagem, calcada na gramática tradicional, é mais restritiva, reservando à inversão da ordem um caráter desviante do comum. Por outro lado, comprovamos que a linguística pode auxiliar na descrição gramatical ao lançar luzes sobre aspectos cognitivos, semântico-pragmáticos dos fenômenos linguísticos. Foi pelo viés da linguística funcional centrada no uso que analisamos as construções concessivas antepostas, pospostas e intercaladas. Em geral, as antepostas preparam o ouvinte/leitor para a informação que a sucede. Funcionam, dessa forma, como uma espécie de guia ou fio condutor pelo qual a argumentação será empregada. Nos termos de Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), funcionam como fundo para a informação mais central que virá em seguida. A anteposição espelha com maior clareza o caráter de argumento “mais fraco” presente no segmento concessivo, que prepara o ambiente discursivo para a inclusão de um argumento “mais forte”. A concessiva anteposta normalmente denota uma informação velha ou dada. De uma forma geral, as concessivas pospostas ativam um mecanismo de *focalização* de elementos da principal. Via de regra, um elemento é eleito como mais importante ou saliente e é retomado ou focalizado na concessiva posposta. Verifica-se o caráter não tópico dessas construções, que completam o argumento antes proferido, concluindo-o de fato. Muitas vezes, as pospostas funcionam como uma espécie de observação *a posteriori*, adendo ou pós-reflexão. São marcadas por uma menor carga informativa. Por fim, as intercaladas normalmente produzem uma quebra no fluxo discursivo, com vistas a uma maior topicidade, desempenhando a função pragmática de foco, justamente por apresentarem informação mais saliente em posição de destaque. Isso contribui para uma carga ainda maior de argumentatividade.

Termos oracionais e classes de palavras: funções sintáticas, semânticas e discursivas das classes (parte I)

Nilza Barrozo Dias

AULA 15

Metas da aula

Apresentar as classes de palavras *nomes* com as respectivas ocorrências na sintaxe oracional, bem como a fluidez entre os limites de classes nas funções de substantivo e de adjetivo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar e relacionar classes de palavras – *substantivo* e *adjetivo* – aos termos oracionais sujeito e objeto, na função substantiva (núcleo) e na função adjetiva (adjunto adnominal);
2. identificar e relacionar classes de palavras – *pronomes* e *numerais* – aos termos oracionais, sujeito e objetos, na função substantiva (núcleo) e na função adjetiva (adjunto adnominal).

INTRODUÇÃO

As classes de palavras podem ser vistas como classes fechadas (aquelas que são em número fixo nas línguas) e classes abertas (aquelas que não são em número fixo). Certamente, se você perguntar às pessoas quais são as classes de palavras, elas indicarão, em princípio, apenas duas classes: verbo e substantivo. Neves (2012) levanta a discussão entre o caráter natural ou arbitrário do signo, ou seja, discute a relação estabelecida entre o conceito, o nome e a coisa. O nome revela a relação conceptual com a coisa. Assim a significação vai ser algo resultante de uma convenção individual e consentida.

Alguém diz:

A bebida desce redondo

Podemos analisar quatro classes de palavras que se combinam nas funções sintáticas para dar sentido a uma sentença, nesta ordem: artigo, substantivo, verbo e advérbio. Ao se selecionar o substantivo *bebida*, certamente, pensaremos em algo com teor alcoólico, e, não, por exemplo, em chá ou leite. Algumas vezes, uma determinada classe pode passar a exercer a função de outra classe. Geralmente, usamos *redondo(s)*, *redonda(s)* como adjetivo para qualificar um substantivo, como em “A bola redonda”, mas pode ocorrer de a mesma palavra, sendo invariável, *redondo*, ser usada para indicar o modo como a bebida desce, funcionando, portanto, como um advérbio. Assim posto, a classificação em classes não pode ser estanque, mas fluida, para atender às necessidades discursivas. É isso que analisaremos nesta aula.

AS CLASSES DE PALAVRAS

Ainda olhando para o nosso exemplo anterior, podemos observar que o substantivo é o núcleo do sujeito, o verbo é o núcleo do predicado.

Apresentaremos as classes de palavras e suas definições encontradas em livros didáticos e em gramáticas, com base em Vieira e Brandão (2006), a seguir.

Quadro 15.1: Classes de palavras, com base em Vieira e Brandão (2006)

Classes	Definições	Crítérios
Substantivo	É o nome de todos os seres que existem/imaginamos existir.	Semântico
Adjetivo	É toda e qualquer palavra que, junto de um substantivo, indica uma qualidade, um estado, um defeito ou uma condição.	Funcional e semântico
Advérbio	É a palavra que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância (tempo, modo, lugar, etc.)	Funcional e semântico
Verbo	É a palavra que pode sofrer as flexões de tempo, pessoa, número e modo. É a palavra que pode ser conjugada, indica essencialmente um desenvolvimento, um processo (ação, estado ou fenómeno)	Morfológico e semântico
Artigo	É a palavra que antecede o substantivo e indica o seu género e número, individualizando-o ou generalizando-o.	Funcional, morfológico e semântico.
Pronome	A palavra que acompanha ou substitui o substantivo em relação às pessoas do discurso.	Funcional, morfológico e semântico.
Numeral	É a palavra que dá ideia de número.	Semântico
Preposição	É a palavra invariável que liga duas outras palavras entre si, ou, ainda, termos de uma mesma função sintática.	Morfológico e funcional.
Conjunção	É a palavra invariável que liga orações, ou ainda termos de uma mesma função sintática.	Morfológico e funcional.
Interjeição	É a palavra invariável que exprime emoção ou sentimento repentino.	Morfológico e semântico.

Câmara Jr. (1970) apresenta, como tarefa da gramática descritiva, a distribuição dos vocábulos formais em classes fundamentais. Seguindo esse objetivo, o autor critica a heterogeneidade de critérios, por não se levar em conta hierarquias e sub-hierarquias. O autor considera três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua:

- a) o critério semântico (o que eles significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua);
- b) o critério formal ou mórfico (que se baseia nas propriedades da forma gramatical);
- c) o critério funcional (que diz respeito ao papel que cabe ao vocábulo na oração).

O critério semântico não deve ser observado isoladamente, já que o sentido não é um conceito independente, mas está ligado à forma. Há uma associação muito estreita entre o critério semântico (relativo à significação) e o critério mórfico (relativo às propriedades formais), pois o vocábulo é uma unidade de forma e de sentido. O autor afirma que esse critério “compósito” parece ser o fundamento primário da classificação dos vocábulos formais em português.

Por exemplo, o critério semântico isolado não daria conta da distinção entre nomes e verbos e a solução estaria em acrescentar o critério mórfico. Dessa forma, os nomes representam coisas ou seres (critério semântico) e apresentam gênero e número (critério mórfico). Por outro lado, os verbos representam processos (critério semântico) e se flexionam em modo tempo, pessoa e número (critério mórfico). Esse critério “compósito” é também usado para caracterizar a classe dos pronomes. Por seu caráter **DÊITICO**, eles mostram o ser no espaço (critério semântico) e apresentam as categorias de pessoa gramatical e de casos, incluindo a existência do gênero neutro. Essas três noções são expressas lexicalmente e não por meio de flexões (critério mórfico).

Com base nos argumentos expostos, Câmara Jr. propõe uma divisão das classes de palavras em nomes, verbos e pronomes.

DÊITICO

Os pronomes têm a propriedade de apontar para as pessoas do discurso (eu, você, nós), o lugar ocupado por elas (aqui, ali) e seu tempo (ontem, hoje, amanhã) (CASTILHO, 2010).

Quadro 15.2: Proposta de Câmara Jr., conforme Azeredo (2000).

Classes de palavras segundo Câmara Jr.	
Critério morfológico/semântico	Segundo características morfológicas/sintáticas
VERBO (variação modo-temporal e número-pessoal)	NOME e PRONOME – substantivos, adjetivos e advérbios
NOME (variável em gênero e número; referência extralinguística)	CONNECTIVOS – conjunções e preposições
PRONOME (variável em gênero e número; referência contextual ou situacional; formas distintas cf. pessoa do discurso)	
CONNECTIVO (invariável)	

Vamos agora trabalhar com as classes de palavras que ocorrem nas funções sintáticas: sujeito, objetos e adjunto adnominal. O nosso foco estará em NOME e PRONOME, conforme proposta de Câmara Jr.

O nome *substantivo*

Vamos começar pelo *substantivo*, que apresenta certa autonomia lexical. Assim o nome revela a relação conceitual, e, por meio da relação, revela a coisa que existe no mundo, mas entre coisa e nome não há relação de semelhança, não havendo, assim, uma relação natural (NEVES, 2012).



Você poderá ler o texto de Maria Helena Moura Neves para ampliar o seu conhecimento sobre classes de palavras. O texto chama-se "A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática" (*Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n.1, jan./jun. 2012), disponível na página www.periodicos.letras.ufmg.br.

Sintaticamente, podemos observar, no substantivo, a sua transitividade (pode precisar ou não de um complemento nominal), a concordância nominal (pode ser omitida ou não em relação a um artigo, pronome ou adjetivo) em gênero e número e o modo como os elementos se agrupam em torno dele.

(1) [O *fantasminha*] aprontou uma gracinha na cena principal do filme.

No exemplo anterior, podemos observar que *fantasminha* é o conceito que revela algo que imaginamos existir num determinado mundo, é a referência extralinguística, é um substantivo e, portanto, faz parte de um NOME. É variável em gênero (masculino) e em número (singular) numa relação de concordância nominal e verbal. Não podemos usar *Os fantasminhas aprontou...*, porque verbo no singular exige substantivo no singular. Sintaticamente, *fantasminha* é o núcleo do *sujeito* da oração. Temos ainda o *o*, artigo definido, em concordância de gênero e número com o núcleo substantivo, como parte do sujeito, e funcionando como adjunto adnominal. O artigo definido *o* sempre antecede o substantivo ou a palavra substantivada.

(2) O personagem atacou [o *fantasminha*].

Neste outro exemplo, podemos observar o mesmo conceito de *fantasminha* servindo ao propósito de nomear um determinado ser em um mundo imaginado. É variável em gênero (masculino) e número (singular), tendo um artigo definido *o* necessariamente associado ao referido substantivo e funcionando como adjunto adnominal. O artigo definido *o* antecede o substantivo. Não há concordância verbal, porque o *fantasminha* ocupa a posição de objeto direto. Sintaticamente, *fantasminha* é o núcleo do *objeto direto*.

(3) O menino informou [ao *fantasminha*] que a casa não era dele.

Podemos observar o mesmo conceito de *fantasminha* servindo ao propósito de nomear um determinado ser em um mundo imaginado. É variável em gênero (masculino) e número (singular), tendo o artigo definido *o* necessariamente associado ao referido substantivo e funcionando como adjunto adnominal. Não há concordância verbal, porque o *fantasminha* ocupa a posição de *objeto indireto*.

O nome adjetivo

Segundo Castilho (2010), adjetivo e substantivo compartilham propriedades morfológicas de gênero e número, mas *se afastam* nos seguintes quesitos:

- a) O adjetivo aceita flexão de grau, expressa por sufixos produtivos, ou seja, sufixos mais usados pelos falantes.
- b) O adjetivo pode ser criado por derivação de modo, como em *amável*.
- c) O adjetivo aceita a derivação em *-mente* transformando-se em advérbio, como em *sabidamente*.
- d) O adjetivo aceita a derivação por quantificação, como em *estudioso*.

Mas, quanto à sintaxe, podemos verificar que:

- a) O adjetivo ocorre na função atributiva, temos o adjunto adnominal.
- b) O adjetivo ocorre como predicativo.
- c) O adjetivo pode ser pré-modificado por intensificador como em *muito caro*.

d) O adjetivo pode assumir formas comparativas e superlativas, como em *um livro mais caro do que o caderno, um livro caríssimo*.

Do ponto de vista semântico, o adjetivo pode ser modalizador, qualificador e quantificador. Vamos observar, nos exemplos, componentes da sintaxe, da morfologia e da semântica.

Modalizador: verbaliza uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo do substantivo. O significado resultante mostra a intervenção do falante.

Qualificador: afeta as propriedades do substantivo, de modo a agregar traços. Pode qualificar, graduar a propriedade ou mostrar alguma aspectualização.

Quantificador: modifica a extensão do substantivo, adicionando ou subtraindo traços semânticos de um conjunto.

(4) A causa [*provável*] do seu atraso eu não sei.

O exemplo mostra um nome na função de adjetivo, *provável*, que qualifica o substantivo *causa*, atendendo à concordância nominal. Constitui ainda um julgamento do falante acerca da causa do atraso e, como o falante não tem certeza, ele modaliza a fala com o adjetivo *provável*. Do ponto de vista sintático, o adjetivo *provável* funciona como um adjunto adnominal da palavra *causa*. O artigo definido *a* também funciona como adjunto adnominal de *causa*.

(5) Preparei um recurso jurídico [*obrigatório*] para esta situação complicada.

O exemplo mostra um nome na função de adjetivo, *obrigatório*, que qualifica o substantivo *recurso*, atendendo à concordância nominal. Constitui ainda um julgamento do falante acerca de um recurso jurídico que tem de ser feito, o que o leva a modalizar a sua fala. Do ponto de vista sintático, o adjetivo *obrigatório* funciona como um adjunto adnominal de *recurso*, assim como o outro adjetivo *jurídico*, que determina o tipo de recurso, bem como o artigo indefinido *um*.

(6) A gente tinha cabelo [*comprido*] nos anos 1960.

O exemplo mostra um nome na função de adjetivo *comprido*, que qualifica o substantivo *cabelo*, atendendo à concordância nominal (gênero e número). Expressa uma qualificação com atribuição de traços horizontais (CASTILHO, 2010). Do ponto de vista sintático, o adjetivo *comprido* funciona como um adjunto adnominal de *cabelo*.

(7) Pouca gente ainda mora lá assim de nível socioeconômico mais [*alto*] (Projeto Nurc, D2 SP).

O exemplo mostra um nome na função de adjetivo, *alto*, que qualifica o substantivo *socioeconômico*, atendendo à concordância nominal (gênero e número). O adjetivo *alto* expressa qualificação de dimensão vertical (CASTILHO, 2010) e recebe uma gradação de intensidade com o advérbio *mais*. Do ponto de vista sintático, o adjetivo *alto* funciona como um adjunto adnominal de *socioeconômico*.

(8) É [*provável*] que ele não chegue no horário.

O exemplo mostra um nome na função de adjetivo, *provável*, que funciona como um predicativo. Junto ao verbo *é*, forma a oração principal. Semanticamente, funciona como um modalizador, ou seja, constitui um julgamento do falante acerca da causa de ele não chegar no horário e, como o falante não tem certeza, ele modaliza a informação “que ele não chegue no horário” com o adjetivo *provável*.

De substantivo a adjetivo

Vamos trabalhar agora a fluidez entre substantivo e adjetivo. Ou seja, um substantivo pode apresentar traços de outra classe como, por exemplo, o adjetivo, se estiver exercendo outra função sintática que não seja a usual. Os adjetivos podem exercer duas importantes funções: atributiva e predicativa (CASTILHO, 2010). Vamos exemplificar a primeira função.

Assim, as palavras destacadas nos dois exemplos a seguir instanciam a função atributiva, ou seja, temos uma atribuição de propriedades a um substantivo, o que escancara uma função peculiar do adjetivo. Desse modo, no exemplo a seguir, *fantasma* instancia uma propriedade ao substantivo *conta* e atribui uma propriedade/qualidade a esta conta, funcionando como adjetivo.

(9) O dinheiro vinha [de uma conta *fantasma*].

Já no exemplo a seguir, temos a palavra *família* com atribuição de propriedade, qualificando o tipo de ambiente, funcionando, pois, como um adjetivo.

(10) Antigamente, o nome gafeira não era associado à ideia de ambiente perigoso, [*pouco família*] (NEVES, 2012).



Atende ao Objetivo 1

1. Identifique a função do elemento destacado, se substantivo ou adjetivo, se núcleo ou adjunto adnominal.

a) A manta protege o pelo do cavalo de uma *possível* rachadura (DID SP).

b) Tem uma *diferença pequena* na parede.

c) Mas em geral eu prefiro a *música clássica*... (Projeto Nurc SP).

d) Então o *esperto* ministro puxou o *barbante*, arrastando a corda até em cima ("Aprenda a respirar", revista *Época*, 24/04/2006).

e) Eu comprei um vestido *vermelho* ontem.

RESPOSTA COMENTADA

1.a) O elemento destacado funciona como um adjetivo que serve para qualificar uma "rachadura" como possível, o que denota uma modalidade do falante, por representar um julgamento, ou melhor, uma dúvida dele em relação à existência da rachadura. Do ponto de vista sintático, o adjetivo "possível" funciona como adjunto adnominal de "rachadura".

b) O segundo elemento destacado funciona como um adjetivo que serve para quantificar o substantivo “diferença”, concordando em gênero (feminino) e número (singular) com o substantivo “diferença”, que serve para nomear os seres que existem. Os elementos grifados fazem parte de um objeto direto do verbo “tem”, sendo o substantivo “diferença” o núcleo. Já “pequena” é o adjetivo que determina a quantidade e que funciona como adjunto adnominal. Temos ainda “uma”, que é morfologicamente um artigo indefinido, e, sintaticamente, um adjunto adnominal.

c) O segundo elemento destacado funciona como um adjetivo que serve para qualificar o substantivo “música”, concordando em gênero (feminino) e número (singular) com o referido substantivo, que serve para nomear os seres que existem. Os elementos destacados fazem parte de um objeto direto do verbo “preferir”, sendo “música” o núcleo, por ser o substantivo, e “clássica”, o adjetivo que determina o substantivo, funcionando, sintaticamente, como adjunto adnominal de “música”.

d) O primeiro elemento destacado funciona como um adjetivo que serve para qualificar o substantivo “ministro”, concordando em gênero (masculino) e número (singular) com o referido substantivo, que tem a função de nomear coisas. O segundo elemento destacado funciona como um substantivo, que nomeia um objeto bastante concreto no mundo do discurso. O substantivo “barbante” está em concordância em gênero e número com o artigo definido “o”. Os elementos destacados fazem parte da seleção feita pelo verbo “puxou”. O adjetivo “esperto” faz parte do sujeito, “o esperto ministro”, e “o barbante” é o núcleo do objeto direto.

e) O elemento destacado funciona como um adjetivo que indica cor, especificando a cor do vestido, estabelecendo concordância em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo “vestido”. Do ponto de vista sintático, “vermelho” funciona como adjunto adnominal e faz parte do objeto direto “um vestido vermelho”.

O nome *pronome*

Para compreender o estatuto categorial dos pronomes, devemos examinar as suas propriedades discursivas, semânticas e gramaticais. O semântico-discursivo abarca a propriedade dos pronomes de representar as pessoas do discurso, a dêixis (1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular/plural) e de permitir o caminho da foricidade, ou seja, a retomada ou

antecipação de participantes, o que nos leva à anáfora e à catáfora, que pertencem à foricidade. O aspecto gramatical da categoria diz respeito às propriedades morfológicas de caso, número/pessoa e gênero. O caso pode ser observado através da marcação na própria palavra, que é o caso dos pronomes pessoais. Quanto à sintaxe, o pronome pode apresentar relação de proximidade ou adjacência, se a forma pronominal acompanha o substantivo; ou de substituição, quando o pronome substitui o substantivo (CASTILHO, 2010 e NEVES, 2000).

Assim, os pronomes podem, sintaticamente, ser agrupados por adjacência, ou função adjetiva, e substituição, ou função substantiva.

- a) pronomes possessivos, demonstrativos e quantificadores (acompanham os substantivos);
- b) pessoais (somente na 3ª pessoa, há substituição).



Vocês devem consultar gramáticas, livros didáticos ou o site www.infoescola.com/portugues/pronomes/ para obter o quadro dos pronomes citados.

(11) Então, quando *nós* fazemos, por exemplo, uma pesquisa (Projeto Nurc/EF, Porto Alegre).

O pronome pessoal *nós* ocupa a posição de núcleo do sujeito, estabelecendo uma relação de concordância.

(12) *Este* menino exige *tudo*, aquele não quer nada (CASTILHO, 2010).

O pronome demonstrativo *este* acompanha o substantivo *menino*, situando-o do ponto de vista discursivo, ou seja, o menino está perto do falante. Por acompanhar o substantivo, é um pronome com função adjetiva, estabelecendo relação de concordância, ambos estão no masculino e no singular. Do ponto de vista sintático, *este* funciona como adjunto adnominal de *menino* e ambos constituem o sujeito do verbo *exige*.

O pronome indefinido *tudo* não acompanha nenhum nome, mas ele se coloca no lugar do substantivo. É o núcleo do objeto direto selecionado por *exige*.

(13) *Eu te falei para vigiar esse menino!*

Encontramos dois pronomes pessoais ocupando o início da sentença. O primeiro é o *eu*, que é o núcleo do sujeito do verbo *falei*; já o segundo pronome pessoal, *te*, ocupa a posição de núcleo do objeto indireto. O terceiro pronome destacado é o pronome demonstrativo *esse*, que faz referência ao substantivo *menino*, dizendo, em outras palavras, que o menino não está perto do falante. O pronome *esse* tem, portanto, uma função adjetiva, porque concorda em gênero e número com o substantivo *menino*. Ele é um adjunto adnominal de *menino* sintaticamente.

O numeral

Os numerais servem para atribuir quantidade ou termos numéricos aos seres. Podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos, fracionários, coletivos, partitivos e romanos. Selecionaremos apenas os dois primeiros. Alguns cardinais concordam em gênero e número com o substantivo, mas todos os ordinais estabelecem a referida concordância.



Vocês devem consultar gramáticas, livros didáticos ou o site www.infoescola.com/portugues/numeral/ para obter o quadro dos numerais.

Vamos observar os exemplos a seguir.

(14) Você quer *dois* cafezinhos, não é?

No exemplo, o numeral *dois* atribui o número de cafés, concordando em gênero com o substantivo *cafezinhos*. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal de *cafezinhos*.

(15) Você quer levar *duas* bolsas pelo preço de uma?

No exemplo, o numeral *duas* atribui o número de bolsas, concordando em gênero com o substantivo *bolsas*. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal de *bolsas*.

(16) O *primeiro* aluno da fila entra agora!

O numeral *primeiro* atribui a sequência numérica dos alunos. Estabelece sistema de concordância de gênero e de número com o substantivo. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal de *aluno*.



Atende ao Objetivo 2

2. Classifique o pronome destacado e indique se o elemento apresenta função substantiva e ou função adjetiva. A seguir, indique a função sintática à qual esteja ligado.

a) *Outras* peças ao contrário fazem um sucesso enorme (DID SP).

b) *Pouca* gente entende do assunto.

c) *Muitos* meninos estavam correndo lá na rua.

d) E *ele me* disse poucas e boas.

e) *Minha filha* faz *quatro* anos.

f) *Minha filha* está completando seu *primeiro* aninho.

RESPOSTA COMENTADA

2.a) O pronome indefinido "outras" faz referência ao substantivo "peças", com indicação de quantificação indefinida, concordando em gênero e número com o referido substantivo, exercendo, pois, a função de pronome adjetivo indefinido. Do ponto de vista sintático, funciona como um adjunto adnominal.

b) O elemento destacado funciona como um pronome indefinido, que tem a propriedade semântica de não quantificar exatamente a quantidade, concordando em gênero (feminino) e número (singular) com o substantivo “gente”, numa função de pronome adjetivo. Do ponto de vista sintático, o pronome “pouca” funciona como um adjunto adnominal.

c) O elemento destacado “muitos” funciona como um pronome indefinido, que tem a propriedade semântica de não quantificar exatamente a quantidade, concordando em gênero (masculino) e número (plural) com o substantivo “meninos”, numa função de pronome adjetivo. Do ponto de vista sintático, o pronome “muitos” funciona como um adjunto adnominal.

d) Os elementos destacados são pronomes pessoais, o primeiro sendo núcleo do sujeito e o “me”, o núcleo do objeto indireto, ambos relacionados com o verbo “dizer”.

e) O exemplo apresenta um elemento destacado que funciona como numeral, porque quantifica numericamente o substantivo “anos”. Do ponto de vista sintático, funciona como um adjunto adnominal.

f) O exemplo apresenta um elemento destacado que funciona como numeral ordinal, porque quantifica a ordem de acontecimento do aniversário em relação ao substantivo “ano”. Do ponto de vista sintático, funciona como um adjunto adnominal.

CONCLUSÃO

Abordamos as classes de palavras – substantivo, adjetivo, pronomes e numeral. O substantivo funciona como núcleo das funções sintáticas: sujeito e objetos. Alguns dos pronomes podem exercer a função de substantivo, sendo núcleos das funções sintáticas anteriormente citadas. As demais classes podem exercer a função sintática de adjunto adnominal do núcleo substantivo, no interior das funções sintáticas selecionadas. O adjetivo pode ainda funcionar, sintaticamente, como predicativo. Alguns substantivos podem funcionar como adjetivo, o que vai depender do modo como o falante faz a combinação na frase.

ATIVIDADE FINAL**Atende aos Objetivos 1 e 2**

1. Observe o elemento grifado, identifique a classe de palavra e a função sintática.

a) Cogita-se muito ultimamente acerca da implantação do trem-bala para o eixo Rio-São Paulo, estendendo até Campinas. Este *projeto* constitui um passo *importante* na área dos transportes, porque interligaria os maiores centros urbanos do país, com tempo de viagem reduzidíssimo (*O Globo*, ocorrência 350. In: ABREU, 2010).

b) Ela era *bonita*... depois ficou *feia*.

c) Quem ama o *feio* bonito lhe parece.

2. Observe os elementos grifados, que são pronomes e numerais. Classifique-os e diga se exercem a função substantiva (núcleo) ou se exercem a função adjetiva (adjunto adnominal).

a) Você quer *pouco* sal?

b) Resumindo: há *muito* tempo não aparece um elenco tão bom nas novelas da Rede Globo, sabe?

c) Num sei nada *daquele* bicho mais não

d) Chegaram *dois* participantes novos.

e) *Ele* é muito doido... Ele tem *muito* dinheiro.

f) Há *muitas* estatísticas que provam o aumento de crimes na internet.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O primeiro e o terceiro elementos grifados funcionam como substantivos por nomearem uma entidade e constituírem, sintaticamente, sujeito (Este projeto) de "constitui" e objeto direto de "interligaria" (os maiores centros urbanos do país). O segundo elemento grifado (importante) funciona como adjetivo por qualificar o substantivo "passo". Sintaticamente, é um adjunto adnominal de "passo" e ocorre dentro de um objeto direto selecionado por "constitui" – um passo importante.

b) Os elementos grifados funcionam como adjetivos, por qualificarem positivamente uma mulher. Sintaticamente, funcionam como predicativos do sujeito.

c) O elemento grifado funciona como substantivo, que está em harmonia com o artigo definido "o", em gênero (masculino) e em número (singular). Do ponto de vista sintático, "feio" é núcleo do objeto direto – o feio.

2. a) O elemento grifado é um pronome adjetivo indefinido por fazer referência ao substantivo "sal", concordando em gênero e número com o substantivo. O elemento destacado ocorre dentro de um objeto direto, relacionado com o verbo "quer", e funciona como adjunto adnominal.

b) O elemento grifado é um pronome adjetivo indefinido por fazer referência ao substantivo "tempo", concordando em gênero e número com o substantivo. O elemento destacado ocorre dentro de um objeto direto – "muito tempo" – e funciona como adjunto adnominal.

c) O elemento grifado é um pronome adjetivo demonstrativo por fazer referência ao substantivo "bicho", concordando em gênero e número com o substantivo. O elemento destacado ocorre dentro de um objeto direto e funciona como adjunto adnominal.

d) O elemento grifado é um numeral que estabelece uma quantificação numérica em relação ao substantivo "participantes", concordando com ele. O elemento destacado ocorre dentro de um sujeito – "dois participantes novos" – e funciona como adjunto adnominal.

e) O primeiro elemento grifado é um pronome pessoal que funciona como núcleo de sujeito. O segundo elemento grifado é um pronome adjetivo indefinido por fazer referência ao substantivo "dinheiro", concordando em gênero e número com o substantivo. O elemento em destaque ocorre dentro de um objeto direto e funciona como adjunto adnominal.

f) O elemento grifado é um pronome adjetivo indefinido por fazer referência ao substantivo ("estatísticas"), concordando em gênero e número com ele. O elemento destacado ocorre dentro de um objeto direto e funciona como adjunto adnominal.

RESUMO

Esta aula, parte I, constitui uma abordagem das classes de palavras – substantivo, adjetivo, pronome e numeral – que podem exercer as funções substantiva e adjetiva. Aborda também o limite fluido entre substantivo e adjetivo, já que uma mesma palavra pode funcionar ora como substantivo, ora como adjetivo. O falante determinará a função pelo arranjo que ele faça com as classes de palavras na elaboração de um texto.

Termos oracionais e classes de palavras: funções sintáticas, semânticas e discursivas das classes (parte II)

Edila Vianna da Silva / Nilza Barrozo Dias

AULA 16

Meta da aula

Apresentar as classes de palavras e o modo como se realizam nos termos oracionais, bem como a fluidez entre os limites de classes.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar a classe de palavra *advérbio* e relacioná-la ao papel sintático que desempenha na oração ou sentença;
2. identificar as classes de palavras *artigos* e *preposições* e relacioná-las aos papéis sintáticos que desenvolvem na oração ou sentença.

INTRODUÇÃO

Esta aula é uma continuação da aula anterior e objetiva a identificação das classes de palavras e dos papéis sintáticos oracionais ou sentenciais que elas desempenham, além de discutir seus valores semânticos.

Nas línguas até hoje investigadas, as classes de palavras são mais ou menos semelhantes e, em todas elas, é ponto pacífico que as classes sozinhas não estabelecem nenhum roteiro para um falante. Para que elas façam sentido, o falante deverá projetar a frase ou sentença, combinando as classes de palavras com as funções sintáticas que, mais rotineiramente, lhes cabem.

Na Aula 15, comentamos a classe dos *substantivos* e dos elementos que os modificam. Nesta aula, iniciaremos o nosso estudo com a classe dos *advérbios* e prosseguiremos com a dos *artigos* e depois comentaremos uma das classes dos *conectivos*, a das *preposições* (as *conjunções* e os *relativos* já foram alvo de estudos anteriores).

Como você faria para analisar o elemento destacado na frase a seguir?

A música que entra *suave* na minha vida.

Você poderá observar que *suave* indica o modo como entra a música. Então *suave* modifica a forma verbal *entra*, logo, temos um advérbio exercendo a função de adjunto adverbial de modo. Mas o que dizer da forma *suave* a seguir?

Eu tenho uma pele *suave*...

Você pode observar que *suave* está conectado ao substantivo *pele*. Com esta função adjetiva, temos, sintaticamente, um adjunto adnominal.

O ADVÉRBIO

O advérbio constitui uma classe bastante heterogênea do ponto de vista sintático, semântico e morfológico. Segundo a NGB, os advérbios podem ser classificados como de: *lugar*, *tempo*, *modo*, *negação*, *dúvida*, *intensidade* e *afirmação*.



Você pode conferir na íntegra o texto da NGB sobre advérbios em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(19\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(19)09.htm).

Os advérbios são relacionados, sintaticamente, ao verbo, adjetivo, advérbio e à própria oração/sentença, o que lhes caracteriza um comportamento sintático diferente dos adjetivos: o adjetivo é variável e o advérbio é considerado uma palavra invariável.

A função morfológica adverbial pode manifestar-se por meio de um advérbio ou de uma locução adverbial. Um outro detalhe que nos chama a atenção é a sua mobilidade dentro de uma oração ou sentença.

Segundo Neves (2001), os advérbios podem ser *modificadores* e *não modificadores*. Os *modificadores* – aqueles que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem – podem ser semanticamente classificados como de *modo*, *intensidade* e *modalizadores*. Ou seja, acrescentam propriedades às classes-ESCOPO.

Castilho (2010) classifica os advérbios em *predicadores* – ou *modificadores* para Neves (2000) –, de verificação e dêiticos, do ponto de vista semântico.

Dentre os *modificadores*, vamos observar apenas os *modalizadores* nos exemplos a seguir, com base em Neves (2000). São os modalizadores (em itálico) que modalizam o conteúdo de uma asserção.

a) Epistêmicos: indicam uma crença, uma opinião e uma expectativa.

(1) Mas *certamente* ele virá.

b) Deônticos: apresentam uma obrigação, proibição e permissão (CASTILHO, 2010).

(2) Ele tem de, *obrigatoriamente*, parar por aqui.

ESCOPO

Termo ou expressão sobre o qual incide um operador. É como se um operador visse, mirasse um dado termo (CASTILHO, 2010).

c) Afetivos ou atitudinais: indicam estado de espírito. Para Castilho (2010), são os modalizadores intersubjetivos discursivos que colocam “em relevo os sentimentos do locutor diante do interlocutor, com respeito ao conteúdo sentencial”.

(3) *Felizmente*, as férias estão chegando.

Já os advérbios *não modificadores não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem*. Temos: advérbios que operam sobre o valor de verdade da oração (afirmação, negação); advérbios que não operam sobre o valor de verdade da oração (circunstanciais de lugar e de tempo; inclusão, exclusão e verificação) e advérbios juntivos (que funcionam como conectores de orações).

Como é um tema muito amplo, vamos considerar, na apresentação da aula, a classificação tradicional (em tempo, modo, lugar, etc.), com acréscimo da descrição funcionalista; o elemento com o qual se relacionam (adjetivo, advérbio, verbo ou oração), com a possibilidade de transferir, ou não transferir, propriedades semânticas, e a posição que ocupam numa sentença (posições 1, 2, 3 e 4)

Advérbios do grupo I

Apresentaremos os advérbios *modificadores* (ou predicadores), algumas de suas propriedades semânticas, bem como o seu escopo.

(4) Carla fala *muito pouco*.

Pouco é um advérbio que qualifica o modo como a Carla fala, do ponto de vista semântico. Podemos observar que *pouco* indica/qualifica uma gradação da fala para menos, e o *muito* também serve para qualificar a gradação da fala para mais. Ao juntarmos os dois, temos uma pessoa que fala quase nada. Do ponto de vista sintático, *pouco* atua sobre o verbo *fala* e *muito* atua sobre o advérbio *pouco*. Os advérbios que servem para “graduar” são chamados de *intensificadores* na tradição e se aproximam bastante dos pronomes indefinidos.

- (5) Música popular eu também já não... eu gosto de algumas mas essas *bem* modernas muito gritadas... (Projeto Nurc SP).

O advérbio *bem* expressa *intensidade* em relação ao adjetivo *modernas*, qualificando e confirmando os traços semânticos de *modernas*, que, por sua vez, modifica o substantivo não expresso *música*, que pode ser recuperado anaforicamente.

Vamos observar os dois exemplos a seguir, em que temos os intensificadores ou graduadores.

- (6) Eles falavam *tanto tanto tanto* e eu o admirava muito (Projeto Nurc SP D2).

Podemos observar que os advérbios grifados intensificam ou graduam para mais a informação contida no verbo *falavam*, ou seja, eles acrescentam traço de grau inexistente nas propriedades de sua classe-escopo, o verbo *falavam*. Se um advérbio modifica um verbo, é, sintaticamente, um adjunto adverbial. Às vezes, podemos ter locuções adverbiais que também fazem o mesmo papel de graduação ou intensificação. Você poderia utilizar o elemento destacado a seguir:

- (7) Eles falam *pra caramba*.

- (8) Eu posso representar *graficamente* uma comunicação (Projeto Nurc, POA).

O advérbio grifado indica o *modo* como posso representar. Assim, *graficamente* qualifica e modifica o significado constante em *representar*, acrescentando propriedades que o verbo *representar* não apresenta. O elemento é um advérbio porque modifica um verbo, *representar*. Logo, temos, sintaticamente, um adjunto adverbial.

- (9) Mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de de Recife... *provavelmente* é superior a qualquer uma do país (Projeto Nurc Recife D2).

O advérbio destacado está dentro da classe dos modalizadores epistêmicos. O advérbio indica uma avaliação do falante acerca do conteúdo sentencial – *é superior a qualquer uma do país* – como quase certa, ou seja, uma hipótese não confirmada ainda e sobre a qual o falante não assume nenhuma responsabilidade. O advérbio *provavelmente* atua sobre toda a sentença.

(10) Toda e qualquer cirurgia no campo médico... implica... *obrigatoriamente*... em despesas (Projeto Nurc Recife DID).

O advérbio *obrigatoriamente* pertence ao grupo dos modalizadores deônticos. O uso destes modalizadores implica que o conteúdo sentencial passe a ser entendido como obrigatório para o interlocutor. Como o advérbio ocupa a posição pós-verbal, isto significa que está atuando diretamente sobre o verbo *implica*. Se fosse colocado no início da sentença, atuaria sobre toda a oração, como pode ser observado em (8).

(11) *Obrigatoriamente*, toda e qualquer cirurgia no campo médico... implica despesas.

O exemplo a seguir representa um advérbio modalizador deôntico, já que ele indica para o interlocutor que, necessariamente, a *manifestação* deverá estar ligada a uma determinada *preocupação vital*. Ao ocorrer entre *estar* e *ligada*, o advérbio sublinhado atua sobre os dois, acrescentando propriedades de obrigatório e necessário ao conteúdo que se espalha ao complemento *a esta preocupação*.

(12) ... então... toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar *necessariamente* ligada... a esta preocupação vital... do homem pré-histórico de... (Projeto Nurc SP EF).

O exemplo a seguir representa o modalizador que marca atitude do falante, conforme Neves (2000):

(13) *Sinceramente*... eu não consegui entender a questão, professora!

O advérbio *sinceramente*, coloca em relevo os sentimentos do falante, diante do interlocutor, acerca do conteúdo – *eu não consegui entender a questão*. Quando o falante usa tal tipo de modalizador, ele está ampliando a sua atuação, por considerar a posição dele, a aceitação do interlocutor e o conteúdo dito.

(14) Eu *sempre* vou a Caxias (Projeto Nurc POA DID).

O advérbio *sempre*, costuma ser classificado como de tempo. Castilho (2010) afirma que, do ponto de vista semântico, *sempre* é um advérbio quantificador de indicação iterativa, ou seja, o falante vai a Caxias repetidas vezes. O advérbio está atuando sobre *vou* com extensão ao complemento *a Caxias*.

(15) *Cada três meses* tem um jantar dançante (Projeto Nurc POA DID).

O advérbio destacado costuma ser classificado como de tempo. Castilho (2010) afirma que, do ponto de vista semântico, *cada três meses* é uma expressão adverbial que indica que a atividade faz referência a alguns meses apenas, excluindo outros meses, o que representa um tipo de quantificação

Advérbios do grupo II

Os advérbios deste grupo são denominados por Neves (2000) como *não modificadores*. Exemplificaremos apenas um tipo.

(16) Eu assisti à aula de Linguística *na parte da manhã*.

O elemento grifado especifica em qual parte do dia aconteceu a informação da oração – *eu assisti à aula de Linguística*. Temos uma locução adverbial de tempo que está conectada a toda a oração.

(17) Todos estavam sentados *na varanda*.

O elemento grifado especifica em qual parte da casa *todos estavam sentados*. Temos uma locução adverbial de lugar que está conectada a toda a oração.

ORDEM DOS ADVÉRBIOS

Os advérbios podem ocorrer em algumas posições da oração ou sentença. A variação da posição poderá determinar a variação da classe-escopo.

Na posição 1: advérbio no início da sentença.

Na posição 2: advérbio entre o sujeito e o verbo.

Na posição 3: advérbio entre verbo e complemento.

Na posição 4: advérbio no final da sentença.

Vejamos:

a) Posição 1:

(18) ... e *realmente* os melhores cantadores têm vindo daquela zona...
você quer ver um (Projeto Nurc SP 11).

(19) E agora *realmente* ele não gasta muito (Projeto Nurc SP D2).

O advérbio *realmente* ocupa a posição que antecede o sujeito. No exemplo (18), o sujeito é *os melhores cantadores* e, em (19), o sujeito é *ele*. Por ocupar a posição inicial, o advérbio modalizador *realmente* atua sobre toda a sentença que lhe sucede.

b) Posição 2:

(20) E aí a coisa *realmente* fica difícil né? (Projeto NURC SP D2).

O exemplo anterior apresenta um advérbio, *realmente*, de valor epistêmico do tipo mais asseverativo, que ocorre na posição entre o sujeito, *a coisa*, e o verbo *fica*. Sintaticamente, ele funciona como adjunto adverbial.

c) Posição 3:

(21) Eu tenho *realmente* muito cuidado... (Projeto Nurc RJ DID).

(22) Eu posso representar *graficamente* uma comunicação (Projeto Nurc POA EF).

Os exemplos mostram dois advérbios grifados que ocorrem na posição entre o verbo e o complemento. No primeiro exemplo, o falante expressa sua apreciação, o seu julgamento acerca de se *ter cuidado*. A classe-escopo, *ter cuidado*, recebe ainda o auxílio do advérbio de intensidade ou quantificador *muito*.

No segundo exemplo, o falante expressa uma qualificação à classe-escopo, o verbo, *representar*, acrescentando propriedades inexistentes no verbo ou seja, uma representação não precisa ser gráfica, pode ser visual, por exemplo.

d) Posição 4:

(23) Então é um corre-corre *realmente*... não é? (Projeto Nurc SP D2).

O elemento destacado é um advérbio modalizador que atua sobre toda a sentença, marcando a atitude do falante. O advérbio ocorre no final da sentença.

(24) no entanto não se usa [chapéu]... um ou outro que se usa *normalmente* (Projeto Nurc POA D2).

O elemento destacado é um advérbio que ocorre no final da sentença. Ele indica que a atividade descrita na sentença pode ser quantificada.



Atende ao Objetivo 1

1. Os elementos destacados pertencem *a priori* a uma determinada categoria gramatical.

- a) Nos exemplos a seguir, eles migram para uma nova categoria?
- b) Explique o que acontece sintaticamente.

Falar *rápido* demais dificulta a articulação e a compreensão das palavras. E falar *lento* demais pode tornar a fala monótona e desinteressante.

2. Você encontra várias palavras grifadas a seguir que poderiam ser classificadas como advérbios. Verifique se todas funcionam como adjuntos adverbiais.

- a) *Certamente*, eu poderia testar o seu conhecimento teórico utilizado.
- b) Idelfonso surgiu, *inopinadamente*, aos berros, exigindo que interrompessem a briga.
- c) *Honestamente* não sei o que faria.
- d) Eu gosto muito de *Parati*.

3. Dentre os elementos destacados a seguir, identifique a que os advérbios fazem referência: ao verbo, ao adjetivo, ao advérbio, à sentença ou a algum constituinte oracional?

- a) Eu preferia ir pela BR- 101 e subir *lá por... por Campos* (Nurc/DID).
- b) Eu fui ao cinema *na parte da tarde*.
- c) O futuro pertence a Deus, *não* a nós (CASTILHO, 2010).
- d) *Sinceramente...* eu *não* consegui entender a questão.

RESPOSTA COMENTADA

1. Embora “rápido” seja muito usado como adjetivo, no exemplo dado, a palavra “rápido” está acrescentado propriedades semânticas ao verbo “falar”, o que nos leva a classificar “rápido” como um advérbio de modo. A palavra “lento” é, geralmente, um adjetivo, mas, no nosso exemplo, está modificando o verbo “falar”, o que nos leva a lhe dar o status de advérbio de modo. Os advérbios são, sintaticamente, adjuntos adverbiais.

2. O primeiro exemplo é um advérbio sentencial, ou seja, o falante usa um modalizador epistêmico para marcar a sua posição, o seu julgamento em relação à informação da sentença que sucede o advérbio.

O segundo exemplo é um advérbio que indica modo, qualificando o modo como “delfonso surgiu”, seguido de uma locução adverbial, “aos berros”, ambos, então, com a função de adjunto adverbial.

O terceiro exemplo apresenta um advérbio modalizador atitudinal. Ele representa o posicionamento do locutor sobre determinado assunto em relação ao interlocutor.

O quarto exemplo apresenta um locativo, “Parati”, que faz parte do objeto indireto (ou complemento relativo), “de Parati”.

3. O exemplo (a) faz referência ao verbo “subir”, que integra também uma oração. O exemplo (b) apresenta um evento “eu ir ao cinema” que ocorrerá “na parte da tarde”, locução adverbial de tempo. O exemplo (c) apresenta o “não”, advérbio de negação, que estabelece ausência de uma dada informação em relação a um constituinte, o complemento do verbo “pertence”. O exemplo (d) apresenta “sinceramente”, advérbio de atitude, que modifica toda a sentença, e o advérbio de negação, “não”, que serve para negar o conteúdo proposicional de “consegui entender a questão”.

PALAVRAS MORFEMÁTICAS: ARTIGO, PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO

Bechara (1999, p. 110-112) classifica artigos, preposições e conjunções como palavras morfemáticas, elementos que pertencem ao universo da gramática, isto é, dotados de significado instrumental na língua. As palavras instrumentais não representam dados do mundo extraverbal, como os seres (mesa, amor) e as ações (amar), mas têm papel estruturador, servem para combinar as que concretizam os elementos da realidade externa à da gramática.

Para ilustrar, vamos repetir um exemplo de Azeredo (2000, p. 68). De acordo com o autor, para que se converta a sequência formada pelas palavras *peixe, comer, inseto, cair, lagoa* em uma frase bem-estruturada do português, devemos acrescentar-lhe algumas unidades que lhe fornecerão um arranjo adequado. Por exemplo, as unidades *esses, que, os, na*, que irão gerar a estrutura *Esses peixes comem os insetos que caem na lagoa*. Tais unidades que determinam os substantivos (como *esses* e *os*); que estabelecem conexão entre orações (*que*); que ligam o verbo ao locativo (*na*) são palavras morfemáticas.

Artigo

Os artigos são palavras variáveis que se antepõem aos substantivos com valor semântico demonstrativo e com função de adjunto adnominal. De acordo com a NGB, os artigos se dividem em definidos (*o, a, os, as*) e indefinidos (*um, uma, uns, umas*), mas autores tais como Bechara (1999, p. 153) e Azeredo (2000, p. 125) mencionam como *artigos* apenas *o, a, os, as* – os definidos – e consideram *um, uma, uns, umas* variedades dos pronomes indefinidos.

Seguindo a posição da NGB, vamos comentar os papéis semânticos de *uns* e outros.

Artigos definidos

Os artigos definidos, de acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 205), indicam que o substantivo se refere a um conceito (coisa, ideia, ser) que integra o conhecimento prévio do interlocutor, por ter sido mencionado anteriormente ou por fazer parte da sua experiência de mundo:

(25) As redações do Enem avaliadas com nota máxima serão analisadas por uma comissão de especialistas. A mudança deverá fazer parte do Enem 2013.

(26) O homem é um ser racional.

No exemplo 25, presume-se que *redações* do *Enem* e o próprio *Enem* sejam dados do conhecimento da sociedade. Já *mudança* faz referência a um dado mencionado anteriormente no contexto (a análise pela comissão de especialistas).

Em 26, o artigo antepõe-se à palavra *homem*, tomada em sentido geral e, assim, exprime a totalidade específica de uma espécie, o ser humano.

É a disponibilidade desse conhecimento prévio (AZEREDO, 2000, p. 125) que atribui naturalidade a certas frases, como “Cortei o cabelo”, e estranheza a outras, como “Cortei as escamas”. É do conhecimento geral que temos *cabelo*, mas não que temos *escamas*. A última frase passaria a ser natural em um contexto em que o tema da conversa fosse o preparo de um peixe, por exemplo.

Artigos indefinidos

Os artigos indefinidos empregam-se:

a) na determinação de um representante de uma dada espécie ainda não mencionado no contexto.

(27) Era uma vez *um* palácio com *um* frondoso jardim que levava a *um* imponente edifício em tijolos vermelhos.

Entende-se que os substantivos *palácio*, *jardim* e *edifício* estão sendo mencionados pela primeira vez no texto.

b) na generalização de um substantivo:

(28) Comprei *um* vestido novo.

Tanto definidos como indefinidos, os artigos empregam-se para a determinação dos substantivos, mas essa determinação torna-se mais precisa à medida que se passa do indefinido para o definido (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 210), como se observa dos exemplos retirados da obra citada:

(29) Foi chegando *um* caboclinho magro, com *uma* taquara na mão.

(30) Foi chegando *o* caboclinho magro, com *a* taquara na mão.

No primeiro exemplo, está sendo indicada a espécie dos substantivos citados; no segundo, há uma restrição do significado do substantivo, que está sendo individualizado (não se trata de qualquer caboclinho, mas de um já conhecido e aqui identificado).

Embora, por definição, o nome próprio já individualize um ser de uma determinada espécie, emprega-se o artigo antes de nome pessoal para indicar afetividade ou familiaridade. Em alguns falares, como o carioca, esse uso, porém, passou ao status de norma. O normal, entre os falantes do Rio (cidade) é:

(31) Vou à casa *do* Pedro.

Interessante notar que no falar de Niterói, que se separa do Rio por uma ponte, a norma é não determinar o nome próprio de pessoa. Nesse falar, o comum é:

(32) Vou à casa *de* Pedro.

Outra função do artigo é a *substantivação*. Qualquer unidade linguística, de qualquer classe, pode ser substantivada, se lhe antepusermos um artigo, caso em que o referente do substantivo é considerado em sua materialidade.

(33) *Um* não é muito desagradável! (o advérbio *não* empregado como substantivo = resposta negativa).

(34) O comer sem limites leva a doenças graves (o verbo *comer* empregado como substantivo = alimentação excessiva).

Comprova o emprego atualizador do artigo o fato sintático de não poder ser utilizado simultaneamente com outro determinador. Assim é que não ocorrem, na língua, contextos como: *O qualquer livro serve..., “A esta mulher não é culpada” etc.

Para finalizar essas observações sobre a morfossemântica do artigo, lembramos que a repetição desnecessária de artigos indefinidos é vício de linguagem.



Atende ao Objetivo 2

4. As sentenças a seguir são inadequadas quanto ao uso/desuso dos artigos. Corrija-as.

a) Ambas aulas foram sobre classes de palavras.

b) Está aqui o pintor cujo o quadro venceu o concurso.

5. Comente o emprego dos artigos destacados na estrofe do poema “Soneto de uma lembrança”, de Gisele Joras (adaptado de Caetano, 2009, p. 145):

Imagem que se esvai como vertigem
 De um instante a pulsar na memória
Uma tarde, podia ser ontem
 A tarde que se perdeu na nossa história.

RESPOSTA COMENTADA

4. Em a, foi omitido o artigo definido as, obrigatório após os numerais ambos, ambas (“ambas as aulas”).

Em b, empregou-se o artigo, que não deve ser usado depois do relativo cujo e flexões (“o pintor cujo quadro”).

5. O emprego do artigo indefinido uma no 3º verso indica que se trata de uma tarde qualquer, imprecisa como a imagem esvaída na memória. Já o uso do artigo definido a, no último verso, atualiza o substantivo, torna-o preciso: trata-se agora de uma determinada tarde, a que se perdeu na história dos enamorados.

PREPOSIÇÃO

Chamam-se preposições as palavras invariáveis que estabelecem relações entre termos oracionais de modo que o significado do primeiro (antecedente) é especificado ou complementado pelo segundo (consequente).

Antecedente	Preposição	Consequente
(35) Voltou	de	Paris.
(36) Morreu	de	fome.
(37) Saiu	com	o filho.

As preposições apresentam-se sob a forma simples (*com, sem* etc.) ou sob a forma de locuções prepositivas, combinação estável de palavras que funciona como preposição (*a respeito de, além de, por dentro de* etc.).

Emprego das preposições

As preposições nem sempre são selecionadas por seu significado; em muitos casos, há uma imposição de ordem sintática: a preposição é selecionada pelo termo antecedente: preciso *de* você; necessidade *de* tempo; dependente *da* mãe, favoravelmente *a* minha pretensão etc. Em todos os exemplos, o verbo, o substantivo, o adjetivo, o advérbio determinaram a preposição empregada, que, desse modo, tem seu significado esvaziado e forma sintagmas na função de *complementos* dos termos antecedentes (complementos verbais ou nominais). Dizemos que, em tais casos, sobressai a função relacional pura, quando a preposição se comporta como um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.

Casos há, no entanto, em que a seleção depende do significado da mensagem, que é ampliado por seu emprego: sair *sem* destino, sair *com* os filhos, sair *pelo* mundo afora, pulseira *de* ouro, caixa *para* presente etc. Nesse conjunto, os SN formados por *preposição + substantivo* acrescentam um significado às estruturas e exercem função adverbial ou adjetiva em relação aos antecedentes: modo, companhia, lugar (em relação a *sair*; são adjuntos adverbiais) e especificação, finalidade (em relação a *pulseira* e *caixa*; são adjuntos adnominais). Em tais casos, além de estabelecer ligação, a preposição exprime um conteúdo significativo e a sua função é, sobretudo, nocional.

Traços semânticos das preposições

As preposições, como as outras unidades linguísticas, têm um significado fundamental, primário, que se desdobra em outros significados derivados do contexto de seu uso, construídos com base em nossa experiência de mundo. Bechara exemplifica o fato em referência à preposição *com*, que, embora tenha um significado fundamental de “copresença” (“em que *com* + *x* expressa que *x* está presente no estado de coisas designado”) (op. cit., p. 298), assume os significados de “companhia” (viajo *com* meu marido); “modo” (trabalho *com* prazer); “instrumento” (ferido *com* a tesoura); “causa” (tremia *com* pavor da prova); oposição (guerreou *com* os inimigos), atribuídos por nosso saber sobre as coisas.

O sistema de preposições do português está semanticamente distribuído em dois grupos:

a) o primeiro grupo caracteriza-se pela dinamicidade (a relação que a preposição estabelece indica movimento): *a, contra, até, para, por, de e desde*.

(38) Vou *a* Paris (movimento de aproximação).

(39) Venho *de* Paris (movimento de afastamento).

(40) Saímos *da* escola (movimento de afastamento).

b) o segundo grupo, em que a relação implica um não movimento ou uma situação daí resultante: *ante, trás, sob, sobre, com, sem, em e entre*.

(41) Chegou *a* tempo.

(42) Chorava *de* fome.

(43) Concordo *com* suas decisões.



Atende ao Objetivo 2

6. Numere a coluna da esquerda de modo a reconhecer os traços semânticos das preposições destacadas:

- | | |
|--|-------------------------|
| () Do Rio <i>a</i> Niterói, viajo mais de uma hora. | (1) situação no espaço |
| () Daqui <i>a</i> um mês, ele viajará. | (2) movimento no espaço |
| () A moça adormeceu <i>a</i> seu lado. | (3) movimento no tempo |
| () Ao anoitecer, vi a cabana. | (4) situação no tempo |
| () Corri <i>até</i> ao quarto. | |
| () Desde a formatura, sentia a mágoa. | |

7. Reconheça o papel das preposições grifadas e identifique as funções dos sintagmas por elas encabeçados:

a) A paisagem *de* Belém é encantadora.

b) Esses pratos devem ser degustados *em* ambiente tranquilo.

c) Gosto *de* peixes do Norte do Brasil.

d) Luta *contra* as injustiças sociais.

e) Moraria *em* Palermo *com* prazer.

f) Dependemos *das* decisões *de* políticos nem sempre interessados no povo.

RESPOSTA COMENTADA

6. (2) Do Rio *a* Niterói, viajo mais de uma hora.
(3) Daqui *a* um mês, ele viajará.
(1) A moça adormeceu *a* seu lado.
(4) Ao anoitecer, vi a cabana.
(2) Corri *até* ao quarto.
(3) Desde a formatura, sentia a mágoa.

7. a) *Nocional, pois forma um sintagma que acrescenta um significado ao antecedente e exerce em relação a ele a função de adjunto adnominal.*
- b) *Nocional, pois forma um sintagma que acrescenta um significado ao antecedente e exerce em relação a ele a função de adjunto adverbial.*
- c) *Relacional, uma vez que o antecedente seleciona a preposição de acordo com sua regência. O sintagma "de peixes" tem a função de complemento relativo.*
- d) *Nocional, pois forma um sintagma que acrescenta um significado ao antecedente e exerce em relação a ele a função de adjunto adverbial.*
- e) *O papel da preposição em é relacional, já que a preposição é selecionada pelo verbo morar; a função do sintagma é de complemento circunstancial; no caso da preposição com, é nocional, pois o sintagma formado acrescenta uma noção ao antecedente; a função do sintagma é de adjunto adverbial.*
- f) *O papel da preposição de em "dependemos das..." é relacional, já que a preposição é selecionada pelo verbo depender; a função do sintagma é de complemento relativo; no caso da preposição de em "de políticos", o conectivo tem papel nocional, pois o sintagma formado acrescenta uma noção ao antecedente; a função do sintagma é de adjunto adnominal.*

CONCLUSÃO

Chegamos ao final da Aula 16 e, a essa altura, você já deve saber identificar as características de natureza sintática e semântica das classes dos advérbios, das preposições e dos artigos. As duas primeiras integram o rol das invariáveis, segundo a NGB, e a última – a dos artigos – tem significação gramatical. Por ter sido abordada nas aulas sobre coordenação, subordinação e emprego dos conectores, a classe das conjunções, também incluída entre as palavras instrumentais, não foi objeto de discussão na presente aula.

Antes de concluirmos esta aula, faremos algumas atividades a fim de fixarmos os conteúdos trabalhados.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Observe os elementos grifados a seguir. Eles funcionam como adjuntos adverbiais?

a) Você poderá consultar horários e programação *nos jornais locais*, pelo site do cinema ou *direto* pelo telefone: (22) 2623-1298.

b) *Realmente...* [os filmes] eram muito ruins (Projeto Nurc SP EF).

c) O seu olhar *agressivo* me incomodou.

d) Ele chegou *agressivo* em casa.

2. Identifique a função sintática e a morfológica do elemento destacado.

a) Mas, *certamente*, não era o seu desejo.

b) Ele é *muito* chato, mas tem *muitas* ideias boas.

c) *No clube*, tinha uma menina canhota de chute forte. Pediam: chuta *mais* devagar. (Revista *O Globo*, 13/6/10).

d) eu acho que come muito *mal* (Projeto Nurc POA D2).

3. Marque com F (falso) ou V (verdadeiro) as afirmativas que têm por base o texto a seguir:

“Quem tem mais escolaridade valoriza mais o futuro e, *em prol dele* (1), dispõe-se a (2) abrir mão de gratificações presentes. Pensa mais *no* (3) filho, *no* (4) neto e no mundo que deixará *para* (5) eles” (CASTRO, C. M. “Educação protege o meio ambiente”, *Veja*, 25 jul. 2012, p. 26).

- () Em (1), a locução prepositiva indica movimento.
- () A preposição em (2) tem função somente nocional.
- () Em (3), a preposição rege o complemento verbal.
- () Em (4), a função prepositiva é apenas relacional.
- () A preposição, em (5), é exigida pelo verbo.

4. Preencha as lacunas com os artigos definidos ou indefinidos e justifique seu emprego.

Vamos focalizar ___ novo tema: o aquecimento global. Talvez ___ aquecimento da Terra seja muito controvertido. Mas há evidência sólida de que ___ meio ambiente está sendo destruído em ___ ritmo alucinante.

RESPOSTA COMENTADA

1. O primeiro exemplo apresenta “*nos jornais locais*” e “*direto*”, que funcionam como adjuntos adverbiais. A primeira ocorrência é uma locução adverbial, indicadora de lugar, que estabelece relação com toda a sentença. A segunda ocorrência é representada por “*direto*” que, normalmente, é um adjetivo, mas que, no exemplo, funciona como advérbio de modo, por acrescentar informação de modo à atividade “*consultar horários*”. É um adjunto adverbial.

Temos, no exemplo (b), o advérbio “realmente” que funciona como um modalizador em relação a toda a informação que o sucede. É um advérbio sentencial que exerce a função sintática de adjunto adverbial. Os exemplos (c) e (d) são marcados com a palavra “agressivo”. Em (c), a palavra “agressivo” modifica o substantivo “olhar”, o que caracteriza a classe dos adjetivos e a função sintática de adjunto adnominal. Em (d), a palavra “agressivo” está relacionada ao verbo “chegou”, indicando o modo, portanto, acrescentando algumas propriedades semânticas ao verbo. Está, portanto, funcionando como advérbio e, sintaticamente, exerce o papel de adjunto adverbial.

2. O exemplo (a) apresenta o advérbio modalizador “certamente”, que funciona como adjunto adverbial. O exemplo (b) possui o advérbio “muito”, de intensidade ou gradação, que atua sobre o adjetivo “chato”, funcionando, sintaticamente, como adjunto adverbial. No mesmo exemplo, “muitas” funciona como um pronome adjetivo indefinido, concordando com a palavra “ideias”. É, sintaticamente, um adjunto adnominal. O exemplo (c) apresenta a locução adverbial “No clube”, que indica o lugar onde o evento ocorre, funcionando, sintaticamente, como adjunto adverbial de lugar. Temos ainda o advérbio de intensidade ou gradação “mais”, que está relacionado ao verbo “devagar”, indicador do modo como a menina deve chutar. O elemento linguístico “mais” funciona como adjunto adverbial. O exemplo (d) apresenta o advérbio “mal”, que qualifica o verbo “come”, acrescentando propriedades inexistentes no verbo. Por qualificar um verbo, funciona sintaticamente como adjunto adverbial.

3. (F); (F); (V); (V); (V).

4. UM – primeira referência; indica desconhecimento do objeto da comunicação.

O – o assunto já é conhecido; denota conhecimento prévio do objeto.

O – o objeto faz parte do conhecimento geral.

UM – não precisa o ritmo, que se sabe apenas alucinante.

RESUMO

Concluindo as noções sobre classes, comentamos os papéis dos advérbios, dos artigos e das preposições. Vimos que a classe dos advérbios tem comportamento bastante heterogêneo do ponto de vista sintático, semântico e morfológico. Sua classificação, segundo a NGB, tem base semântica, de modo que se distribuem em categorias de *lugar*, de *tempo*, de *modo*, de *negação*, de *dúvida*, de *intensidade* e de *afirmação*. Sua função é modificar o verbo, adjetivo, advérbio e a própria oração/sentença, o que lhe atribui um comportamento sintático diferente dos adjetivos: o adjetivo é variável e o advérbio é uma palavra invariável. Por sua vez, os artigos são determinantes dos substantivos e indicam uma informação dada – os definidos – ou uma informação nova – os indefinidos. Pertencem ao tipo de signos que se organizam em inventários limitados e comportam-se semelhantemente aos morfemas, que veiculam significados gramaticais. São considerados, por isso, palavras morfemáticas, tais como as preposições. Essas últimas funcionam como conectivos subordinativos, uma vez que relacionam termos da oração entre os quais estabelecem relação de subordinação e trazem para o contexto as noções ou de dinamicidade ou de não movimento.

Ordenação de termos: aspectos sintáticos e semânticos

Edila Vianna da Silva

AULA 17

Metas da aula

Apresentar a ordem dos termos na frase em português e discutir os aspectos do emprego da ordem direta ou indireta dos constituintes oracionais.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar o padrão de ordem dos constituintes da oração;
2. relacionar a ordem dos termos aos seus papéis sintáticos e semânticos.

INTRODUÇÃO

Você não deve ter ouvido ou lido muito sobre a ordem dos termos em português. Isso porque os manuais escolares e mesmo a maioria das gramáticas não dedica a atenção devida a esse nível da sintaxe e, quando abordam a questão, o foco restringe-se unicamente às regras de colocação dos pronomes átonos. Do ponto de vista sintático, a posição dos pronomes oblíquos átonos em relação ao verbo (único aspecto, aliás, a que a NGB faz menção explícita) é irrelevante. A rigor, esse é um problema de natureza prosódica, determinado pela formação de diferentes combinações de sílabas fortes e fracas. Em qualquer das três posições que o pronome pode ficar (ênclise, próclise ou mesóclise), não se altera a conexão sintática do pronome com o verbo, do qual ele continua sendo o mesmo complemento.

Para ilustrar, observe o emprego do pronome *me* nas frases a seguir. Não importa se o pronome *me* está antes (proclítico) ou depois do verbo (enclítico) ou se, em algumas circunstâncias, deverá ser colocado entre o radical e a desinência (mesoclítico): sua função será sempre a de objeto direto do verbo vestir-se.

- (1) Eu *me* vesti para a festa, na casa da costureira (pronome + verbo → próclise).
- (2) Vesti-*me* para a festa na casa da costureira (verbo + pronome → ênclise).
- (3) Vestir-*me*-ei para a festa, na casa da costureira (radical + pronome + desinência verbal → mesóclise).

Antes de iniciarmos os comentários sobre o tema, saiba que no terreno da frase, a ordem pode alterar o produto. Você irá entender como...

ORDENAÇÃO DE TERMOS E ORAÇÕES: EFEITOS DE EXPRESSIVIDADE

LINEARIDADE

É um princípio da linguagem segundo o qual os signos, as palavras apresentam-se em sequência, uns após outros, formando uma cadeia, a cadeia da fala.

A **LINEARIDADE** é uma contingência da linguagem verbal que se desenrola na linha do tempo. Não se deve confundi-la, porém, com ordem, conceito que subentende um arranjo dentro da linearidade. A ordem das palavras no sintagma, ou a dos sintagmas na oração, não é arbitrária; pelo contrário, obedece a certos padrões de colocação, que contribuem para estabelecer as diferenças entre as línguas.

Em português, a ordem normal, isto é, a de maior frequência, chamada de ordem direta, preferida nas frases declarativas, estrutura-se nos seguintes padrões (o elemento grifado é o pressuposto de cada construção: seu termo central):

- Oração: sujeito – *verbo* – complemento (SVC):

(4) *A jovem (S) recebeu (V) um prêmio muito valioso (C).*

- SN (sintagma nominal): determinante – *substantivo* – adjetivo: *um* (determinante) *prêmio* (substantivo) *valioso* (adjetivo)
- SA (sintagma adjetival): intensificador – *adjetivo: muito* (intensificador) *valioso* (adjetivo)
- SV (sintagma verbal): *verbo* – SN – SPrep (o sintagma preposicional (SPrep) é o resultado da conexão entre uma preposição e um sintagma nominal, nessa ordem – motivo óbvio para a denominação desta classe de palavras):

(5) *(O resultado do concurso) interessa (V) aos concorrentes (SPrep).*

Além disso, a ordem dos termos pode ser, por vezes, fator determinante de uma conexão sintática e, assim, funcionar como procedimento gramatical. Em frases como:

(6) *O menino viu o gatinho.*

(7) *O gatinho viu o menino.*

A posição dos termos é o único índice da função dos SNs (sujeito ou objeto direto), uma vez que não há marcas formais de indicação dessas funções (ambas são SN, expressões não preposicionadas) e o significado, bem como a flexão do verbo, permite que o processo verbal seja atribuído a um ou a outro dos SNs.

Os padrões de ordem dos sintagmas não são rígidos, como ocorre com a ordem irreversível dos morfemas no vocábulo, cuja posição não se pode alterar sob pena de mudar o significado do termo ou de gerar uma palavra inaceitável na língua. Por exemplo, o adjetivo *infeliz* é formado de prefixo (*in*) e radical (*feliz*). Não é possível colocar o radical antes do

prefixo (**felizin*) ou o prefixo no interior do radical (**feliniz*), porque teríamos gerado palavras fora dos princípios estabelecidos no sistema para a formação de palavras em português.

Apesar do predomínio da ordem direta, as inversões são comuns em português e, em certos casos, tornam-se exigências gramaticais, conforme veremos adiante. O mais importante fator, no entanto, para a colocação dos termos oracionais fora de sua ordem lógica é a *ênfase*. Por exemplo, a posposição do sujeito ao verbo de uma oração é uma posição de realce do sujeito. Já a anteposição dos complementos verbais ou dos adjuntos adverbiais aos verbos é recurso para enfatizar seus conteúdos semânticos.

(8) Vamos ao Nordeste, onde brilha o sol o ano inteiro (sujeito *sol* posposto ao verbo).

(9) Deixei a chefia, mas essa ata eu ainda terei de assinar (OD *essa ata* antecipado).

Em nível de estruturação sintática, há inversões possíveis, mas sempre com alteração, mais leve ou mais radical, da mensagem que se construiu conforme os padrões da língua. Essa alteração vai desde um pequeno efeito de expressividade, ou de uma profunda mudança semântica, até uma reorganização dos termos da frase, com troca de parceiro nos pares de constituintes que se encontram em relação de subordinação. É o que ocorre nos três últimos exemplos, em que vai mudando a incidência de *só* sobre seu subordinante (CARONE, 1990, p. 58):

- meu filho/filho meu (a colocação do possessivo dá maior subjetividade à expressão);
- esta palavra/palavra esta (que...);
- alguma coisa/coisa alguma (negação);
- olhos lindos / lindos olhos (adjetivo anteposto tem valor conotativo);
- uma estrela surge/surge uma estrela (expressão para indicar alguém de grande destaque, principalmente, no mundo das artes);
- eu quero sorvete/sorvete, eu quero (não outra coisa);
- você é bobo/bobo é você (não eu);
- só ele grita comigo (ninguém mais);
- ele só grita comigo (nunca fala de outro jeito);
- ele grita só comigo (com ninguém mais).

Na Aula 8, tratamos de figuras de sintaxe relativas à inversão. Vamos estudar agora as inversões de ordem gramatical.

ORDEM DOS SINTAGMAS NA FRASE

As unidades linguísticas ocupam certas posições na estrutura gramatical, conforme comentamos no início. A ordem mais frequente dos termos é chamada de *ordem direta* e a alteração nessa ordem é considerada *ordem inversa*:

(10) Penso muito nele (ordem direta).

(11) Nele penso muito (ordem inversa).

Existem constituintes que têm posição estabelecida na frase por exigência de regras gramaticais: o artigo deve vir antes do substantivo (*o menino*); o pronome pessoal oblíquo tônico ocorre necessariamente depois de preposição (*trouxe o livro para mim*) etc.

A posição dos constituintes pode também ser condicionada por fatores gramaticais associados a razões discursivas, como se dá na topicalização.

Topicalização

O uso, a clareza e a ênfase obrigam o falante a recorrer constantemente às inversões, às alterações da ordem direta. Nestes casos, é comum o emprego da *topicalização*, isto é, a colocação do termo que se quer realçar no início da oração. Em tese, todos os termos da oração podem ser deslocados para ganhar maior relevo e também por questões de clareza, ritmo e eufonia. Observe os exemplos:

(12) Deus fez o homem à sua imagem e semelhança (ordem direta: suj. + verbo + OD + adjunto).

(13) *O homem*, fê-lo Deus à sua imagem e semelhança (topicalização do OD).

(14) *À sua imagem e semelhança*, fez Deus o homem (topicalização do adjunto adverbial de modo).

(15) *Fez Deus o homem à sua imagem e semelhança* (topicalização do verbo, núcleo do predicado).

O deslocamento de um sintagma de sua posição para o início da frase ocorre, de modo geral, nas seguintes situações (AZEREDO, 2000, p. 154):

a) sujeito em orações declarativas que propiciam uma informação nova:

(16) *Os alimentos* não deram trégua e seus preços continuaram a subir em abril. *Os maiores vilões* foram produtos hortigranjeiros.

b) um sintagma que recupera uma informação disponível no discurso e que é retomada para progressão do texto:

(17) *Paralelamente ao aumento desses preços*, a desoneração da cesta básica ampliou as deflações de produtos como o açúcar refinado.

c) o adjunto adverbial modificador de toda a oração e que fornece o ponto de vista “segundo o qual se deve considerar a validade do conteúdo da oração principal”:

(18) *Em 12 meses*, a alta dos alimentos ficou em 13,99% (esse percentual refere-se aos 12 meses considerados).

A posição do adjetivo no sintagma nominal

Nesta posição, o adjetivo exerce a função sintática de adjunto adnominal e semanticamente delimita a significação do substantivo a que se refere e, deve vir, portanto, depois desse substantivo. Assim, pode-se estabelecer que:

a) na sequência *substantivo + adjetivo*, predominante no enunciado lógico, o adjetivo apresenta valor objetivo, meramente descritivo. Ex.: campos *verdes*; dia *triste*, homem *gordo*.

b) na sequência *adjetivo + substantivo*, provocada pela ênfase dada ao significado do qualificativo, o adjetivo apresenta um significado subjetivo, ou nas palavras de Azeredo (2000, p. 203) “assume plenamente o potencial afetivo-conotativo”. Ex.: *verdes* campos; *triste* dia, *trágica* notícia. “O adjetivo anteposto expressa uma qualidade irrelevante para a compreensão do objeto ou conceito denotado pelo substantivo” (idem).

Adjetivos de sentido meramente descritivo, como *anual*, *africano*, *fabril* não se posicionam antes do substantivo por indicarem características objetivas do referente do substantivo. Ex.: relatório *anual*, mas não *anual* relatório; atividade *fabril*, mas não *fabril* atividade; questão *africana*, mas não *africana* questão.

Há adjetivos que, nessa posição, adquirem sentido especial como *simples*:

(19) Um *simples* folheto resolve a sua dúvida (mero).

(20) Um folheto *simples* resolve a sua dúvida (sem complexidade).

c) dois ou mais *adjetivos* referidos ao mesmo *substantivo*: os tipicamente descritivos se colocam imediatamente após o substantivo, e os que possuem potencial afetivo-conotativo se colocam antes do substantivo ou após o adjetivo descritivo (Ex.: uma operação policial *gigantesca*, uma *gigantesca* operação policial, mas não **uma operação gigantesca* policial; duas casas coloniais *confortáveis*, duas *confortáveis* casas coloniais, mas não *duas casas *confortáveis* coloniais).

d) também se pospõem obrigatoriamente ao substantivo os adjetivos a que se siga um complemento: os pássaros *úteis* à lavoura, dois atletas *confiantes* na vitória, mas não *dois *confiantes* na vitória atletas ou *os *úteis* à lavoura pássaros.

e) A função adjetiva pode ser exercida também por locuções adjetivas (*preposição + substantivo*), que, então, serão, posicionadas obrigatoriamente depois dos substantivos: lápis *de cor*, armário *de alvenaria*, viagem *pelo Pantanal*, cesto *para papéis*.

f) A função adjetiva no SN, conforme já estudamos nas Aulas 11 e 12, pode ser representada por orações subordinadas adjetivas, que vão aparecer obrigatoriamente depois do substantivo ou pronome a que se referem.

(21) Os meninos *que passaram aqui...*

(22) Esse texto *que ela apresentou...*

(23) Alguém *que possa informar-me...*

g) No SN podem ocorrer, em conjunto, adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas referentes ao mesmo substantivo. Nesse caso, as orações adjetivas virão sempre em último lugar.

(24) As casas de madeira (locução) semiprontas (adjetivo) *que o arquiteto projetou* (oração adjetiva)...



Atende ao Objetivo 1

1. Comente o efeito do emprego da ordem direta e/ou inversa nos sintagmas que compõem as frases a seguir:

a) Ouviam-se *belas vozes*. / Ouviam-se *vozes belas*.

b) Vou para *qualquer cidade*. / Vou para uma *cidadezinha qualquer*.

c) “– Velho retórico! *Murmurou o Senhor*.” (Machado de Assis).

d) “Aliás, como *disse o historiador*, era o segundo cavaleiro do mundo.”

e) Estava sofrendo uma transformação em *minha vida*.

f) *Meu irmão*, nem lembro se o vi.

g) *A garota*, ela pedia muitos favores (coloquial).

h) *À garota* ela pedia muitos favores.

i) Procuravam-se os objetos perdidos em toda a casa.

j) Como é estranha a atitude do rapazinho!

l) Era um *homem simples*./Era um *simples homem*, um pobre mortal.

2. Observe os exemplos a seguir: mão direita; deputado federal; código civil; governo republicano.

Com base nesse *corpus*, comente a afirmativa: *Na colocação do adjetivo nos sintagmas nominais, a língua portuguesa apresenta RELATIVA liberdade.* (ROCHA LIMA, 2007, p. 304).

RESPOSTAS COMENTADAS

1. a) *belas vozes/vozes belas*: a colocação do adjetivo antes do substantivo enfatiza o significado do qualificativo; a posposição do adjetivo atribui-lhe valor objetivo, meramente descritivo.

b) *qualquer cidade*: uma cidade que não foi determinada/uma cidadezinha *qualquer*: uma cidade insignificante, significado realçado pelo emprego do diminutivo.

c) *murmurou o Senhor*: inversão verbo + sujeito em orações intercaladas, com verbos de "dizer".

d) *disse o historiador*: *idem anterior*.

e) *topicalização do predicado para realçar o processo que a vida do enunciador estava sofrendo*.

f) *topicalização do objeto direto, para enfatizar seu conteúdo, e posterior retomada com o emprego do pronome átono "o"*.

g) *repetição do sujeito para fins de ênfase*.

h) *topicalização do objeto indireto, por razões de ênfase*.

i) *inversão da ordem (verbo-sujeito), exigência gramatical com verbos na passiva sintética*.

j) *inversão da ordem (verbo-sujeito), frequente com orações exclamativas*.

l) *homem simples* – adjetivo posposto, na ordem frequente, com valor objetivo; *simples homem* – adjetivo anteposto, fora da ordem frequente, para enfatizar o valor conotativo, pejorativo, realçado pelo

outro SN, um pobre mortal, em que acontece a mesma ordem (adj. + subst.) de simples homem e pela mesma razão.

2. Adjetivos de sentido meramente descritivo, como os dos exemplos, não se posicionam antes do substantivo, de modo que não há liberdade absoluta no que se refere à colocação dos adjetivos em português.

Colocação dos advérbios

A partir de agora, veremos a colocação dos advérbios, em relação aos termos aos quais se referem: adjetivos, verbos ou outros advérbios.

a) Os advérbios vêm antes do adjetivo ou de outro advérbio que modificam:

(25) Por que os serviços no Brasil são *tão inefcazes*? (adv. + adj.).

(26) Minha secretária chega *bastante cedo* ao escritório (adv. + adv.).

b) Em relação ao verbo a que se referem, os advérbios ou expressões de valor adverbial:

- de modo – colocam-se depois do verbo:

(27) Gritava *desesperadamente* (verbo + adv.).

- de tempo ou de lugar – podem vir antes ou depois do verbo:

(28) *Naquela noite clara*, viam-se estrelas em profusão (adv. + verbo).

(29) Viam-se estrelas em profusão *naquela noite clara* (verbo + adv.).

(30) O melhor restaurante carioca de frutos do mar fica *em Copacabana* (verbo + adv.).

(31) *Em Copacabana*, fica o melhor restaurante carioca de frutos do mar (adv. + verbo).

- os de negação antecedem o verbo:

(32) *Não* desejo este castigo ao meu pior inimigo (adv. + verbo).

Os adjuntos oracionais, os que se referem a uma oração em sua totalidade, colocam-se, em geral, no início do enunciado, mas têm grande mobilidade e podem aparecer em qualquer posição:

(33) *Felizmente*, ela não vai mudar-se para tão longe (início da frase).

(34) Ela não vai mudar-se, *felizmente*, para tão longe (fronteira entre sintagmas).

(35) Ela não vai mudar-se para tão longe, *felizmente* (final da frase).

Conforme já comentamos, a ênfase do adjunto adverbial é propiciada por sua antecipação ao verbo:

(36) *Na semana seguinte*, os funcionários voltaram às suas atividades normais (adjunto antecipado ao verbo).

A inversão verbo + sujeito

A inversão verbo + sujeito é exclusivamente de natureza gramatical e ocorre:

a) em certas orações interrogativas:

(37) Para onde *caminha a humanidade?* (verbo + suj.).

(38) Onde *está o meu amor?* (verbo + suj.).

b) em frases exclamativas:

(39) Como *corre essa menina!* (verbo + suj.).

c) nas orações que contêm verbo no modo imperativo:

(40) *Ouça-me você*, que está aí parado! (verbo + suj.).

d) nas orações com verbos do tipo *dizer*, *perguntar*, *responder* e sinônimos:

(41) É estranho, *disse o diretor* (verbo + suj.).

(42) Não vou fazer, *protestou a jovem* com a fisionomia alterada (verbo + suj.).

e) com o verbo *existir*:

(43) Ali *existem jardins maravilhosos* (verbo + suj.).

f) com verbos intransitivos cujos sujeitos só podem ser de terceira pessoa:

(44) *Ocorreram acidentes sérios* com os catamarãs, no ano passado (verbo + suj.).

g) com verbos na voz passiva pronominal:

(45) Naquela mata, *ouviam-se ruídos estranhos* (verbo na passiva + suj.).

h) sujeito representado por uma oração vem normalmente depois do verbo da oração principal:

(46) *Ocorre* [que você não se dedicou ao estudo da sintaxe].

O sujeito da forma verbal *ocorre* é a oração destacada, que, como observamos, aparece depois do verbo.

OBSERVAÇÃO: Também se costuma antecipar ao verbo o objeto direto ou indireto:

(47) Os casos ele *contou* ao padrinho (OD + verbo).

(48) Ao diretor não *direi* nada (OI + verbo).

Nesse caso, podem-se retomar os complementos antecipados por meio de pronomes oblíquos:

(47a) *Os casos* ele *OS contou* ao padrinho.

(48a) *Ao diretor* não *LHE* *direi* nada.

Ordem das orações no período

Também as orações que formam o período composto seguem um padrão de colocação, como observaremos a seguir.

a) As orações principais podem vir antes – sua posição normal – ou depois das subordinadas.

(49) Chegarei *cedo* se puder (OP + OS).

(50) Se puder, *chegarei cedo* (OS + OP).

b) As subordinadas adjetivas vêm depois dos seus antecedentes (que estão na OP):

(51) Há livros *que merecem* várias leituras.

(52) O livro *de que lhe falei* recebeu um prêmio.

c) A oração subjetiva vem, geralmente, depois do verbo da oração principal, conforme se comentou em “A inversão verbo + sujeito”, no item h.

(53) Parece *que o trem atrasou*.

(54) É aconselhável *que não saiam já*.

d) A oração causal iniciada por **como** vem, habitualmente, antes da oração principal:

(55) *Como o resultado do exame foi negativo*, todos ficaram aliviados.



As advérbias encerram, ou devem encerrar, ideias secundárias em relação à mensagem da oração principal e, por isso, aparecem, geralmente, depois dela. Em certos casos, a oração subordinada constitui condição ou circunstância indispensável à eficácia comunicativa da principal, o que vai determinar sua topicalização no período. Observemos o exemplo retirado de Garcia (2000, p. 33).

(56) Quando as leis cessam de proteger nossos adversários, virtualmente cessam de proteger-nos (Rui Barbosa).

O conteúdo da oração subordinada (Quando as leis cessam de proteger nossos adversários) restringe o significado da oração principal, que, sem ela, ficaria incoerente.



Atende ao Objetivo 2

3. Os pronomes possessivos antepõem-se normalmente aos substantivos. Sua posposição, portanto, tem valor estilístico. Explique o efeito obtido com as duas possibilidades de colocação no trecho de Padre Antônio Vieira a seguir transcrito (apud ROCHA LIMA, 2007, p. 305).

“Um príncipe estrangeiro... bem pudera ser nosso rei, mas vai grande diferença de ser *nosso rei* a ser *rei nosso*.”

4. Com base no *corpus*, comente a afirmativa a seguir: “Em português, o sujeito sempre precede o predicado”.

- a) Analisou-se, na última reunião, a proposta do secretário da empresa.
- b) Felizmente, não ocorrem tumultos no réveillon na praia de Copacabana.
- c) Foram vendidos todos os ingressos para o show do circo canadense.
- d) Sabe-se que a atriz passou por uma cirurgia delicada.

RESPOSTA COMENTADA

3. Em “nosso rei”, o possessivo está na ordem canônica e significa que o príncipe poderia ser rei de seu povo. Em “rei nosso”, o possessivo

toma valor afetivo, o príncipe seria um rei realmente comprometido com o seu povo.

4. Embora, na maioria das vezes, seja essa a ordem de nossas frases, há estruturas em que a ordem canônica é a inversão verbo + sujeito, como em estruturas com verbos na passiva, seja sintética (frase a) seja analítica (frase c); com verbos unipessoais (o sujeito é sempre de terceira pessoa) intransitivos (frase b). Na frase d, o verbo “saber” está na passiva sintética (com pronome “se”) e o seu sujeito é a oração “que a atriz passou por uma cirurgia delicada”; nesse caso – sujeito oracional – é normal que fique posposto ao verbo.

CONCLUSÃO

Expusemos, nesta aula, noções sobre ordenamento dos constituintes das orações para que você conheça um aspecto da sintaxe de nossa língua pouco explorado nos livros didáticos, mas que apresenta grande relevância na elaboração dos textos em português. Verificamos que, embora os termos sigam certa ordem, esses padrões de ordem na oração não são rígidos, como ocorre com a ordem imutável dos elementos formadores do vocábulo. Pudemos também observar que as inversões são recursos estilísticos importantes e o seu emprego pode enriquecer um texto e torná-lo mais expressivo.

Antes de concluirmos esta aula, faremos algumas atividades a fim de fixarmos os conteúdos trabalhados.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Aponte a diferença de significado das sentenças em pares:

a) Ele *não prometeu* comparecer ao encontro./Ele prometeu *não comparecer* ao encontro.

b) *Até o ministro* admitiu que a situação estava difícil. / O *Ministro até admitiu* que a situação estava difícil.

2. Os termos grifados estão na ordem inversa no período a seguir. Comente os efeitos discursivos dessa colocação.

Atualmente, existe uma tendência para desprezar a educação linguística, sustentando-se que apenas uma minoria tem necessidade de se destacar escrevendo ou falando bem, e que, *para os demais*, é suficiente o mínimo.

3. Comente a colocação das orações dependentes (subordinadas ou hipotáticas) no período a seguir.

[Feita a pausa], volto à realidade e à obrigação, [pinçando um tema] [que me parece importante: a ordem dos termos em português].

RESPOSTA COMENTADA

1. a) *Ele não prometeu comparecer ao encontro.* / *Ele prometeu não comparecer ao encontro.*

Na primeira estrutura, o advérbio **NÃO** está anteposto à forma verbal *prometeu* e sobre ela incide a negação: *não prometeu*. Já na segunda estrutura, o advérbio **NÃO** está anteposto à forma verbal *comparecer* e *nega* o significado deste verbo.

b) *Até o Ministro admitiu que a situação estava difícil.* / *O Ministro até admitiu que a situação estava difícil.*

No primeiro enunciado de b, o operador discursivo *até* inclui o ministro no rol dos que admitem estar a situação difícil. No segundo enunciado, o sentido da frase é alterado pela anteposição do operador à forma verbal *admitiu*: *o ministro, ao analisar a situação, reconheceu – por ser incontestável – que a situação estava difícil*.

2. *Atualmente*, existe uma tendência para desprezar a educação linguística, sustentando-se que apenas uma minoria tem necessidade de se destacar escrevendo ou falando bem, e que, *para os demais*, é suficiente o mínimo.

O advérbio de tempo pode vir antes ou depois do verbo. Na frase, o advérbio atualmente está topicalizado e serve para enfatizar e limitar o momento no qual deve ser considerada verdadeira a afirmação que segue.

A ordem direta da outra estrutura considerada é: O mínimo é suficiente para os demais. A ordem inversa, com a topicalização do complemento de suficiente, enfatiza o contraste entre a minoria (que deve receber educação linguística adequada) e a massa (para quem o mínimo é o bastante).

3. [Feita a pausa], volto à realidade e à obrigação, [pinçando um tema] [que me parece importante: a ordem dos termos em português].

A oração principal é “volto à realidade e à obrigação”, com a qual estão articuladas as orações “Feita a pausa, pinçando um tema e que me parece importante: a ordem dos termos em português”. A primeira delas, hipotática adverbial, inicia o período (está, portanto, topicalizada), posição que funciona como recurso para enfatizar seu conteúdo semântico. A segunda “pinçando um tema”, também hipotática adverbial, vem depois do verbo que está expandindo, na função de adjunto adverbial, e, consequentemente, na ordem direta. A terceira, “que me parece importante: a ordem...” é adjetiva e aparece depois do substantivo tema ao qual se refere, na ordem direta.

RESUMO

A ordem das palavras no sintagma, ou a dos sintagmas na oração, não é arbitrária; pelo contrário, obedece a certos padrões de colocação, que contribuem para estabelecer as diferenças entre as línguas. Em português, a ordem normal, isto é, a de maior frequência, chamada de ordem direta, preferida nas frases declarativas, é de SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS. Os padrões de ordem dos constituintes oracionais não são rígidos, como ocorre com a ordem dos morfemas no vocábulo, cuja posição não se pode alterar sob pena de mudar o significado do termo ou de gerar vocábulos não previstos pelos mecanismos de formação de palavras do português. Apesar do predomínio da ordem direta, as inversões são comuns em português e, em certos casos, tornam-se exigências gramaticais. Saliente-se que o mais importante fator para a colocação dos termos oracionais fora de sua ordem lógica é a ÊNFASE.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula será a última de nossa disciplina e, por essa razão, vamos dedicá-la a uma ampla revisão dos conteúdos estudados por meio de atividades adequadas.

Aproveitem a oportunidade para elucidar as dúvidas.

Até lá!

AULA 18

Fixação de conteúdos

Edila Vianna da Silva / Nilza Barrozo Dias

Meta da aula

Revisar o conteúdo das aulas anteriores (8 a 17).

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir os mecanismos sintáticos das orações coordenadas, hipotáticas, subordinadas substantivas e adjetivas;
2. reconhecer os valores semântico-discursivos dos conectores da frase em português;
3. reconhecer as funções sintáticas e discursivas das classes de palavras;
4. relacionar a ordem dos termos oracionais e das orações a seus papéis sintáticos e semânticos.

INTRODUÇÃO

Os conteúdos de sintaxe, conforme deve estar observando, não apresentam dificuldades maiores do que outros já estudados por você, mas requerem bastante exercitação. Essa é a razão de dedicarmos duas aulas (a Aula 8 e a Aula 18) exclusivamente para revermos a matéria já estudada por meio de tarefas de fixação dos assuntos comentados nas aulas de 8 a 17. Faça os exercícios com muita atenção. Esperamos que sejam bastante proveitosos para sua aprendizagem.



Atende ao Objetivo 1

1. Classifique as orações coordenadas grifadas a seguir.

a) Muita coisa mudou desde os anos 1980, *mas um bom design é para sempre.*

b) Antes de solicitar um empréstimo *ou efetuar uma transação comercial*, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor. Evite fornecer documentos pessoais ou depositar valores antes da verificação.

c) Mais um site de encontros... *só que é para cachorros.*

d) Suspirou e morreu.

e) Compre O Globo todos os dias nas bancas, recorte os selos numerados *e ganhe um smarphone*. Comece já a sua coleção (propaganda da Vivo).

RESPOSTA COMENTADA

1. A oração sublinhada em (a) é uma coordenada adversativa; a sublinhada em (b) é uma alternativa; a sublinhada em (c) é uma coordenada adversativa; as sublinhadas em (d) e (e) são aditivas.

**Atende ao Objetivo 1**

2. Classifique as hipotáticas adverbiais entre colchetes, a seguir. Além disso, indique as orações principais das hipotáticas.

a) [Quando tinha 15 anos], Flávia Alessandra, hoje com 38, foi expulsa do colégio militar onde estudava [porque inventou de frequentar as aulas] [usando, batom, esmalte e cruz à la Madonna]. (...) Há seis meses treina corrida na Barra da Tijuca. "O esforço foi tanto que passei do manequim 40 para o 36" (...), diz Flávia (Revista *Veja*, 10/10/12).

b) O presidente Lula, recentemente, virou um presidente mais preocupado com marketing eleitoral [do que em governar o país] (ROSÁRIO, 2012).

c) [Embora o ministro do SNI tenha garantido que vai cumprir a nova Constituição], [liberando as informações pessoais requeridas pelos cidadãos – vivos – de acordo com o *habeas data*] – ele próprio admitiu restrições segundo os interesses de segurança da sociedade e do Estado (SILVA, 2011).

RESPOSTA COMENTADA

2. a) O exemplo (a) apresenta três orações hipotáticas entre colchetes. A primeira é uma adverbial temporal, por indicar o tempo em que ocorreu o evento descrito na oração principal que se realiza como "Flávia Alessandra, hoje com 38, foi expulsa do colégio militar onde estudava". A segunda oração entre colchetes – "porque inventou de frequentar as aulas" – constitui o motivo, a causa de a Flávia Alessandra ter sido expulsa do colégio militar. Logo, a oração é uma adverbial causal em relação à mesma oração principal – "Flávia Alessandra, hoje com 38, foi expulsa do colégio militar onde estudava". Já a terceira oração entre colchetes – "usando, batom, esmalte e cruz à la Madonna" – denota um valor adverbial modal em relação à oração principal – "porque inventou de frequentar as aulas". Logo, a oração "porque inventou de frequentar as aulas" acumula duas funções sintáticas: a de adverbial causal e a de oração principal.

b) A oração hipotática entre colchetes funciona como uma adverbial comparativa, em que dois elementos são comparados: marketing eleitoral e governar o país.

c) Podemos observar duas sentenças hipotáticas entre colchetes. A primeira introduzida por “embora” indica um valor de concessão, ou seja, é uma adverbial concessiva. O ministro deu garantia de cumprimento da nova Constituição, isso era o esperado por todos, mas o ministro admitiu restrições no cumprimento. Tais restrições não esperadas se fazem representar como oração principal: “ele próprio admitiu restrições segundo os interesses de segurança da sociedade e do Estado”. A segunda oração entre colchetes representa uma adverbial modal, por indicar o modo do cumprimento da Constituição, em relação à oração principal: “Embora o ministro do SNI tenha garantido que vai cumprir a nova Constituição”. Assim esta oração introduzida por “embora” acumula duas funções: oração adverbial concessiva e oração principal.



Atende ao Objetivo 1

3. Observe as orações entre colchetes a seguir e classifique somente aquelas que sejam subordinadas substantivas e adjetivas.

a) [Como poucos de nós vivem em tribos isoladas e talvez pratiquem menos ainda a troca de casais], prevalece a norma do repúdio muito mais intenso não só à mulher [que trai], mas ao homem [que é traído] (Revista *Veja*, 10/10/12).

b) Ficou mais fácil [aproveitar nossos perfis de passagens].

c) São essas as notícias que eu fiz questão de trazer nesta tarde, não só porque é uma região [onde eu resido], [onde constituí minha vida política] [e onde minha família vive até hoje], mas também porque são programas que vão atender, em especial, às camadas mais pobres (ROSÁRIO, 2012).

d) Na última década, estudos mostraram [que a empatia não é apenas um conceito filosófico], mas pode ser localizada dentro da massa cerebral. A empatia é a capacidade natural que temos de identificar o [que outra pessoa está pensando] [ou sentindo] e responder com uma emoção apropriada. [Quando alguém chora ao ver um filme triste] ou esboça um sorriso [ao ouvir uma gargalhada], ativa a empatia (...) (“Memóriaafiada”. In: Revista *Veja*, 01/12/2010).

RESPOSTA COMENTADA

3. a) No exemplo (a), temos três orações entre colchetes, mas somente a segunda e a última são subordinadas. Assim a oração – “que trai” – é uma subordinada adjetiva, que retoma a palavra “mulher” e a oração – “que é traído” – também é uma oração subordinada adjetiva, que retoma a palavra “homem”.

b) A oração entre colchetes representa uma subordinada substantiva com a função de sujeito, que ocorre na posição posposta à oração principal. Se colocássemos na ordem direta, teríamos: “aproveitar nossos perfis de passagens” ficou mais fácil. Ou seja, ISSO ficou mais fácil. A oração subordinada ocorre na posição de sujeito.

c) As três orações entre colchetes são introduzidas por “onde”. Os três pronomes retomam a palavra “região” na oração – “porque é uma região”. Temos, então, três orações subordinadas adjetivas, coordenadas entre si.

d) O exemplo (d) apresenta quatro orações/sentenças entre colchetes. A primeira funciona sintaticamente como objeto direto de “mostraram”, sendo, portanto, uma subordinada substantiva. O segundo destaque – que outra pessoa está pensando ou sentindo – apresenta a função de subordinada adjetiva, por retomar uma palavra base, “o”, com o valor de “aquilo”, pronome demonstrativo. Temos duas orações coordenadas entre si, do tipo alternativa, que funcionam como subordinadas adjetivas. As duas últimas orações entre colchetes funcionam como adverbiais temporais.



Atende ao Objetivo 3

4. Indique a função sintática do pronome relativo grifado.

a) A empatia é a capacidade natural *que* temos de identificar o *que* outra pessoa está pensando ou sentindo e responder com uma emoção apropriada (...).

b) Flávia Alessandra foi expulsa do colégio militar *onde* estudava (...).

RESPOSTA COMENTADA

4. No primeiro item, o pronome relativo “que” retoma a palavra “capacidade natural”. Temos, então, a oração “que temos de identificar”, que pode ser lida como: “a capacidade natural temos de identificar”. Nós podemos dizer que “nós” é o sujeito não explícito de temos, que seleciona o objeto direto “a capacidade natural”, que se manifesta sob a forma morfológica de pronome relativo “que”.

No segundo item, o relativo “onde” retoma o substantivo “colégio militar” e, na oração “onde estudava”, terá a função de adjunto adverbial de lugar.



Atende aos Objetivos 1 e 3

5. Identifique a função sintática das orações subordinadas substantivas destacadas a seguir.

a) Olha.. eu estava me afogando e ele me perguntou *se eu queria sair da água* (Projeto NURC DID POA).

b) Eu gostaria *que a senhora me dissesse* o que a senhora considera um bom artista (Projeto NURC DID SP).

c) Eu estava explicando... *que para cada 100 engenheiros que são pedidos... é pedido um advogado...* quer dizer a desproporção é incrível... (Projeto NURC D2 SP).

RESPOSTA COMENTADA

5. Temos três elementos sublinhados. Em (a), o elemento sublinhado funciona como objeto direto de “perguntou”. Em (b), o elemento

sublinhado funciona como objeto indireto de “gostar”, embora não haja preposição explicitada. Em (c), o elemento sublinhado funciona como objeto direto de “explicando”.



Atende aos Objetivos 1 e 2

6. Identifique a estratégia utilizada na oração adjetiva destacada. A seguir, substitua-a por outra estratégia.

a) Um Bravo tem todos os itens *que você precisa* (Fiat Bravo).

b) Os painéis solares geram a energia *que sempre sonhamos com ela* (CASTILHO, 2010, p. 367).

c) Não há nenhuma área em São Paulo *que a polícia não entre* (CASTILHO, 2010, p. 367).

d) Não há nenhuma área em São Paulo *em que a polícia não entre*.

RESPOSTA COMENTADA

6. O português do Brasil apresenta três estratégias de adjetivas: *padrão*, *copiadora* e *cortadora*. No exemplo (a), encontramos a *cortadora*. Na forma *padrão*, teríamos “de que você precisa”. No exemplo (b), temos a estratégia *copiadora*, que poderia ser substituída pela estratégia *padrão*: com que (a qual) sempre sonhamos”. No exemplo (c), temos uma estratégia *cortadora*, enquanto no exemplo (d), temos a estratégia *padrão*.



Atende ao Objetivo 2

7. No fragmento de texto transcrito a seguir, estão sublinhados alguns termos que ligam os enunciados. Explique o seu papel discursivo.

O brasileiro ainda está longe de ter acesso a todas as obras desses jovens autores portugueses, *mas* (1) já pode compor um painel da literatura da antiga metrópole. *Para* (2) melhor usufruir essas obras, *porém* (3), é necessário se desfazer de uma ilusão renitente em rodas intelectuais dos dois lados do Atlântico: a de *que* (4) Portugal e Brasil, pelo simples fato de adotarem a mesma língua, tenham alguma espécie de afinidade natural na literatura. Já deixou de ser assim há mais de um século (TEIXEIRA, Jerônimo. In: "Uma outra linguagem". Revista *Veja*, São Paulo, n. 33, 17 ago. 2005, p.126).

RESPOSTA COMENTADA

- 7.(1) *MAS* indica oposição entre o conteúdo da oração que inicia e a anterior; o brasileiro não conhece a maioria das novas obras literárias portuguesas; isso não lhe impede de ter uma noção geral da literatura portuguesa, no entanto;
- (2) *PARA* indica a finalidade do ato de desfazer-se da ilusão dos intelectuais brasileiros e portugueses;
- (3) *PORÉM* condiciona a possibilidade de o leitor brasileiro conhecer bem a literatura portuguesa ao fato de se desfazer da ideia de que as literaturas dos dois países são afins;
- (4) *QUE* torna a oração seguinte um termo da anterior, na função de complemento nominal de ilusão, e assim, completa a significação do termo.



Atende ao Objetivo 4

8. Comente a ordem das orações grifadas no texto a seguir.

“A comida inglesa em geral não é lá essas coisas. *Quem anda pelo mundo* (1) *sabe que a Inglaterra não tem uma comida tão saborosa* (2) *como a* (3) *que você faz* (4)” (BRAGA, Ana Maria. In: “Panorama”. Revista *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p.126).

RESPOSTA COMENTADA

8. A ordem direta em português é S + V + O, embora, em certas estruturas, a ordem normal seja a inversa, como quando a oração funciona como sujeito de outra. No período em análise, no entanto, a oração subjetiva (1) é justaposta e sua posição mais frequente é a anteposição ao verbo (sabe), que constitui a oração principal. De acordo também com a ordem canônica, o objeto direto do verbo, representado pela oração (2), segue-se a ele. A oração (3) manifesta o segundo elemento da comparação (a comida inglesa não é saborosa como é a comida feita pela chef Nigella Lawson, a quem Ana Maria se dirigia). Por fim, a oração (4) é adjetiva e funciona como adjunto adnominal de comida, substantivo retomado pelo relativo que.



Atende ao Objetivo 3

9. Como estudamos na Aula 16, as preposições podem ser esvaziadas de sentido ou desdobradas em significados derivados do contexto de seu uso, construídos com base em nossa experiência de mundo. Indique, então, o emprego das preposições grifadas no fragmento de texto a seguir.

As forças *do* (1) atraso sabotam projetos *em favor do* (2) Brasil e ameaçam inviabilizar a chegada *da* (3) saudável concorrência *aos* (4) portos e a reforma, imperfeita, mas positiva, *do* (5) ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) (SAKATE, Marcelo. In: "Um avanço sob ameaça". Revista *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p. 64).

RESPOSTA COMENTADA

9. Em (3), (4) e (5), há uma imposição de ordem sintática; as preposições são selecionadas pelos termos antecedentes e, assim, regem complementos desses termos (chegada, concorrência e reforma). Elas têm função somente relacional.

Em (1) e (2), a seleção é condicionada pelo significado da mensagem, que é ampliado por seu emprego. Em "forças do atraso" e "projetos em favor do Brasil",

Os SN formados por PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO acrescentam um significado às estruturas e exercem função adjetiva (atrasados e favoráveis) em relação aos antecedentes (forças e projetos). Em tais casos, além de estabelecer ligação, a preposição exprime um conteúdo significativo e a sua função é, sobretudo, nominal.



Atende ao Objetivo 3

10. A fronteira entre o substantivo e o adjetivo é, algumas vezes, bem tênue. Observe os enunciados e identifique a função do elemento destacado, se substantivo ou adjetivo, se núcleo ou adjunto adnominal.

a) Foram homenageados os soldados *mortos* na Segunda Guerra.

b) Os *mortos* não podem opinar sobre a necessidade da guerra.

c) “Sou filha de *ex-escravos* submetidos ao sistema” (Lauryn Hill. In: Revista *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p. 47).

d) Vamos melhorar *nossa qualidade* de vida com novas fontes de energia.

RESPOSTA COMENTADA

10. Em (a) e (b), a palavra em análise apresenta a mesma forma, mas, no primeiro segmento, é modificador do substantivo “soldados” e tem, assim, valor adjetivo e função de adjunto adnominal. No segundo segmento, é núcleo do sujeito e, portanto, um substantivo. Em (c) “ex-escravos” integra uma locução adjetiva (de + ex-escravos) e funciona como adjunto adnominal do substantivo “filha”.

Em (d), o termo “qualidade” é núcleo do objeto direto do verbo “melhorar”; é substantivo, então; o pronome “nossa”, por sua vez, indica posse da primeira pessoa do plural e refere-se ao substantivo “qualidade”; é, portanto, um pronome adjetivo possessivo na função de adjunto adnominal.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final da Aula 18 e também ao final de nosso curso. Esperamos que a abordagem dos fatos sintáticos do ponto de vista da gramática tradicional e de outros quadros teóricos tenha contribuído para ampliar a sua reflexão sobre as relações entre os constituintes das frases. Consideramos que o estudo do emprego semântico e discursivo dos recursos da sintaxe – uma das propostas da disciplina Português III – poderá auxiliá-lo na elaboração de textos mais expressivos e eficazes. Sucesso!

Português III

Referências

Aula 10

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS; MOURA. A avaliação na oração matriz e no segmento A. *Revista Veredas*, v. 15, série 1, 1º semestre de 2011.

GONÇALVES; SOUZA; CASSEB-GALVÃO. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES; ILARI (orgs.). *Gramática do português culto falado*. vol. 2. Campinas: Unicamp, 2008.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1993.

MATEUS, Maria Helena; XAVIER, Maria Francisca. *Dicionário de termos linguísticos*. Vol. II. Associação Portuguesa de Linguística. ILTEC. Lisboa: Livraria Arco-Íris e Edições Cosmos, 1992.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PROJETO NURC SP. CASTILHO; PRETTI (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

PROJETO NURC RJ. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>.

PROJETO NURC SALVADOR. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>>.

PROJETO NURC POA. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>>.

Aula 11

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

DUARTE, Maria E. L. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. In: _____ (orgs.). São Paulo: Contexto, 2007.

Aula 12

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BRAGA, Maria Luiza. Os enunciados de tempo no português falado do Brasil. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp. 1999, p. 443-460.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DECAT, M. Beatriz. A função focalizadora de estruturas “desgarradas” no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: MARÇALO, M.J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. do Céu; GONÇALVES, O.; VILELA, Ana L.; e SILVA, Ana A. (eds.) *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n 53-54, p. 60-94, 1978.

PROJETO NURC/REC. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador: Tenório Vilanova. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/programa-nucleos>>. Acesso em: 1/04/2013.

TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Universidade da Pensilvânia, 1983.

Aula 13

ALMEIDA, Daniel M. V. de; MARINHO, Janice H. C. Dos marcadores discursivos e conectores: conceituação e teorias subjacentes. *Gláuks*, v. 12, n. 1, 2012, p. 169-203. Disponível em: <<http://www.revistaglauks.ufv.br/artigo/133>>. Acesso em: 02/01/2013.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

MARINHO, J. H. C. Estudando expressões conectivas emergentes no português brasileiro escrito. In: *Encontro Nacional da ANPOLL: 25 anos de ANPOLL – memórias e perspectivas*, 25. Belo Horizonte, 2010.

PEZATTI, E. G. *Coordenando orações na língua portuguesa*, 2009. Disponível em: <museulinguaportuguesa.org.br/colunas.ph>. Acesso em: 12/01/2013.

RAMALHO, Marina. Fachadas desfiguradas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/09/2005, Caderno Imóveis, p.1.

RÓNAI, Cora. Patroas e empregadas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 04/04/2013. p. 10.

ROULET, Eddy. *La Description de l'Organisation du Discours: du Dialogue au Texte*. Paris: Didier, 1999.

Aula 14

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz N. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

ENCICLOPÉDIA INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E COMPORTAMENTAIS, [19--]

GARCÍA, Ángel López. Relaciones Paratácticas e Hipotácticas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2004.

IZUTSU, Mitsuko Narita. Contrast, Concessive, and Corrective: Toward a Comprehensive Study of Opposition Relations. *Journal of Pragmatics*, n. 40, p. 646-675, 2008.

LLORACH, Emílio Alarcos. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. As construções concessivas. In: _____ (org.). *Gramática do português falado*. Vol. 7. Campinas: Unicamp, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, Ivo. *Expressão da concessividade em construções do Português do Brasil*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SALGADO, Érica. *As construções concessivas no português brasileiro do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

Aula 15

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2000.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n.1., jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br>>.

PROJETO NURC SP. CASTILHO; PRETTI (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

PROJETO NURC POA. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>>.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

Aula 16

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CAETANO, Marcelo M. *Gramática reflexiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ferreira, 2009.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PROJETO NURC SP. CASTILHO; PRETTI (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

PROJETO NURC RJ. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>.

PROJETO NURC POA. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>>.

Aula 17

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CARONE, Flávia B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1990.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Aula 18

BRAGA, Ana Maria. Panorama. *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p.126.

CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

HILL, Lauryn. *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p. 47.

PROJETO NURC POA. Projeto da Norma Regional Culta Urbana. Coordenador Geral: Dino Pretti. Disponível em: <<http://www.bn.com.br/~gcintra/nurc.html>>.

PROJETO NURC SP. CASTILHO; PRETTI (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Vol. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.

ROSÁRIO, Ivo. *Construções correlativas aditivas em perspectiva funcional*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SAKATE, Marcelo. Um avanço sob ameaça. *Veja*, São Paulo, n. 20, 15 maio 2013, p. 64.

SILVA, Anderson Godinho. *Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ISBN 978-85-7648-935-1



9 788576 489351



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade
Federal
Fluminense



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UFRRJ



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Ministério da
Educação



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA